

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

MAYA VAN WAGENEN



Popular

DICAS VINTAGE PARA SER UMA
GAROTA DESCOLADA

GLOBOLIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Popular

DICAS VINTAGE PARA SER UMA GAROTA DESCOLADA

Maya Van Wagenen

Tradução

Amanda Orlando

GLOBOLIVROS



Copyright © 2014 Maya Van Wagenen
Copyright da introdução © 2014 Betty Cornell Huston
Copyright da tradução © 2014 Editora Globo S.A.

Publicado segundo acordo com a Dutton Book, uma divisão da Penguin Group (USA) LLC.

Com exceção dos irmãos do autor, os nomes das crianças e alguns adultos, bem como detalhes físicos mencionados no livro foram alterados de forma a proteger a sua privacidade.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão dos detentores dos *copyrights*.

Título original: *Popular: Vintage Wisdom for a Modern Geek*

Editor responsável **Eugenia Ribas-Vieira**

Editor assistente **Lucas de Sena Lima**

Edição de arte **Adriana Bertolla Silveira**

Edição digital **Erick Santos Cardoso**

Diagramação **Diego de Souza Lima e Gisele Baptista de Oliveira**

Tradução **Amanda Orlando**

Preparação **Celeste Varela**

Revisão **Silvia Massimini Felix, Andressa Bezerra Corrêa e A Florista Editorial**

Projeto gráfico do miolo **Laboratório Secreto**

Design de miolo e capa **Danielle Calotta**

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Wagenen, Maya Van

W133p

Popular: dicas vintage para ser uma garota descolada / Maya Van Wagenen; tradução Amanda Orlando. - 1. ed. - São Paulo: Globo, 2014.

il.

Tradução de: Popular: Vintage Wisdom for a Modern Geek

ISBN 978-85-250-5780-8

1. Autoconfiança - Literatura infantojuvenil. 2. Adolescentes - Literatura infantojuvenil. 3. Psicologia do adolescente. 4. Adolescência - Comportamento. I. Título.

14-13898 CDD: 155.5

CDU: 159.922.8

1ª edição, 2014

Direitos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Av. Jaguaré, 1.485 — 05346-902 — São Paulo — Brasil

www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Oi!](#)

[Introdução](#)

[Setembro](#)

[Outubro](#)

[Novembro](#)

[Dezembro](#)

[Janeiro](#)

[Fevereiro](#)

[Março](#)

[Abril](#)

[Mai](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Créditos das fotografias](#)

[Notas](#)

*Para todos aqueles que já ficaram sentados sozinhos no fundo da sala.
Este livro é para vocês.*

Oi!

Sou Betty Cornell!

Escrevi o Guia de popularidade para adolescentes em 1951. Eu tinha 24 anos. A calça cápri ainda era a última moda. Ela ia até um pouco abaixo do joelho e era a coisa mais curta que a gente podia usar. As bainhas das saias plissadas em geral iam até o tornozelo e muitas garotas tricotavam para si mesmas suéteres com decote careca que estavam muito na moda. Mais de uma década nos separavam das minissaias e nunca nem tínhamos ouvido falar de jeans skinny nem de blusas que deixam a barriga de fora.

Se você quisesse mudar o cabelo, fazia um alisamento no salão de beleza. (Não existiam caixinhas de tintura nas prateleiras das farmácias porque ninguém pintava o cabelo!) Para modelar meus fios, todas as noites eu os prendia em bobs com grampos, enchia os tubinhos com lenços de papel para dar mais volume, ia para a cama e acordava pela manhã com o perfeito penteado de pajem.

Porém, hoje as coisas mudaram. Eu ando pela cidade e vejo cabelos em tons de azul e cor-de-rosa, e as roupas são muito mais reveladoras. Tenho observado muitos modismos que são consideravelmente menos modestos que aqueles que me atraíam quando era jovem, já estou por aí há tempo suficiente para reconhecer que grande parte da moda está atravessando as barreiras do passado. Quanto mais as coisas mudam, é interessante ver que o cerne da motivação de superar a geração anterior claramente permanece igual, do mesmo jeito que era quando escrevi meu livro. É reconfortante saber que, apesar de eu não ser mais uma parte proeminente do mundo da moda, a meta ainda é a mesma, embora seus produtos não mais o sejam.

Minhas memórias mais vívidas da publicação do meu Guia de popularidade para adolescentes são de como eu me sentia feliz sempre que recebia cartas de adolescentes me contando o quanto

havam aprendido ao ler meu livro. Elas me contavam sobre suas roupas, o cabelo e as festas – e eu adorava ler as coisas que essas meninas escreviam.

Entretanto, fiquei surpresa, muitos anos depois, por meu livro ter me trazido outra mensagem. E, dessa vez, em forma de e-mail, as palavras logo se mostraram as mais calorosas e profundas. A remetente era Maya Van Wagenen. Em abril de 2012, ela me contou que eu tinha mudado sua vida. Maya usou as dicas do meu livro para lidar com os desafios que enfrentava na escola. De forma notável, ela seguiu meus conselhos de décadas anteriores no mundo de hoje. Fiquei extremamente encantada ao saber que meu livro tinha resistido ao teste do tempo e ainda era capaz de ajudar as adolescentes.

Quando terminei de ler o livro de Maya — este que você também está prestes a ler —, senti um turbilhão de sentimentos: orgulho, amor, satisfação, e voltei às felizes lembranças das minhas leitoras. Fiquei impressionada com tanta sabedoria, elegância e graça de Maya para contar sua história. Ao longo dos anos, vi várias tendências de moda e beleza irem e virem. Em raras ocasiões, algumas delas retornaram, alguns anos depois, com modificações para se adequarem ao gosto da nova geração. Só que, quando escrevi o livro, jamais pensei que meus conselhos iriam se tornar relevantes, sessenta anos depois, através do olhar de uma nova e jovem autora.

Comecei minha carreira como modelo e então obtive um grande sucesso como escritora. Maya está começando sua carreira como autora, mas já é um modelo de coragem e confiança para a geração dela e para as que ainda estão por vir.

Betty Cornell

Introdução

(Ou como toda esta coisa começou)

NÃO PULE ESTA PARTE

SÉRIO, NÃO PULE ESTA PARTE

“A escola é uma espinha no meio da nossa vida”, Kenzie, minha melhor amiga, um dia me disse. Amém. Minha escola não é nenhuma exceção. No primeiro dia de aula, passe pelas portas de vidro todo arranhado e sua vida se tornará uma série de encontros brutais e dolorosos: ser chamada de babaca pelos jogadores de futebol que sentam perto de você na aula de ciências, ficar só de sutiã e calcinha da vovó diante do seu armário no vestiário durante a educação física. Você não consegue abrir a porta enquanto as garotas ao redor soltam risadinhas e apontam enquanto você fica ali chorando por seu coração não saber que esse tipo de dor era possível. Só que tem uma coisa que pode te ajudar a espremer essa espinha grande e horrível: uma compreensão cuidadosa de como essa cadeia alimentar social é organizada.

ESCALA DE POPULARIDADE DA MINHA ESCOLA

(Dos nobres aos plebeus)

10. Garotas do Vôlei
9. Facção do Futebol
8. Galera Rica (incluindo as Garotas-Mais-Populares-Que-Se-Vestem-De-Forma-Sedutora)
7. Geeks de Banda
6. Geeks do Coral
5. Garotas Góticas Artistas

4. Garotas-Menos-Populares-Que-Se-Vestem-De-Forma-Sedutora
3. Adolescentes Grávidas (temos duas delas atualmente, uma do sétimo ano e outra do oitavo)
2. Geeks de Computador (não temos quase nenhum)
1. Nerds de Biblioteca (que leem muito e amam quadrinhos japoneses)
0. Os Ignorados (alunos do sexto ano)
 - 1. Párias Sociais
 - 2. Professores
 - 3. Professores Substitutos

Você é categorizado por onde passa seu tempo e com quem se associa. Ou não. Eu caí no grupo dos párias sociais, o nível mais baixo entre as pessoas da escola que não são pagas para estarem lá. Sou acompanhada, na minha baixíssima posição negativa, pela minha melhor amiga e confidente, Kenzie. Na maior parte do tempo, é uma existência tranquila, monótona, invisível, isto é, até você ser percebida e perseguida por alguém que esteja em qualquer posição acima da sua.

Então, como aqueles que estão no topo do sistema de classes tiram vantagem disso?

Existem artigos de revista e livros de autoajuda sobre o que vestir, o que dizer, como se comportar e com quem fazer amizade. Na verdade, muito antes até mesmo de eu nascer, meu pai comprou um livro num sebo. A capa desbotada estava velha e rasgada, mas "havia algo de especial naquilo", ele me disse. Meu pai folheou o livro até que chegou ao título: *Guia de popularidade para adolescentes*. Foi escrito em 1951 e era repleto de dicas e conselhos sobre como conseguir o que parecia inatingível: melhorar o status social. Meu pai se flagrou às gargalhadas no meio da loja ao ler algumas ideias ultrapassadas. Graças ao fato de aquele ser um

exemplar de cultura pop *vintage* e por ser meu pai, ele comprou o livro na mesma hora.

Por um longo tempo o livro ficou guardado no escritório dele (a “câmara das curiosidades”) na nossa casa em Brownsville, no Texas. Ele acumulava poeira numa caixa de papelão entre um capacete da Primeira Guerra Mundial e um crânio entalhado em pedra de alguma tribo mexicana.

Um livro que esperava para ser descoberto.

* * *

Por um golpe de sorte, o livro não permaneceu escondido. Quando meus pais decidiram arrumar o escritório (pessoalmente, acho que eles tornaram toda aquela bagunça ainda pior), minha mãe abriu uma caixa e redescobriu o livro de Betty Cornell. Ela não tinha certeza do que fazer com ele, então deu o livro para mim, Maya — *A Guardiã de Todas as Coisas que Ninguém Quer, Mas Não Quer Jogar Fora*.

Vi o *Guia de popularidade para adolescentes* de Betty Cornell como nada mais que um livro bizarro com dicas do tipo: “substitua a maquiagem dos olhos por vaselina”; “feche os poros com cubos de gelo” e “todas as garotas devem usar cinta”.

Foi escrito por uma ex-modelo adolescente que prometia que, com um pouquinho de esforço, a elegância, o refinamento e a popularidade estavam facilmente ao alcance de qualquer pessoa.

Qualquer pessoa?

Quase soltei uma gargalhada.

Foi quando minha mãe teve uma ideia — uma ideia incrível, apavorante, daquelas que só se tem uma vez na vida.

— Maya, você devia seguir os conselhos do livro durante os próximos meses, enquanto estiver no oitavo ano, e depois escrever sobre o que acontece.

Logo de cara, minha resposta foi não. Não conseguia imaginar nada mais horripilante. E, de qualquer forma, desde quando eu (pelo menos aparentemente) me importava em ser popular? Só que, naquele dia, minha mãe plantou uma semente. Esse comentário foi como uma daquelas espinhas que começam pequenas, depois se tornam bem grandes e parece que nunca mais irão embora, independentemente do quanto você as esprema.

Alguns dias depois, ao folhear o livro (mais uma vez), descobri isto:

Você só irá piorar a situação se tiver uma atitude negativa, se você der de ombros e disser: "Bem, afinal de contas, quem se importa?". Basicamente, todo mundo se importa. Você se importa. Você se importa porque, como todas as outras pessoas neste planeta, você quer ser querida, você quer ser popular, você quer ser a garota conhecida, você quer ter uma multidão de amigos ao seu redor, alguns encontros excitantes e pelo menos um menino que ache que você é a mulher mais incrível que já existiu. Se você disser que não se importa, está apenas se enganando. Com toda a certeza você não está enganando mais ninguém.

Todo o universo passou a prestar atenção.

O livro de Betty Cornell foi publicado há mais de sessenta anos, mas, mesmo assim, de alguma forma, atravessou um longo intervalo de tempo e espaço. E ela viu o que eu secreta e desesperadamente desejava. Mais que isso, ela prometia me ajudar a conseguir isto.

Eu sabia que minha vida nunca mais seria a mesma.

* * *

E, assim, embarquei na minha grande experiência. Em cada mês do ano letivo seguirei um dos conselhos de Betty Cornell dos capítulos do livro — dieta, cabelo, maquiagem, postura, atitude, entre outros —, independentemente do quão constrangedor ou complicado ele seja. Vou começar com os capítulos mais fáceis, os

que as pessoas não percebem logo de cara. E então, mês a mês, vou dar um passo à frente, até estar a anos-luz da minha zona de conforto.

Vou fazer anotações, durante meus dias na escola, das reações, dos pensamentos e de qualquer outra coisa que rolar. Quando voltar para a casa, utilizarei essas observações para me lembrar dos detalhes e escrever sobre eles da forma mais fiel que conseguir. Esse é um exercício literário fantástico e talvez me ajude a realizar meu sonho de, algum dia, ser escritora. Espero que relatar as coisas positivas e negativas que acontecem seja uma demonstração potencializadora de que tudo é parte de uma história que já começou a se escrever. Talvez isso torne a experiência menos assustadora.

Definitivamente, meu trabalho seria muito fácil se eu já não estivesse além de qualquer esperança de ajuda. Tenho 1,58 metro, com uma pele morena clara que vive cheia de espinhas. Sou desajeitada, tenho uma postura péssima e estou um pouquinho gorducha. Não tenho cintura, meus seios são quase retos como a capa do livro da Betty Cornell. Uso óculos e, nos dentes, aparelho. Compro todas as minhas roupas no Walmart e em brechós. Passo mais tempo estudando álgebra que fazendo meu cabelo.

Sumário

✓ 1.	Introdução	3
✓ setembro 2.	Problemas com a aparência	6
✓ Dezembro 3.	Problemas com a pele	15
✓ Outubro 4.	Cabelo	21
✓ Dezembro 5.	Maquiagem	28
✓ Novembro 6.	Truques de modelo	35
Fevereiro 7.	Cuidados pessoais	42
8.	Roupas	48
✓ Janeiro 9.	O que vestir na ocasião certa	54
10.	Dinheiro (Como ganhar um extra)	59
11.	No trabalho	68

	Set. Problemas com a aparência	71	✓
	Outubro - Cabelo	77	✓
	Novembro - Truques de modelo	80	✓
	Dezembro - Maquiagem	86	✓
	Janeiro - Roupas	91	✓
	Fevereiro - Cuidados pessoais	98	✓
	Março - No trabalho	102	
	Abril - Atitude popular	107	
12.	<u>Parecer linda - Ser linda</u>	111	✓
13.	<u>Você é tímida?</u>	117	✓
14.	Isto é um encontro	125	
15.	Como ser formal	133	
16.	Como ser anfitriã	143	
17.	O que fazer quando se está longe de casa		
18.	As cartas na sua vida		
19.	Dicas úteis		
20.	Como se portar à mesa		
21.	<u>Personalidade</u>		
	Exercícios para adolescentes		
	Quadros de calorias para adolescentes		
	Índice		

Minhas anotações no livro de Betty Cornell

* * *

Provavelmente devo gastar um minuto para definir o termo *popular* da melhor forma que eu conseguir. É uma palavra complicada. Sei o que ela não significa. Não significa sentar sozinha nem rirem da sua cara. É não se sentir envergonhada por causa da sua aparência nem querer se esconder nos cantos o tempo todo,

desejando ter a habilidade de ficar invisível. Não é como eu me sinto neste exato momento.

Espero que no final do oitavo ano eu saiba o que é ser popular. Mas não quero apenas ser capaz de definir o termo: quero experimentá-lo.

Talvez as coisas mudem. Será que os conselhos de popularidade de mais de meio século atrás podem ser ainda relevantes? Vou descobrir. Coisas mais malucas que essa já aconteceram, não é mesmo? O homem andou na Lua e os cientistas encontraram uma forma de cultivar melancias quadradas.

Por enquanto, Betty Cornell se tornou minha nova alma gêmea, e me casei com todas as palavras dela. Na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza.



A.C. (Antes de Cornell)

Setembro

Problemas com a aparência

Praticamente todos os adolescentes já tiveram... problemas com a aparência em um momento ou outro da vida... A razão disso é que, como adolescente, seu corpo ainda está num estado de fluxo — ainda não parou de crescer por tempo suficiente para que encontre o equilíbrio natural... Mas só porque seu corpo está agitado e se recusa a se estabilizar não é razão para perder as esperanças de ter uma boa aparência. É só uma questão de força de vontade.

Tenho uma aparência mediana. Acredite em mim, não estou reclamando. Durante toda a minha vida, fiquei mais que feliz por passar despercebida. Quando as pessoas más esquecem que eu existo, o mundo se torna um lugar muito mais alegre. Mas, graças à Betty, agora as coisas estão diferentes. Agora quero florescer, não apenas sobreviver.

Desde que eu era pequena, sempre tive uma *panza*, a palavra em espanhol para “pança”. Ela variou de tamanho, porém ao longo dos anos se tornou minha companheira constante. Quando eu estava no início do ensino fundamental, meus primos costumavam cutucar o bolinho em miniatura que era a minha barriga, geralmente fazendo com que eu me escondesse no meu quarto, chorando, na companhia de um livro e de uma barra de chocolate. Obviamente, hábitos ruins começam cedo.

Eu cresci no último verão, o que fez minha *panza* diminuir um pouco. É maravilhoso perceber que minhas roupas cabem melhor, mas ainda é doloroso me dar conta da minha aparência e do meu peso. As Garotas do Vôlei comem tão pouco quanto é humanamente possível, de forma que são tão magras a ponto de quase

desaparecerem. Elas envergonham publicamente qualquer membro do grupo que apareça na escola vestindo um jeans *skinny* que mostre a mais leve insinuação de um pneuzinho. “Valeria está gorda! Valeria está gorda!”, elas berram.

Fora dos grupos que estão no topo da escala de popularidade, a maioria das pessoas da escola é um pouco redondinha. Acho que isso acentua a diferença entre aqueles que estão no topo e na base da cadeia alimentar. Esta é outra razão pela qual resolvi dar adeus à minha *panza* de uma vez por todas: ela não podia acompanhar minha escalada até o topo.

Quinta-feira, 1º de setembro

Durante a preparação para esse primeiro mês da minha experiência, abri o livro desbotado. Senti como se eu estivesse embarcando numa grande viagem marítima. Enquanto eu passava um dos dedos pelo índice, rezei em silêncio para não terminar como o *Titanic*.



Passando um tempo com a Betty

Li o primeiro capítulo — Problemas com a aparência —, e sublinhei os pontos-chave.

1. Comece descobrindo de forma inteligente seu problema de aparência. Descubra mais sobre seu corpo.

Não é assim tão difícil. Nada de cintura, peitos nem curvas. Bem, na verdade, eu tinha curvas, só que elas começavam na metade de onde deveriam estar e desapareciam.

2. Sempre consulte seu médico antes de fazer planos para perder peso.

Isso não é problema para mim. Há um ano, fui a uma nova pediatra que me disse que eu estava à beira da obesidade. A recomendação dolorosa (mas necessária) da médica agora me dá o ultimato para começar uma dieta.

3. ... é importante contar não só as calorias que você consome entre as refeições, mas também as consumidas durante o café da manhã, o almoço e o jantar. Na verdade, muitas de vocês não precisariam fazer dieta se cortassem as boquinhas entre as refeições.

4. E você deve considerar todos os banquetes disponíveis em festas, em particular durante eventos no clube e reuniõezinhas em geral.

5. Se quer levar a sério a vontade de ter uma boa aparência, você precisa tomar café da manhã.

6. ... frituras de qualquer tipo engordam.

Tudo bem, isso é óbvio. Betty Cornell também inclui possíveis ideias de menu que vou tentar com toda a certeza. Vou me dar o final de semana para ceder às tentações e então vou começar a dieta na terça-feira de manhã, depois do feriado prolongado. Dedos cruzados!

Sexta-feira, 2 de setembro

Vivo atrasada para tudo. O ônibus da escola vai sair a qualquer segundo e ainda não estou dentro dele. Bem, na verdade, estou noventa graus para fora e manchas de suor horrorosas já começam a brotar debaixo dos meus braços. Adorável.

Um dos seguranças do lado de fora da escola berra para mim, mas eu o ignoro. Já que vivemos no Texas, perto da fronteira com o México, eles estão ali só para assegurar que ninguém está traficando drogas. Vejo Kenzie erguer uma das sobrancelhas para mim através de uma das janelas sujas do ônibus. O motorista parece relutante em abrir a porta e resmunga alguma coisa em espanhol quando entro, ofegando descontroladamente. Alguns dos alunos do sexto ano prendem o riso.

— Uau, você está parecendo uma idiota.

— Oi, Kenzie — consigo dizer. Desabo no banco ao lado dela e tento ajeitar meu rabo de cavalo todo detonado.

— Por que você está atrasada? — Ela cospe a última palavra. Kenzie é metade coreana, dona de uma personalidade selvagem, cabelos cacheados, uma paixão por heavy metal e um verdadeiro desdém pela maioria das atividades físicas.

— Tiveram que tirar nossas medidas para a roupa de apresentação do coral. — A srta. Charles, nossa maestrina, passou o tempo todo tentando adivinhar quais eram nossos tamanhos e anunciando-os no seu microfone. O palpite dela para mim foi muito maior. Fico imaginando se isso deve significar alguma coisa.

— Mais um motivo para eu dar graças a Deus por não estar nessa filial do inferno — Kenzie bufa. Ela faz parte da banda da escola desde o sexto ano. Toca oboé, mas não tinha o instrumento ali com ela naquele dia porque *acidentalmente* o deixou cair no corredor e a coisa “meio que... tipo...” quebrou.

Conheci Kenzie há dois anos, no primeiro dia de aula. Ela estava sentada sozinha, usando um cinto de *spikes* e seu cabelo frisado

estava preso num rabo de cavalo ameaçador. Tudo que eu conseguia pensar era: “Meu Deus do céu, espero que ela não me mate”. Aos poucos, nossas aulas nos forçaram a ficar juntas e logo nos tornamos próximas, apesar de ficar claro que ela podia me vencer sem a menor dificuldade numa briga. Ela é muito legal, apesar da sua aura *dark*. Kenzie é meu oposto em tudo, porém é uma das poucas pessoas que não faz eu me sentir uma esquisita.

Ao ver meus traços faciais hispânicos, apesar da pele clara, o pessoal sempre me pergunta se sou mexicana. Minha resposta é que minha mãe é metade mexicana, o que, por minha vez, me faz ser um quarto mexicana. Na verdade, minha mãe é uma mistura de ingleses, franceses, espanhóis, judeus, índios mexicanos e africanos. Não tenho certeza de como se pode classificar essa coisa, mas fica bonito nela. Para mim, numa escola onde 98% das pessoas são hispânicas, me dizem que eu não tenho o DNA certo para ser parte do time dos latinos. Ironicamente, longe da fronteira, sou considerada mexicana.

Talvez devido ao fato de Kenzie ser coreana, eu não ser mexicana o bastante e nenhuma de nós ter conhecimento suficiente de espanhol para perguntar o caminho até o banheiro, nos conectamos por não nos encaixarmos em nenhum outro lugar.

Apesar de Kenzie não ser do tipo que faz guerra de travesseiros quando vai dormir na casa das amigas, sempre apreciei sua honestidade. Se eu tiver uma meleca no nariz, ela me avisa. Se meu zíper está aberto, ela logo me avisa.

— Maya — ela então começa —, você está toda zoada. Tipo, sério.

Amigas assim são difíceis de encontrar.

O pessoal do sexto ano nos observa, do alto das suas cadeiras, com os olhos arregalados.

— Eles parecem tão inocentes — comento. E eles riem com suas vozezinhas pré-adolescentes.

— Não por muito tempo. — Kenzie abre um sorriso. Ela se vira para eles e sem a menor vergonha berra um monte de obscenidades que incluem nomes anatomicamente corretos para partes do corpo e suas funções biológicas.

Escondo o rosto com as mãos. Tento repreendê-la, mas Kenzie está rindo tão alto que não consegue ouvir nada.

Um pouco antes de chegarmos ao meu ponto, um dos garotos do sexto ano se vira e cospe em mim.

E lá se vai a primeira semana de escola. E ainda há inúmeras semanas pela frente.

Mas, ainda assim, este ano vai ser diferente. Este ano, eu tenho um plano.

* * *

Abro a porta da frente.

— Olá, querida! — Ouço a voz da minha mãe vinda da cozinha. Para minha surpresa, há uma caixa de bolinhos de maçã na bancada. Leio na chamativa etiqueta amarela: 60% de desconto. Também vejo um pacote de biscoitos velhos e uma bisnaga de pão de canela e passas. Todos eles têm etiquetas amarelas. E um número alto de calorias.

— Saí para fazer compras sem tomar café da manhã — minha mãe explica. — Ouvi dizer que isso afeta o que a gente compra.

Eu balanço a cabeça concordando, solene.

— Mas não se preocupe — ela continua —, estava tudo em promoção.

Minha mãe tem um caso nada secreto com a comida. “Podia ser pior”, ela costuma dizer. “Eu podia ser uma alcoólatra inveterada ou viciada em cocaína.” O que ela mais curte comprar é chocolate.

Quando eu era pequena, costumava encontrar seus estoques de doces. Eles sempre estavam em lugares onde meu pai jamais pensaria em procurá-los, como no armário dos produtos de limpeza ou na gaveta de vegetais da geladeira. Entretanto, minha mãe treina na academia de segunda a sexta-feira e está bastante em forma.

— Como foi seu dia? — ela pergunta.

Olho para meus próprios pés.

— Recebi uma cusparada de um carinha do sexto ano.

Ela morde respeitosamente o lábio para prender o riso.

— Bem, que bom que amanhã é final de semana, não é?

Concordo com a cabeça e pego um bolinho da caixa. Natalia, minha irmã autista de cinco anos, passa pela cozinha com o rosto coberto de migalhas. Fica bem claro que ela já desfrutou da sua cota de bolinhos.

— Coma rápido, Maya — minha mãe me avisa. — Temos que acabar com isso antes que seu pai chegue.

* * *

Meu pai abre a porta mais ou menos uma hora depois. Ergue os braços e depois deixa que eles caiam num gesto de derrota e grita:

— Bem, somos oficialmente os Gordos Wagenen!

Esse definitivamente não é seu “Olá, todo mundo!” ou “Senti saudade de todos vocês” de sempre. Ele deve ter tido um dia difícil. A universidade é uma verdadeira batalha e a reitoria está se preparando para demitir alguns membros do corpo docente.

— O quê? — Ouvimos a voz da minha mãe em alto e bom som.

Meu irmão de nove anos, Brodie, encolhe-se com uma banana na mão. Os olhos dele estão arregalados. Ele está um pouco desconcertado com seu rápido crescimento que o leva a perder todas as roupas. Ele é a mais frequente vítima do meu pai nos discursos do seguinte tipo: “Você sabe (coloque o nome da pessoa

aqui) que os hábitos alimentares que desenvolvemos quando somos crianças nos acompanham durante toda a vida”.

— Eu disse que somos oficialmente os Gordos Wagenen. Fui ao médico hoje e ele me disse que preciso perder peso. Todos nós precisamos perder peso.

— O quê?! — Neste momento, minha mãe realmente está com raiva. Às vezes, ela usa esse tom de voz perigoso quando está no limite. O plano de perda de peso do meu pai só pode incluir três membros da nossa família. Como eu disse, minha mãe faz exercícios e Natalia não para de se mexer, de forma que as panturrilhas dela são como pequenas rochas.

Vou para o andar de cima para evitar assistir à briga sussurrada dos meus pais. Brodie está encarando sua *panza* com os olhos arregalados.

— Ah!, por favor — digo. — Você está passando por uma fase fofinha. Também sofri com isso quando tinha nove anos. — Não mencionei que minha fase fofinha ainda não havia passado, mas parece não existir problema em mascarar um pouco a verdade quando se tenta construir a autoestima de outra pessoa.

Ele sorri sem muita empolgação.

Talvez seja uma coisa boa eu estar começando a Dieta Betty Cornell na terça-feira. Tenho certeza de que isso vai deixar meu pai feliz. De qualquer forma, não estou pronta para mudar minha assinatura para Maya “Gorda” Wagenen.

Segunda-feira, 5 de setembro

Muitas de vocês trazem o almoço de casa e compram leite na cantina. Essa é uma boa maneira de evitar tentações — você nem precisa chegar perto da longa fila de pratos deliciosos... Qualquer combinação sensata de três ou quatro desses itens se transformará num almoço saudável e provavelmente será leve e fácil de carregar...

1. *Ovos cozidos com a gema dura.*
2. *Um pote pequeno de queijo cottage.*
3. *Uma fatia de pão integral ou de centeio...*
4. *Frutas frescas (você pode comer um monte delas).*
5. *Sanduíche de queijo americano ou suíço, muitas folhas de alface — nada de maionese. Use pão integral ou de centeio.*
6. *Qualquer tipo de sanduíche de carne magra.*
7. [Consommé\[1\]](#)
8. *Leite.*

Embalei metade de um sanduíche, um pouco de purê de maçã e um ovo cozido com a gema dura que será meu almoço. Não incluí nenhum tipo de carne porque sou vegetariana desde que tinha oito anos graças ao livro *A menina e o porquinho*, meu periquito de estimação e um caso bem ruim de gastroenterite.

Sinto um pouco de insegurança para começar minha dieta amanhã. Estou empolgada com a possibilidade de perder peso, mas me sinto triste por dizer adeus à minha alimentação descuidada. Vamos torcer para que tudo corra bem.

Terça-feira, 6 de setembro

É engraçado pensar que vivemos ao sul dos Estados Unidos, o epicentro da fantástica culinária mexicana, e ainda assim a cantina da nossa escola sirva refeições assustadoramente abaixo da média. Nossa cidade é uma terra de contradições.

Ironicamente, assim como eu, Brownsville, no Texas, é um lugar que praticamente não se encaixa em qualquer categoria. Não é muito como os Estados Unidos nem muito como o México. Meu pai arrumou emprego, na universidade daqui, no verão antes de eu entrar no sexto ano. Assim, nos mudamos do Oeste para este lugar que Brodie afetuosamente descreve como “O chiclete preso na sola do sapato dos Estados Unidos”. Nossa escola fica em frente à

comunidade mais pobre do país. Na mesma rua também há um quiosque de venda de raspadinha, uma padaria, um consultório médico todo detonado, um restaurante de tacos e uma loja de pneus de segunda mão.

Só que tudo gira em torno da comida. Mesmo sendo vegetariana na terra das *fajitas*, jamais me faltaram as cores e os sabores vibrantes. Mas não ache que tudo é atraente. Na seção de carnes do supermercado, você pode comprar cabeças de porco e pés de galinha. Meu pai diz que há até um jeito de preparar intestinos de forma que eles fiquem com um gosto bom (para rechear tacos, caso você esteja imaginando se isso é possível). Se até uma coisa dessas pode ficar boa, então deve haver uma maneira de fazer com que o lanche da escola pareça e cheire de um jeito que lembre menos um plástico derretido.

Há dias em que agradeço por levar meu próprio almoço. Enquanto mordisco algumas tiras de cenoura, a curvilínea e voluptuosa Kenzie come dois cookies com gotas de chocolate tamanho jumbo, o mesmo de todos os dias. Ah! como eu a invejo. Tento ter em mente as palavras da Betty.

Se a perspectiva de almoçar sem uma sobremesa doce é muito terrível para você, não há esperança. Você deixou que a formiga que mora dentro de você derrotasse seu bom senso... Quando seus amigos a provocarem — e eles irão provocar —, mantenha a cabeça lá em cima e o peso lá embaixo.

Quarta-feira, 7 de setembro

De manhã, Kenzie e eu vamos andando até a biblioteca — o Aquário, como nós a chamamos. O lugar tem esse apelido por causa das suas paredes de vidro. Trabalhamos lá como voluntárias durante as manhãs e na hora do almoço, como uma forma de escapar da crueldade do mundo exterior. Nossa bibliotecária, a sra. Corbeil, é

uma pessoa única. Ela acolhe todos os Párias Sociais e conversa com a gente como se fôssemos adultos e merecêssemos a atenção dela, algo que muitos de nós não experimentam com muita frequência. Ela é divertida, esperta e pilota uma motocicleta. Os professores procuram-na para conversar sobre todo tipo de assunto, desde equipamentos eletrônicos com defeito até a crise da meia-idade. E ela compra livros novos com o próprio dinheiro porque a escola cortou quase todo o orçamento da biblioteca. Então, não há a menor dúvida de que o Aquário é um oásis, uma casa fora de casa.

No caminho, passamos pelo sr. Lawrence, que manca pelo corredor. Os olhos do professor encontram os meus, e ele sorri.

— Oi, Maya, tudo bem? Pode ter certeza de que sinto sua falta na minha turma deste ano.

Eu paro.

— E eu sinto falta de ter o senhor como professor.

Conheci o sr. Lawrence no sexto ano quando ele era responsável pelo clube de leitura. Quando apareci em sua sala para o primeiro encontro, ele me perguntou se eu gostava de escrever. E eu respondi:

— Mais que qualquer outra coisa.



O sr. Lawrence e eu, no sexto ano

O sr. Lawrence enviava meus contos e poemas para as competições e para o jornal local. Ele me incentivava a entrar em todo concurso que aparecia e mandava e-mails para os responsáveis, durante semanas, para saber qual havia sido a minha classificação. Apesar de nem sempre eu vencer, ele se orgulhava de mim. Ele lia o que eu escrevia em todas as suas turmas, para os

outros professores, para qualquer um que quisesse ouvir. O melhor professor que eu já tive. Mas está ficando velho, e posso ver pelos olhos cansados do sr. Lawrence que ele logo irá se aposentar. Este pensamento me deixa com vontade de chorar.

Sexta-feira, 9 de setembro

Se você é um desses brotinhos preguiçosos que simplesmente não conseguem acordar a tempo para o café da manhã, está começando o dia com o pé esquerdo... Tomar um bom café da manhã pode não ser fácil no início, mas depois de um pouco de prática, você vai gostar.. E vai sentir-se muito melhor ao fazer isso.

As estatísticas do governo mostram que 96% dos estudantes do meu bairro se encontram em desvantagem econômica. Por isso, todo mundo recebe o café da manhã e o almoço de graça, queira ou não. No passado, eu comia ambas as refeições no refeitório, só que este ano a administração local resolveu servir o café da manhã dentro das salas de aula. Dizem que tomaram essa decisão para garantir que comecemos nosso dia de forma saudável, mas é difícil acreditar nisso quando você vê o que eles servem.

O café da manhã consiste em pacotes de cereal adoçado com açúcar, leite achocolatado e algum tipo de coisa frita recheada de carne. Com toda a certeza Betty Cornell não aprovaria nada disso. Eu como uma torrada de pão integral enquanto meus colegas de classe se empanturram de Lucky Charms, um cereal megacolorido. Eu parei de comer essas coisas quando elas fizeram com que o cocô de Brodie se tornasse verde fluorescente, o que deixou meus pais apavorados.

Depois do café da manhã, temos aula de leitura no Aquário. Ajudo meus colegas a darem uma olhada nos livros. Quase me sinto popular.

E, então, é claro, Carlos Sanchez, líder da Facção do Futebol, vem na minha direção com o peito estufado e um sorriso diabólico no rosto. Ele é o típico atleta, alto e com uma aparência desconexa. O cabelo curto e escuro é penteado com gel para a frente numa tentativa de parecer descolado.

Ele me passa um livro, bem fininho, com figuras de carros de corrida, e um romance chamado *Gay-Neck*, vencedor do Prêmio *Newbery*, com um passarinho na capa.

— Gosto de carros — ele diz como se isso explicasse tudo. — E este é um livro sobre pombos gays.

— Hummm. — Engulo o que eu realmente queria dizer: “Puxa, Carlos Sanchez, eu não sabia que você se interessava pela vida selvagem homossexual”. Só que, em vez disto, entrego-lhe os livros e murmuro que ele deve devolvê-los no dia 23.

Ele vai para um dos cantos da sala, juntando-se aos puxa-sacos do time de futebol que riem de qualquer uma das suas piadas desprezíveis.

— Ei, galera, este livro é sobre um pombo gay.

Nossa professora de leitura lança-lhe um olhar mortal sob os óculos. Ela transformou esse tipo de olhar numa ciência.

— Estou falando do significado de gay em inglês, sabe qual é? Um cara feliz, emotivo, essas paradas — ele acrescenta mais que depressa, botando no rosto sua melhor expressão de anjinho e olhando para os próprios tênis caros.

Por favor, lembrem-me por que motivo esse cara é popular.

* * *

Além de compartilhar a sabedoria da Betty Cornell a respeito de como não apenas sobreviver, mas se dar bem na escola, decidi falar também sobre os próprios *insights* que tive ao longo do caminho.

Dica de popularidade da Maya

Quando um dos seus colegas se interessa por pombos gays, é melhor segurar a língua — mesmo quando tudo o que você mais quer é sair com um comentário cheio de raiva — especialmente se não houver nada além de livros ao seu redor para aplaudir sua sagacidade.

* * *

Estamos a caminho da praia esta noite. Estou apertada no banco de trás entre Brodie, que desenha monstros e armas de destruição em massa num caderno, e Natalia, que estala a língua e recita canções do programa de TV *As pistas de Blue*.

Quando chegamos à praia, todos nós respiramos fundo o ar salgado da Ilha South Padre. Estamos aqui há cinco minutos e já me sinto mal por causa do meu corpo e da minha aparência quando visto o maiô. “Hoje em dia, estar acima do peso não é nada alarmante. É bem fácil fazer algo a respeito e de forma sensata”, é o que diz Betty.

Eu sei, eu sei. Desde que comecei a comer menos, não perdi um só único grama.

Olho para o maiô. É o primeiro que comprei com um enchimento para seios de verdade. É legal porque faz com que meus peitos tamanho 34 pareçam um pouquinho mais apumados.

Natalia me lança um sorriso pateta quando minha mãe tenta vesti-la com sua roupa de banho.

— Sorria! — ela diz. Eu me inclino para que minha irmã possa roçar o rosto no meu rabo de cavalo.

O-oh! Natalia se soltou e está correndo em direção à praia.

Eu falei correndo?

Quis dizer voando.

E eu mencionei que ela está completamente pelada?

Domingo, 11 de setembro

Dia de igreja. Tenho que ouvir a sra. Garcia falar mais uma vez a respeito de como casar com alguém da nossa fé como algo que as meninas da nossa idade devem planejar. Sempre podemos “aprender mais sendo mães que indo para a faculdade”.

Tento não prestar muita atenção.

Vejo Ethan, o carinha muito fofo de quem estou a fim, sentado do outro lado da capela. Suspiro e pela primeira vez desejo realmente que a dieta esteja funcionando.

Ele tem mesmo os olhos mais incríveis.

E o cabelo.

E o sorriso.

Fico imaginando se os garotos que Betty Cornell estava a fim também gostavam dela.

Ele me flagra olhando para ele.

Ele ergue as belas sobrancelhas para mim e murmura as palavras:

— O que você está olhando?

Escondo meu rosto, que está pegando fogo, e faço uma oração de agradecimento em silêncio por ele não ter me pego babando desta vez.

Meu café da manhã, antes de sair de casa, foi leve, e agora meu estômago está berrando como uma morsa excitada. Isto é ruim.

Dica de popularidade da Maya

Se seu estômago tem tendência a fazer barulhos nada discretos quando o carinha de quem você gosta está no campo auditivo, considere seriamente fazer uma cirurgia para retirar esse órgão. Isto irá evitar um monte de constrangimentos.

* * *

Em seu livro, Betty Cornell dá algumas instruções de exercícios para manter a boa forma.

Para achatar a barriga recorra... ao treino de futebol dos meninos. Deite-se no chão e erga os pés até um ângulo de 45 graus. Agora os abaixe, mantendo os joelhos esticados e então conte até dez devagar. Sentiu um puxão? Apesar de eu saber que esse exercício dói, ele também ajuda.

Uma vez que você pega o jeito dos exercícios da Betty, eles são mais moles que maria-mole. Ou tipo isso.

Hummm...

Maria-mole.



Tentando fazer os exercícios da Betty, mesmo sem mandar muito bem

* * *

Terça-feira, 13 de setembro

Perdi trezentos gramas!

A dieta está funcionando.

Será que alguém vai perceber? Mais especificamente, será que o Ethan vai perceber?

Outra boa notícia. Meu sutiã está oficialmente muito apertado! Nunca pensei que isso fosse acontecer porque venho de uma longa linhagem de mulheres de seios pequenos. Mas em todas as vezes em que visto o troço, ele prende minha circulação.

Estou tão feliz e cheia de hormônios que mal consigo me conter. Então, só por diversão, experimento o sutiã da minha mãe, que é um tamanho maior que o meu.

E logo de cara vejo que meus peitos nem chegam a preenchê-lo.

Eu me sinto a humilhação em pessoa.

Continuo a fazer os exercícios da Betty Cornell, mas ainda não tive a tão prometida transformação de "adolescente barriguda" em "garota com um corpo proporcional". Mesmo assim, vou insistir porque as coisas só terminam quando dão certo.

Quinta-feira, 15 de setembro

Na aula de educação física, Kenzie e eu estamos suadas, exaustas e nossos braços estão com roxos por causa dos golpes das bolas de vôlei duras como pedras. Desde que comecei com o projeto "Problemas com a aparência" tenho me esforçado para me aprimorar em algum esporte. Nunca fui nem remotamente coordenada e tenho os joelhos de uma velhinha de setenta anos. É bem embaraçoso dar tudo de mim na educação física e mesmo assim ser terrível em qualquer coisa que tento fazer. É intimidante saber que o topo da hierarquia social é baseado em habilidades atléticas. Isto soa tão antigo, tão tosco. Os mais fortes sobrevivem. Os mais fracos são devorados. Betty não tem nenhum truque rápido

para ganhar anos de experiência atlética, habilidade e força em um mês. Eu procurei.

Kenzie e eu nos arrastamos até o armário que dividimos. É como ter uma colega de quarto cujas únicas posses são um desodorante e shorts de ginástica suados.

— Caraca, eu estou fedendo — Kenzie deixa escapar.

Eu rio.

— Sério — ela insiste. — Aqui, cheira só minha camiseta. — Ela seca o suor do rosto com uma das mangas e passa a camisa para mim.

— Eca. Não vou cheirar sua camiseta. E você acabou de fazer sua cara ter cheiro de educação física.

— Cheira só.

— Olha, Kenzie, como somos amigas, há coisas que nós dividimos, como armários e um segredo desconfortável ocasional, mas eu me recuso a cheirar sua camiseta. Isto já é levar as coisas longe demais.

— Oh!

Dica de popularidade da Maya

Se você quer ser popular, não saia por aí cheirando as roupas que as pessoas usam na aula de educação física, caso contrário você será rotulada como uma bizarra e vai ser forçada a trocar de roupa dentro de uma das cabines do banheiro.

* * *

Sábado, 17 de setembro

Hoje vamos ao Pulga (o mercado de pulgas, onde vendem coisas usadas). Entramos no estacionamento, uma vasta área com chão de

terra que é sempre revolvida pelo vento na beira da rodovia. Meu pai e Brodie amam ir ao Pulga porque são caçadores de tesouros. Eu também gosto de ir até lá porque é um tempo que passo com meu pai. Ultimamente, ele tem ficado o dia todo no campus e eu mal o vejo. Dou a mão para ele enquanto caminhamos pelo primeiro corredor de barraquinhas.



Entrada do Pulga

Minha mãe descreve o Pulga como a maior venda de garagem mexicana do mundo. Muitas pessoas em Brownsville que cruzam a fronteira de forma ilegal não conseguem empregos, por isto acabam vendendo alguns troços no Pulga, incluindo coisas que eles acham na beira da estrada. Nós nos poupamos de muitas viagens até o lixão por simplesmente deixar coisas que não queremos mais largadas no meio-fio durante a noite. Quando o sol nasce, como num passe de mágica esses objetos já sumiram.

No Pulga podemos encontrar sapatos, brinquedos usados, roupas, antiguidades, artigos eletrônicos, plantas, ferramentas, estátuas religiosas, velas e remédios místicos. Uma vez vimos até mesmo um piano bem ali no meio de toda aquela poeira. A cena fez minha mãe chorar.

Também há toneladas de comida. Uma van que vende apenas maionese e espigas de milho cobertas de chile presas num palito. *Elote entero*. Ah, sim, isso existe. Há também batatas cortadas em espiral, fritas e servidas num longo palito. Eu comeria uma, mas um dia desses vimos um vendedor que pescava os palitos do lixo para reutilizá-los. Também há a sopa feita com estômago de vaca e velinhos que andam pela feira com carrocinhas cheias de sorvetes — *paletas*.

As pessoas nas barracas berram:

— *Pásale, pásale!*

Que significa: “Passe por aqui!”. E há grandes jarros de *aguas* (sucos) que suam por causa do calor e mesas de onde transbordam frutas e vegetais exóticos. Há cactos e palmeiras, galinhas, tartarugas, periquitos e pombos — todos à venda.

Quando Brodie e eu paramos numa barraquinha com ratos e iguanas em gaiolas enferrujadas, meu pai nos pega pela mão e nos leva para longe dali.

— Que foi? — Brodie quer saber cheio de raiva. — Por que estamos indo embora? Ainda não terminei!

— Shiiiiiu. — Meu pai nos leva para outro corredor de barraquinhas antes de explicar. — Desculpem-me. Dois caras de cabeça raspada e com tatuagens estavam combinando uma venda de drogas. Achei melhor dar o fora de lá.

Balancei a cabeça concordando. Nada mais me choca.

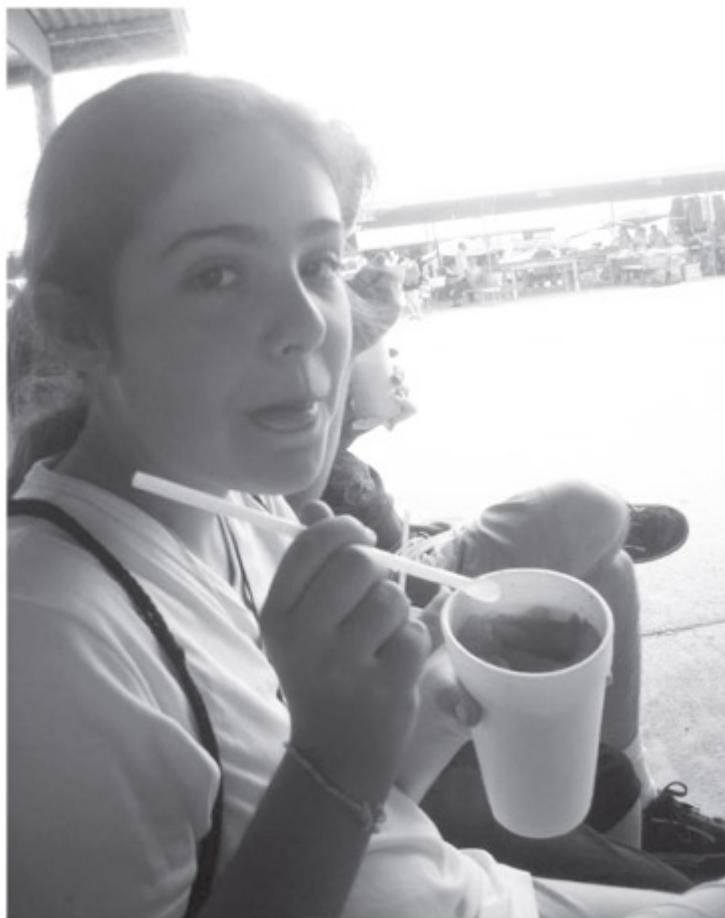
Seguimos para a barraca de *raspa*. A *raspa* é uma raspadinha mexicana com a diferença que é dez vezes melhor que essa porcária

cheia de xarope que vendem por aí em copinhos de papel vagabundos.

Meu pai olha ao redor.

— É possível comprar um caixão, contratar um advogado e selecionar hortifrutigranjeiros frescos no mesmo lugar — ele comenta, cheio de sabedoria. — Vocês devem se lembrar de tudo isto. Não vamos durar para sempre, sabem.

Eu sorrio enquanto comemos nossas *raspas* e ouvimos a música *ranchera* onipresente e o estardalhaço das pessoas que passam por nós.



Comendo raspadinha

* * *

Quarta-feira, 21 de setembro

Tive um sonho na noite passada em que um apresentador de televisão vinha até nossa casa e colocava purê de batata desidratado na máquina de lavar. Ele ligou a máquina e preparou uma quantidade imensa de purê. Eu acordei bem quando tentava convencê-lo a não colocar o purê na secadora.

Acho que esta dieta está detonando minha cabeça.

O lado bom é que perdi novecentos gramas até agora.

Segunda-feira, 26 de setembro

Eca. Estou me sentindo tão mal. Passei a noite toda extremamente nauseada. Mesmo assim, estou na escola tentando focar na minha quarta dica de popularidade.

Dica de popularidade da Maya

Nunca vomite dentro da sala de aula. É melhor correr para o lado de fora e "chamar o Raul" no corredor. Mesmo que consiga chegar até a lata de lixo num dos cantos, você será zoada para sempre, se alguém estiver por perto. Na pré-escola, vomitei numa lixeira. Quando me mudei, cinco anos depois, a última coisa que um garoto me disse foi: "Você é aquela garota que chamou o Raul no jardim de infância". Há certas coisas que são impossíveis deixar para trás.

Pulei o almoço e fui direto para a biblioteca.

A sra. Corbeil acena atrás do balcão onde prepara alguns dos novos livros que comprou antes de ir para as prateleiras. Há vários deles, e muitos são de capa dura, por isso sei que foram caros. Ainda assim, não digo nada. Ambas sabemos que para muitos alunos esta biblioteca é o único lugar onde podem ler livros novos. Vários deles não têm grana para se darem ao luxo de títulos recém-

lançados, romances que todo mundo está louco para ler. A lista de espera para esses títulos já tem quase um quilômetro, por isso, a sra. Corbeil fica feliz em ser generosa.

Pego uma pilha de livros do carrinho com a indicação de recebidos e começo a colocá-los nas prateleiras certas.

— Ah, oi, Maya. — Escuto Leon dizer enquanto ajeita os óculos sobre o nariz. Leon é um garoto bastante gentil que esteve na minha turma de tecnologia no ano anterior. Eu era a única que falava com esse menino só porque ele é um pouco diferente.

— Oi, Leon.

— Você está bonita hoje, Maya. Absolutamente fabulosa!

— Obrigada, Leon. — Todas as outras meninas soltariam uma risada e dariam no pé na mesma hora ao ouvirem Leon dizer que elas eram bonitas. Eu não ligo. Na verdade, até gosto. Ouvir alguém dizer com sinceridade que eu sou bonita torna meu dia mais feliz.

Terça-feira, 27 de setembro

Enquanto faço meus exercícios da Betty Cornell, ouço Brodie espancar seu tambor no andar de baixo. Minha mãe, meu pai e Brodie estão fantasiados com uniformes do Exército norte-americano da época da guerra com o México, em 1864, para participar de um programa de história viva no campo de batalha de Palo Alto, próximo à nossa casa. A coisa é mesmo tão nerd quanto parece. Brodie é o tocador de tambor e minha mãe toca píforo. Meu pai se veste como o cara que dispara o canhão. Já eu fico em casa cuidando da Nat para que eles possam passar o dia inteiro fritando ao sol quente com seus uniformes de lã. Não sinto nem um pingão de inveja.

Caso você ainda não tenha percebido, minha família é composta por ultranerds. Isto não é necessariamente uma coisa ruim. Jogamos coisas como Palavras Cruzadas e assistimos a documentários juntos. Sempre soube que eu iria para a universidade. Ainda assim, há

momentos em que eles me deixam meio envergonhada. Até minha mãe admite: "Reencenar momentos históricos é o último passo antes de começarmos a frequentar convenções de *Star Trek*". Dentro de alguns anos, é muito provável que minha família esteja nessa também.



Meu pai e Brodie no campo de batalha de Palo Alto

* * *

Sexta-feira, 30 de setembro

Hoje é o último dia oficial da minha dieta e já perdi um quilo e trezentos gramas durante este mês. Não é nada espetacular, mas já é alguma coisa. Apesar de agora eu continuar a prestar atenção no que como, vou relaxar e aproveitar um pouquinho. Acho que a Betty Cornell ficaria orgulhosa.

Atravesso o corredor com Kenzie.

Depois que ela termina de descarregar toda a raiva provocada pela última aula, eu lhe pergunto:

— O que torna alguém popular?

Kenzie coloca ambas as mãos nos meus ombros e olha fixamente para mim. Os olhos dela parecem atravessar os meus bem lá no fundo, como se minha amiga se preparasse para me dizer palavras de imensa sabedoria.

— E como eu poderia saber uma coisa dessas?

O último sinal toca, e, em silêncio, corremos pensativas para o ônibus.

— Ei, você aí! — Ouço alguém gritar atrás de mim. De início, penso que é uma garota, mas um exame rápido na multidão revela que, na verdade, quem berrou foi um menino do sexto ano. Ele sorri para seu amiguinho e vem até mim.

Ah, não, ele vai pedir meu telefone. O que eu devo dizer?

Não posso responder que não, caso contrário poderei partir o coraçõzinho dele.

Mas se eu disser que sim, então passarei a ser conhecida como a imbecil que foi idiota o suficiente para dar o telefone dela para um Oompa Loompa.

E eu já gosto de um garoto. O nome dele é Ethan. E ele não sabe nem meu nome.

Acho que vou simplesmente recusar com a maior educação do mundo e dar no pé.

Ele olha para cima me encarando, abre um sorriso gigante e diz:
— Meu amigo acabou de chamar você de nerd gorda e feia.

Sério?

Sério.

Será que os deuses da popularidade me odeiam (a mim e à minha gordura)? Será que vou mesmo ter que passar o resto do ano letivo sendo chamada de gorducha por anões de jardim que acham legal fazer o leite que eles tomam sair pelo nariz?

Só que em vez de me sentir ridícula, perdi peso. Minhas roupas vestem melhor e, o mais importante, eu me sinto bem com o que consegui. Mesmo que ainda haja muita coisa a ser feita.

Eu sei, Betty, cabeça erguida.

Outubro

Cabelo

Um cabelo bonito é praticamente a coisa mais importante que uma garota possui... um cabelo lindo sempre pode sobrepujar um rosto que não é assim tão belo... Seu cabelo pode ser seu sucesso ou sua ruína.

Meu cabelo liso e castanho-escuro é grosso e cresce muito depressa. Nunca tive franja porque o DNA ruim dos meus ancestrais decidiu que a vaca ia lamber meu cabelo várias e várias vezes. Apesar de eu não me importar com penteados, não suporto quando as mechas tocam meu pescoço ou meu rosto. Esse é o desafio que irei encarar este mês. Eu costumava usar meu cabelo comprido, caindo pelas costas, mas durante o verão minha mãe me levou a um cabeleireiro que uma amiga lhe indicou em vez do salão barato de rede em que sempre íamos (meu pai percebeu que eles não esterilizavam o material que usavam). De qualquer forma, a mulher só falava espanhol, e minha mãe souou para explicar o comprimento que eu queria. Nem preciso dizer que voltei para casa com o cabelo muito mais curto do que eu tinha em mente. Agora ele está mais ou menos na altura do ombro e meu rabo de cavalo tem só uns treze centímetros. Mesmo assim, eu não ligo. Isso contribui para que eu tenha menos trabalho na hora de fazer penteados.

Meu *fashion statement* nos últimos dois anos tem sido um rabo de cavalo baixo e bagunçado preso por um lápis. As Garotas do Vôlei e os membros da Facção do Futebol são famosos por roubarem os lápis do meu cabelo sem que eu perceba.

Eu sei. É triste.

Betty Cornell diz: "Se você mantiver seu cabelo saudável e mudar o corte com frequência, pode ter certeza de que será conhecida como a garota do cabelo bonito".

Tremo mais que uma vara verde. Estou tão nervosa. Espero, com todas as minhas forças, que ela esteja certa.

Sábado, 1o de outubro

Hoje é o primeiro encontro da SHNJ (Sociedade de Honra Nacional Júnior, um grupo de serviço social para o qual me inscrevi, porque vai ficar bonito na minha carta de seleção para a universidade), e minha mãe está me levando de carro.

— Você está tão lindinha — ela diz.

— Não quero ouvir isso.

— Sério, você está tão adorável!

— Cala a boca! — imploro.

Minha mãe sorri para mim e eu encaro um buraco no painel. Estamos presas atrás de uma velhinha cujo carro tem placa do México e ela dirige uns trinta quilômetros abaixo do limite de velocidade.

— ANDA! — minha mãe berra. Ela tem um jeito engraçado de gritar com as outras pessoas, por isso ninguém do lado de fora do carro é capaz de perceber que ela está com raiva. Ela sorri para eles e fala sem mover os lábios. Eu pessoalmente acho que ela daria uma ótima ventríloqua.

Por fim, estacionamos na biblioteca pública, onde será a reunião. Ela beija meu cabelo dividido no meio.

— Divirta-se — ela diz antes de se afastar na sua minivan. Atravesso as portas duplas e vejo alguns membros da SHNJ esperando seus amigos do lado de fora.

— Uau, Maya, marias-chiquinhas.

Uma garota cujo cabelo cai perfeitamente pelos ombros abafa uma risadinha.

Quando se trata de moda, cuidado para não acabar parecendo sua avó. Não insista em usar topete quando isso já saiu de moda. Não use seu cabelo no velho estilo de sempre, pois penteados antiquados são piores que chapéus da estação retrasada.

Eu me tremo toda quando ela começa a rir e a puxar as marias-chiquinhas dos lados da minha cabeça.

Dica de popularidade da Maya

Quando estiver usando um penteado que lhe faz passar vergonha e as pessoas começarem a perceber, é sempre mais seguro sentir uma necessidade súbita e inadiável de fazer xixi.

Imediatamente sigo o mais depressa que posso para o banheiro e, de lá, corro para a seção de livros infantis da biblioteca onde os outros alunos estão esperando. Estamos ajudando nas atividades do Mês da Herança Hispânica. Reconheço Catalina dos ensaios do coral e vou até ela. Ela está tentando fazer um chapéu de soldado mexicano dos anos 1840, só que, vista mais de perto, a construção de papel preto que ela tem nas mãos lembra mais uma casquinha de sorvete virada de cabeça para baixo.

— Eu gosto das suas marias-chiquinhas, Maya.

— Obrigada.

— Quer ir lá fora e tentar convencer as pessoas a entrar para fazerem chapéus e outras coisas do tipo?

Balanço a cabeça concordando e faço meu próprio chapéu. A cartolina é muito mais rígida do que parece. Finalmente consigo colar as duas pontas, mas a coisa não vai caber na minha cabeça por causa das marias-chiquinhas. *Ah, cara, acho que vou ter que fazer esse sacrifício por uma causa maior.* Desfaço alegremente o penteado que planejei com tanto cuidado e coloco meu chapéu. Catalina e eu caminhamos para fora da sala.

— Chapéus de burro legais — um velhinho berra quando cruzamos a porta.

Não vou nem tentar rebater esse comentário. Talvez ele tenha falado isso porque meu chapéu de burro escorregou tapando meus olhos e eu fiquei momentaneamente cega.

Segunda-feira, 3 de outubro

— Bem, parece que depois de anos como uma parte integrante da Maya, você finalmente largou aquele rabo de cavalo idiota. — A garota na carteira atrás da minha na aula de álgebra abre um sorriso de desdém. — Olhe só para você com o cabelo solto!

Acho que essa garota provou que a declaração da Betty Cornell é mesmo verdade: "O cabelo... é o que mais nos lembramos em uma pessoa".

Na minha escola, a maioria das meninas usa o cabelo solto. Os garotos usam gel e modelam um topete arrepiado bem na frente da cabeça (o que na verdade é bem cômico). A aparência do seu cabelo é um indicador do seu lugar na escala de popularidade. Aqueles com o cabelo mais desarrumado estão lá na base. Aqueles que passam horas cuidando do penteado estão no topo. Se eu já passei cinco minutos da minha vida me penteando, foi muito, o que já diz tudo. Quando alguém resolve se esforçar mais no penteado, isso quer dizer que essa pessoa está tentando aumentar seu status. Esse apelo tosco por reconhecimento raramente passa despercebido. Na verdade, a maioria das pessoas é soterrada por elogios até que seu novo penteado se torne gradualmente parte da sua identidade.

Eu sorrio e balanço a cabeça para a menina atrás de mim cujo comentário decido encarar como algo lisonjeiro. É difícil manter a atenção na aula, pois estou prestes a explodir. Mal consigo afastar a mecha de cabelo que faz cócegas na parte de trás do meu pescoço. Tento ouvir a professora.

— Agora, turma, vamos assistir a uma palestra sobre conduta estudantil.

A garota atrás de mim continua a brincar com meu cabelo, fazendo um carinho maternal como se eu fosse um hamster sarnento.

— Então, todos os alunos com sobrenomes que comecem com letras de N a Z poderiam, por favor, se dirigir ao auditório?

Eu me levanto junto com todos os Nuñez, Sanchez e Vasquez. A gente se arrasta até o refeitório, que todos os professores chamam de “auditório” porque esse nome soa mais chique que “aquele salão com um cheiro engraçado coberto por azulejos brancos e verdes horrorosos e com manchas esquisitas de comida por todos os lados”. Procuo um lugar para sentar e vejo Catalina. Enquanto caminho na direção dela, um membro da Facção do Futebol me dá um encontrão, e perco o equilíbrio. Eu me jogo no banco ao lado de Catalina apenas para cair de costas. Felizmente, minha mochila lotada e com mais de quarenta centímetros de altura amortece minha queda. E minha mãe ainda diz que eu preciso parar de carregar tanta tralha.

— Ai, meu DEUS! Maya, você está bem?

Eu sorrio ainda no chão e sussurro:

— Estou ótima.

Levanto já sabendo que vou ficar roxa.

Só que a essa altura Catalina já seguiu em frente e está conversando com suas outras amigas.

Ajeito o cabelo. Não há a menor possibilidade de ser popular com o penteado de uma mulher das cavernas. *Oh, estou parecendo até a Betty Cornell falando. Estou começando a canalizar o essencial da Betty no meu dia a dia.* Passo os dedos pelos fios e descubro que há um pedaço de comida seca enfiado bem ali no meio. Ecaaaa!

O vice-diretor balança os braços — um sinal de que devemos ficar quietos para que ele possa começar. Ele fica parado igual a uma estátua diante de toda a sala e começa sua apresentação de slides com uma voz monótona. Ele fala um tempão dos nossos uniformes: uma camisa polo amarela com uma camiseta branca por baixo (qualquer outra cor pode promover violência de gangues). Parece que aquilo não vai acabar nunca. E então ele muda o slide para outro cujo título é “Cabelo”.

CABELO

- Não será permitido nenhum penteado chamativo, porque isso promove a violência entre gangues.
- Não será permitida nenhuma cor de cabelo chamativa, porque isso promove a violência entre gangues.
- Todos os rapazes devem se barbear, porque os pelos nos rostos motivam a violência entre gangues (alguns membros de gangue bigodudos no fundo da sala ficam visivelmente irritados com esse item).
- Não será permitido o uso de bandanas, porque isso promove a violência entre gangues.

Ele continua:

— Os únicos brincos que vocês têm autorização para usar devem estar nas suas orelhas. Piercings não serão permitidos, porque eles promovem a violência entre gangues.

— E se estiverem em partes do nosso corpo que ninguém vê? — Carlos Sanchez berra. Escondo o rosto. Como assim? Mas a cara dele parece a mais séria do mundo.

O vice-diretor simplesmente balança a cabeça e dá um clique no mouse para passar para o próximo slide.

BRINCADEIRAS ESTÚPIDAS

- Nada de empurrar.

- Nada de sacudir.
- Nada de bater.
- Nada de lutar.
- Nada de brigar no espaço escolar.
- Tudo isso para prevenir a violência entre gangues.

— Senhor! Senhor! E se não estivermos dentro do espaço escolar? — Carlos Sanchez grita, pulando sem parar.

— Como eu disse, aí não há nada que possamos fazer a respeito. Carlos Sanchez sobe na mesa e soca o ar com os punhos fechados.

— Uhuuu! *Raspa* depois da escola! *Raspa* depois da escola!

Um coro de tapados acompanha os gritos de Carlos, concordando. Os professores não tentam nem mesmo conter o caos. Em vez disso, simplesmente esperam os minutos que ainda faltam para o sinal de início das aulas.

Terça-feira, 4 de outubro

Numa tentativa de elevar o espírito da escola, hoje, no “Dia do Cabelo Maluco”, decidi simplesmente usar meu cabelo preso em marias-chiquinhas baixas em vez de alguma outra coisa extravagante. Não quero promover a violência entre as gangues.

Depois que o sinal da terceira aula toca, escapo para a biblioteca. Dois alunos estão sentados a uma mesa. Eles parecem até aqueles bonequinhos Duendes Mágicos com o cabelo todo arrepiado e pintado de laranja e azul. Eles estão falando de alguém da nossa escola que foi recentemente realocado para um colégio alternativo dedicado a crianças problemáticas. Na minha turma de informática no ano passado, eu me sentava ao lado de um cara novo que veio transferido desse colégio. Ele tinha uma aparência grosseira, com aquele cabelo curto todo desigual, como se o barbeiro responsável

pelo corte estivesse bêbado. O nome dele era Miguel, mas secretamente eu o chamava de Tagarela, porque ele nunca parava de falar. Ele me contou que tinha sido preso três vezes, que a vida dele não passava de uma perda de tempo tediosa e que o melhor lugar para esconder maconha era no calcanhar de um tênis de cano alto. Ele foi mandado de volta para a escola alternativa uma semana depois.

Depois que Miguel foi embora, a polícia foi até a escola com cães farejadores. Eles fizeram todo mundo da nossa turma (quarto período de tecnologia) sair da sala, apesar das nossas coisas permanecerem lá dentro, e formar uma fila contra a parede. Os cachorros receberam uma ordem para farejar cada um de nós e nossas mochilas.

Coincidência? Essas coisas não existem.

Dica de popularidade da Maya

Quando o garoto que senta ao seu lado na sala de aula gentilmente informa que o melhor lugar para esconder maconha é no calcanhar de um tênis de cano alto, é melhor pensar duas vezes antes de usar esse tipo de sapato. Você não vai querer passar a impressão errada para as pessoas.

* * *

Quinta-feira, 6 de outubro

Quanto a lavar o cabelo, reserve pelo menos uma noite por semana para isso. Muitas adolescentes preferem a quinta-feira à noite, porque assim o cabelo fica preparado para o final de semana.

É quinta-feira, por isso tiro o xampu e o condicionador do armário do banheiro. O rótulo diz Frapê de Morango e Tangerina.

Para ser sincera, não quero que meu cabelo fique com cheiro de sobremesa, mas essas foram as únicas coisas que encontrei.

Comece o processo de lavagem com uma escovação minuciosa. Só então mergulhe toda a cabeça na água, aplique o xampu e esfregue. Faça bastante espuma e assegure-se de que o xampu penetrou em cada centímetro dos fios. Agora enxágue essa primeira espuma e faça uma nova aplicação. Nessa segunda lavagem, você deve remover toda a sujeira. Em seguida, condicione o cabelo três vezes. Na terceira, você deve ouvir um rangido quando passar os dedos por ele.

Quando termino, minha mãe me ajuda a prender o cabelo em rolinhos de tecido, o que Betty recomenda para cabelos longos porque esse tipo de rolo “não quebra as pontas e é muito mais confortável para dormir”.

— Uau, seu cabelo não está nada oleoso — ela comenta enquanto prende as mechas rangentes de tão limpas nos rolinhos.

— Espero que não — digo, e ela sorri.

Deito a cabeça sobre os joelhos da minha mãe. Ela teve que sentar numa cadeira para prender meu cabelo, porque agora já temos a mesma altura. Crescer é estranho. Quando eu era pequena, mal podia esperar para ficar mais velha. Agora já não tenho tanta certeza. É difícil perceber que sua mão é maior que a da sua mãe. Isso me deixa triste.

— Você está parecendo até uma daquelas meninas de *Os pioneiros* com esse cabelo. Você está tão fofa!

Solto um resmungo.

— Fofa não é popular. A gente chama de fofo um chihuahua que alguém carrega dentro de uma bolsa — falo para minha mãe. Ela ri, me dá um abraço e me garante que eu não estou parecendo um desses cachorrinhos que as dondocas carregam dentro da bolsa. Ela sempre sabe o que dizer.



Meus rolinhos de tecido

Sexta-feira, 7 de outubro

Acordo cedo para ter tempo de tirar os rolinhos do cabelo.

Devagar, começo a desenrolá-los. São 24 ao todo, e vejo que eles formaram cachinhos por toda a minha cabeça.

AH, NÃO! EU ESTOU PARECENDO UMA SHIRLEY TEMPLE MORENA!

Não posso ir à escola desse jeito. Simplesmente não posso.

* * *

Na escola.

Com cachinhos ao redor de toda a minha cabeça.

Parecendo uma garotinha de cinco anos chupadora de pirulitos.

Ou um poodle.

Ainda bem que Kenzie não veio à aula hoje, senão eu ia ter que passar o dia todo aguentando aquele olhar de julgamento dela.

— E aí, Maya, o que você fez no cabelo? — alguém atrás de mim pergunta. — Está megafofo. Qual é a ocasião especial? Um namorado? — Ela é uma Geek de Banda, número sete na Escala de Popularidade.

— A Maya com um namorado? Não seja idiota! — a amiga dela sussurra.

Penso no meu adorado Ethan, o carinha de quem eu estou a fim, mas que mal olha para mim, apesar de meus novos penteados extravagantes. Quem eu estou querendo enganar? Aquela garota está certa.

Carlos Sanchez apenas olha para mim, ergue as sobrancelhas e não diz nada.

Essa atitude por si só já é crítica o suficiente.

Mais tarde descubro que na próxima sexta-feira será dia de tirar foto! Preciso ver o que a Betty Cornell tem a dizer sobre a preparação para um evento como esse, que pode acabar sendo um fator importante na minha ascensão na escala da popularidade. Foi só pensar no assunto e meu cabelo já ficou com *frizz*.

* * *

Terça-feira, 11 de outubro

Brodie e eu estamos trocando impressões sobre cantores de *ranchera*. Balançamos o cabelo de um lado para o outro ao som do rádio. Até mesmo escrevemos uma música usando todas as palavras em espanhol que conhecemos. Ela deve ser cantada no ritmo de "Suddenly Seymour", do musical *A pequena loja dos horrores*.

El casa burrito

El taco y queso

La mamá, el papá
Soy papas con huevos

TRADUÇÃO TOSCA:

A casa do *burrito*

Taco e queijo

Mamãe, papai

Sou batatas com ovos (ou testículos)

É obvio que meu espanhol é uma droga.

Minha mãe anda pelo meu quarto e senta-se ao meu lado. Conversamos e rimos um pouquinho. Canto para ela nossa recém-composta canção em espanhol.

— Você quase conseguiu colocar os *els* e os *las* nos lugares certos. — Ela ri.

— Como assim?

— Você sabe, todas as coisas em espanhol são masculinas ou femininas. Expliquei isso para o Brodie esta manhã mesmo, enquanto esperávamos pelo ônibus da escola dele.

— Você teve aquela conversa com meu irmãozinho sobre as diferenças entre masculino e feminino enquanto *esperavam o ônibus?*

— Ah, tivemos um tempinho livre. Então expliquei a ele como tudo funcionava.

Fico um pouco horrorizada. Isso não pode ser o que eu estou pensando, não é?

— Não estamos falando do mesmo tipo de diferença entre masculino e feminino, certo? Meu irmão ainda pensa que as meninas fazem xixi em pé.

Minha mãe entende o que eu quero dizer e me bate com um travesseiro. Eu solto uma gargalhada.

— Brodie, vem cá! — E Brodie entra no meu quarto com a cara toda vermelha e morrendo de vergonha. É óbvio que ele já sabe do que estamos falando.

— Me diga uma coisa. As meninas fazem xixi em pé? — pergunto.

— Eu não acho que eu deva ouvir essas coisas — ele murmura depois de alguns segundos de silêncio.

Minha mãe treme. Ela e meu pai estão adiando “a conversa” com Brodie desde sempre.

— Olha só, filhote — minha mãe diz depois que fica claro o quanto Brodie está confuso. — Meninos têm encanamento externo e meninas têm encanamento interno. Se a gente tentar fazer xixi em pé, o xixi vai escorrer pelas nossas pernas.

Rio tanto ao ver a cara do Brodie que caio da cama.

Quarta-feira, 12 de outubro

Escovação é essencial para um cabelo bonito. Não apenas uma escovação lânguida, mas uma boa escovação com vontade, em que as cerdas da escova penetrem entre os fios... Para ser escovado da maneira adequada, o cabelo deve receber no mínimo cem escovadas todas as noites.

Quando eu não sentia mais meu braço e meu cabelo estava brilhante como seda, me encolhi debaixo dos cobertores. Meu pai entrou no meu quarto para me dar um beijo de boa noite e o cabelo dele caiu no meu rosto. Faz dois anos que meu pai começou a deixar o cabelo crescer. Minha mãe não morreu de amores por esse novo estilo dele, mas ela entende que meu pai está fazendo isso não apenas devido às reencenações de batalhas, mas também para aproveitar o cabelo dele enquanto ainda existe. E tem mais uma vantagem: meu pai diz que os alunos costumavam lhe pedir

conselhos porque ele sempre usava uma gravata e mantinha o cabelo curto muito bem penteado. Ele parecia uma figura paternal.

Agora, meu pai me conta que os alunos vão até ele para confessar as coisas erradas que andaram aprontando. Acho que é porque aquele cabelo todo encaracolado na altura dos ombros e o rosto simpático com a barba por fazer deixam-no meio parecido com Jesus.

Quinta-feira, 13 de outubro

Kenzie e eu estamos a caminho da escola para nossa primeira aula do dia. Ela para e olha para mim por um longo tempo.

— Tudo bem, colega, que diabos aconteceu com seu cabelo? Sério. O que eu quero dizer é que ele está esquisito, até mesmo para alguém como você.

Naquela manhã, minha mãe me ajudou a prender meu cabelo em dois coques bem pequenininhos de cada um dos lados da cabeça. Parece até que dois cogumelos brotaram do meu crânio.

— É um *look* princesa Leia — sussurro.

— *E quem é* princesa Leia? — Kenzie pergunta.

Reviro os olhos. Kenzie nunca assistiu a *Star Wars*. Nem comeu mingau de aveia ou viu *Vila Sésamo*. A infância mais carente que eu já vi na vida.

Entro na sala de aula de álgebra e me sento. Anna olha para mim e sorri:

— Gostei dos seus coques, Maya.

E o cara ao lado dela solta uma gargalhada tão sonora quanto repulsiva.

Ela fica toda vermelha e olha para baixo, morrendo de vergonha.

* * *

Na sexta aula, meu cabelo começa a sair dos coques e parece até que pelos estão crescendo nos meus cogumelos. Vou até o banheiro para ver se consigo fazer alguma coisa a respeito, mas todas as pias estão ocupadas por três ou quatro garotas (todas elas no número quatro da Escala de Popularidade da Minha Escola — Garotas-Menos-Populares-Que-Se-Vestem-De-Forma-Sedutora) que tentam ver seus reflexos no espelho. Os jeans que elas usam parecem até que vão prender a circulação das pernas e os sutiãs vermelhos-vivos (visíveis por baixo das camisas polo amarelas) combinam com a camada grossa de blush no rosto delas. Aguardo alguns minutos na vã esperança de que alguém libere algum espaço, mas quando uma das meninas começa a usar um *curvex* nos cílios e a fazer as sobrancelhas, percebo que isso não vai acontecer. Volto para a aula com meus cogumelos felpudos e todo o resto.

Os mapas das trezes colônias que tivemos que fazer como dever de casa estão numa mesa do lado de fora da sala de história. Carlos Sanchez está brincando com o meu, fingindo que o papel é uma espaçonave.

— Não encoste no mapa da Maya — um garoto diz.

Carlos Sanchez baixa o olhar para mim.

— Esse é o seu mapa?

Eu faço que sim com a cabeça.

— Me parece delicioso — ele continua. — Queria poder entrar nele, se é que você me entende. — Carlos ergue uma das sobrancelhas. Acho que ele pensa que fica sexy fazendo essas coisas, só que, na verdade, parece mais que ele tem um tique nervoso.

— Você tem as respostas (*tique nervoso, tique nervoso*) do dever de casa? — ele me pergunta.

— Não vou lhe dar as respostas.

— Babaca. — Ele joga meu projeto em cima da mesa.

Isso parece um pouquinho irônico.

* * *

O dia da foto é amanhã! Estou tão empolgada!

Uma das fotos mais vistas de qualquer adolescente norte-americano é a do livro do ano da escola. Essa foto não precisa lhe causar nem mesmo apreensão se você parar para pensar um pouco a respeito... Para sessões de fotos, use uma camisa de alfaiataria branca... E nada de joias ou bijuterias, exceto talvez um colar de pérolas.

Hoje, mais cedo, minha mãe comprou para mim uma blusa branca linda no brechó. Só que não faço a menor ideia de onde arrumar o colar. Decidi dar uma olhada na caixa de joias onde ela guarda as tranqueiras dos anos 1980. Deve ter alguma coisa que sirva.

Isso mesmo! Achei as pérolas depois de procurar por, tipo, uns dez segundos. Nunca na vida fui obrigada a ver tantos pares de brincos gigantescos e abstratos. Fiquei um pouco preocupada com as terríveis cicatrizes mentais que podem afligir minha vida futura. Minha peça favorita é um imenso bracelete de plástico marrom-arroxeadado aberto por uma dobradiça. Minha mãe o comprou em Paris. Com tanta coisa para comprar na Europa, ela foi comprar logo isto. Não tem desculpa.

Lavo a cabeça e, com todo o cuidado, preparo minha roupa para amanhã. Minha mãe me ajuda a prender as mechas do meu cabelo nos rolinhos (menos apertados desta vez) e até me empresta um pouco de *gloss*.

Acho que amanhã vai ser incrível.

Pelo menos é isso que estou dizendo para mim mesma.

Dica de popularidade da Maya

Torne a sua foto do livro do ano memorável porque, como diz minha professora de ciências: “Seus netos precisam ter algo que os faça rir”.

Sexta-feira, 14 de outubro

Meu amigo Dante alisou seu cabelo naturalmente cacheado essa manhã, mas aparentemente foi uma catástrofe. Então, na hora do almoço, ele borrifou um monte de água no cabelo para que voltasse ao normal. Eu deveria ter avisado uma coisinha a ele...

Sobre as fotos da escola, a Betty Cornell faz a seguinte advertência: “Acima de qualquer outra coisa, não mude de penteado antes da sessão — essas experiências podem se revelar desastrosas e você não vai querer entrar para a história parecendo uma esquisita”.

Durante a aula de ciências, vamos para o ginásio onde os fotógrafos estão à nossa espera. A maior parte dos garotos tira suas fotos como se fossem para suas fichas na cadeia — com a cara séria e se recusando a sorrir. Eu espero ansiosa, treinando a pose que a Betty ensinou: os ombros levemente virados, um perfil que revela apenas três quartos do rosto e mantendo em mente que quanto mais próximo à câmera, maior o objeto retratado vai parecer (por isso é que eu tento manter meu lado esquerdo mais perto da máquina fotográfica, pois meus seios são assimétricos, e este lado foi o mais favorecido).

Como quem não quer nada, pergunto a Dante se minha aparência está legal.

— Para te dizer a verdade, Maya, você sempre me lembra um assassino num filme de terror. Honestamente, é por isso que eu não discuto com você. Tenho medo de que acabe devorando minha cara.

Bem, isso é uma coisa fantástica de dizer a um garota consciente de si exatamente no momento em que ela está prestes a ter sua imagem registrada numa das formas mais definitivas.

— Van, Van, Wag, Wajen, Vagin, Wogen. — Um cara grandão com um bigode comprido e curvado como um guidão de bicicleta lê a lista em uma prancheta.

Dou um passo à frente e nem mesmo me preocupo em corrigi-lo. Já estou acostumada com pessoas que dilaceram meu sobrenome dinamarquês.

Posiciono meu corpo da forma certa e abro um grande sorriso. O flash é disparado e fico cega.

— Uhn... Vamos tentar de novo... — ouço. — Sem os óculos.

Tiro as lentes da minha cara, ainda tonta. O flash me pega de surpresa. Tenho certeza de que minha aparência está horrível.

— Eu... Eu não estava pronta... — gaguejo, mas sou arrastada para o lado pelo cara de bigode. Eu me sinto frustrada e derrotada, mas mantenho a cabeça erguida. Tenho certeza absoluta de que é isso que a Betty iria querer que eu fizesse.

Segunda-feira, 17 de outubro

Minha mãe tem levantado cedo todos os dias para me ajudar a fazer o cabelo. Ela é mesmo o máximo. Hoje, ela fez um rabo de cavalo lateral bem alto, mas nem uma única pessoa na escola comentou a respeito! Na igreja, ontem, o Ethan também não notou meu cabelo. Mas isso não é nenhuma surpresa, já que ele mal olha na minha direção. Imagino se ainda verei o dia em que um garoto vai gostar de mim da mesma forma que eu gosto dele. Medito sobre essa situação enquanto arrumo os livros nas estantes da biblioteca durante o almoço. Leon chega perto de mim como faz todos os dias, elevando meu espírito.

— Oi, Maya.

— Oi, Leon.

— Você está bonita hoje.

— Obrigada.

Ele se afasta em busca de um livro sobre lobos. Os olhos da sra. Corbeil encontram os meus, e ela caminha na minha direção.

— Maya, você já percebeu que o Leon vem aqui todos os dias e diz que você é bonita?

Eu faço que sim com a cabeça.

— Só quero ter certeza de que isso não faz com que você se sinta desconfortável. Eu sei que ele diz certas coisas por causa do autismo. E você sabe bastante sobre o assunto por causa da sua irmã e tal... Se isso a deixar sem graça ou fizer com que se sinta desconfortável, por favor, me diga. Posso conversar com ele sobre ser tão... devotado.

Ela abre um sorriso triste e continua:

— É óbvio que o Leon sente algo por você; por isso, se ele disser alguma coisa que não seja apropriada, me conte.

Fico ali parada, olhando para ela e depois para o espelho na parede. Vejo a garotinha com um rabo de cavalo lateral que segura uma pilha de livros. Sei que Leon tem autismo. E fico grata pela sra. Corbeil proteger tanto todos os alunos que frequentam a biblioteca. Mas, de repente, sinto meu estômago revirar.

Volto para as prateleiras. Leon olha para mim.

— Oi, Maya.

— Oi, Leon.

— Você está fabulosa. Você está incrível. Você está linda.

— Obrigada.

Fecho os olhos. Percebo o quanto isso machuca. Eu estava muito cega para não ver que, talvez, a única razão pela qual ele me acha bonita é o autismo.

Quarta-feira, 19 de outubro

Durante o ensaio do coral após a aula, todas as Garotas do Vôlei estavam chorando. Os cabelos, normalmente perfeitos, estavam desgrenhados e as maquiagens borradas. A professora anunciou que Julina, uma garota do grupinho delas, tinha recebido uma ligação para que voltasse para casa porque seu pai morreria de repente ao sofrer a um ataque cardíaco.

— Não acredito que ele está morto — uma delas soluça.

— Ele era como um pai para mim — sussurra a garota que chora com mais intensidade —, era uma das minhas pessoas preferidas.

Fico ali de pé, me sentindo deslocada. Mesmo sem ter feito nada, Julina tem uma nova identidade. Ela é a garota cujo pai está morto. Eu entendo o que ela deve sentir porque durante a maior parte da minha vida eu fui a menina cuja irmã morreu. Ariana se foi quando eu tinha seis anos, em seu 99º dia de vida.

Brodie — que na época tinha dois anos — e eu ficamos na casa da nossa vizinha enquanto mamãe e papai corriam com Ariana para o hospital. Juro que eu senti o exato momento em que o coração danificado da minha irmã parou de bater. Eu pulava de um trampolim, estava bem no ar, e o tempo congelou. Eu pude sentir. Ela havia partido. Foi naquele exato momento que deixei de ser uma aluna atrevida e autoconfiante do primeiro ano para me tornar a introvertida ansiosa, e com medo de tudo que sou hoje.

Na escola, todo mundo sussurra e soluça ao meu redor. Fico imaginando como esse momento irá definir a personalidade de Julina.



Brodie, Ariana e eu

Quinta-feira, 27 de outubro

No espírito do Halloween, sinto que é apropriado compartilhar algumas observações bem bizarras sobre meu bairro:

- Dá para ver a fumaça de Matamoros, no México, enquanto a cidade queima graças à guerra das drogas.
- Tenho quase certeza de que meu vizinho enterrou um corpo no jardim. Ele sempre rega a mesma parte do gramado.
- Meu irmãozinho tem uma fã na casa ao lado. Ela sempre o segue, quando ele desce do ônibus, e fica parada do lado de fora da nossa casa, mesmo quando não há ninguém. A garotinha tem só cinco anos.
- Também suspeito que há algum traficante por aqui. A gente sempre vê um monte de carros caros e

visitantes noturnos. Para minha própria segurança, não ousou dizer quem ou onde.

- Há uns cachorros que latem à noite inteira. Exceto quanto acontecem festas onde rola um karaokê que só toca *ranchera* às alturas. É uma situação da qual nunca se pode sair ganhando.
- Na semana passada, vi um quebra-nozes em tamanho natural na garagem do nosso vizinho. Ainda estou tendo pesadelos.
- Lycra. Lycra por todos os lados.
- Quebra-molas aqui são conhecidos como quebra-bundas. Nossa casa fica bem atrás de uma placa que alerta para a presença de um quebra-bunda.
- Todas as noites uma música repleta de estática toma conta do bairro. Mas ninguém precisa se assustar: é só o vendedor de milho cozido tentando vender um lanchinho para o pessoal.
- Um frango vaga livremente pelas ruas durante todo o dia. Eu lhe dei o nome de Sandovalzinho.

Sexta-feira, 28 de outubro

— Então você vai mesmo fazer isso? — pergunto à minha mãe do alto do meu poleiro sobre a bancada do banheiro dela, enquanto coloca uma camiseta largona da sua vida anterior (ou seja, da época em que não tinha filhos), quando ela e meu pai eram documentaristas mortos de fome que viajavam pelo mundo. Minha mãe escova os cabelos que começam a ficar brancos. Eles estão soltos e caem pelos seus ombros.

— Ah, vou sim — responde toda confiante, mas percebo que a voz dela treme um pouquinho. Ela nunca pintou o cabelo antes. Mas

é Halloween, por isso, se alguma coisa der errado (o cabelo ficar todo manchado ou cair), ela pode simplesmente tornar isso parte da fantasia. — Milhares de mulheres pintam o cabelo — ela repete pela terceira vez em quinze minutos. — Não pode ser assim tão ruim. — Ela respira fundo e lê em voz alta. — CUIDADO: NÃO USE ESTE PRODUTO PARA COLORIR OS CÍLIOS E AS SOBRANCELHAS. ISTO PODE CAUSAR CEGUEIRA.

Caraca!

Trinta minutos depois, minha mãe está se olhando no espelho embaçado.

— O-oh! — ela exclama —, acho que pinte as orelhas.

— Isto é simplesmente fantástico.

Ela brinca fazendo os mais diferentes penteados, obviamente satisfeita, e abre uma das gavetas onde encontra um toco de lápis marrom para contorno dos olhos.

— Vou ser Frida Kahlo no Halloween — ela comenta enquanto desenha uma monocelha.

— E o bigode, mãe? Frida Kahlo tinha um bigode.

— Você está certa. — Ela solta uma gargalhada e começa a desenhar pelos acima do lábio superior: um buço.

— AHHH! Você está parecendo um HOMEM! Está tudo errado! — eu berro. — Para com isso!

Ela dá risada com uma voz grossa.

Enterro o rosto nas mãos.

Ouçõ a porta da frente se abrir. Meu pai berra um olá todo animado e, logo de cara, posso dizer que ele está aprontando alguma. Ele marcha escada acima e aparece no banheiro com um sorriso malvado no rosto.

O cabelo dele está preso num rabo de cavalo.

Minha mãe tem pelos faciais como um cara, e meu pai usa rabo de cavalo como uma garota.

Meu pai olha fixamente para minha mãe, que olha de volta para ele. Eles correm na direção um do outro e se beijam. Fujo dali mais que depressa. Tudo isso me deixa tão desorientada. Simplesmente há algumas coisas que nossos pais fazem que não devemos presenciar...

Segunda-feira, 31 de outubro

Este ano vou me fantasiar de Betty no Halloween. Não Betty Cornell, mas uma Betty que não tem nada a ver com essa, ainda que seja também bastante influente. Betty Suarez, mais conhecida como "Betty, a Feia", é uma latina megainteligente e confiante que usa aparelho ortodôntico, além de ter um estilo único e um poderoso senso de quem ela é. Minha mãe e eu assistimos às quatro temporadas do seriado no último verão. Somos grandes fãs dela.

Encontramos no brechó uma blusa roxa de babadinhos, uma saia cor-de-rosa florida, sapatilhas horrorosas com estampa de crocodilo, meias verdes com borboletas e uma armação de óculos vermelha. Na minha última consulta no ortodontista, cheguei até a colocar elásticos azuis no aparelho. Brodie vai de Harry Potter, vestido com a velha beca da formatura da minha mãe. Ele sorri, mostrando suas covinhas. O cabelo dele é castanho-claro e é quase tão comprido quanto o do meu pai, só que num estilo de surfista californiano. Meu Deus, como ele é fofo!

De acordo com os padrões de Brownsville, moramos numa área bacana, de forma que é um bom lugar para sair e pedir doces. Nossa vizinhança é formada por: enfermeiras que trabalham o dia todo, professores, agentes do FBI, suspeitos de serem traficantes de drogas (como já comentei antes) e pelo menos um cara fichado por assédio sexual (o que inspirou a transferência da parada do ônibus da nossa escola). Esta noite vai ser interessante.

Está escurecendo depressa, Brodie e eu saímos para pedir doces. Ele pega minha mão quando seguimos para a casa ao lado da nossa. Vejo meu reflexo de relance no vidro de um carro. Parece que minha cabeça está sendo engolida por um gato vira-lata dos mais horrorosos. Detonei meu cabelo e o penteei para trás para compor minha fantasia. De qualquer forma, acho que está combinando com meu figurino, o que é o mais importante.

No geral, a noite correu bem. Brodie e eu coletamos um montão de doces, vimos alguns dos amigos dele enfeitados com perucas com fios encaracolados cor-de-rosa. Até mesmo recebi olhares cheios de desejo de alguns vizinhos que estavam inacreditavelmente bêbados. Isso nunca tinha me acontecido antes. Acho que ser notada é o primeiro passo para se tornar popular, mesmo que a pessoa que tenha prestado atenção em você esteja caindo de tão bêbada.

“Uma das coisas mais importantes que uma adolescente deve se dar conta é de que ela está sempre sendo observada”, diz Betty Cornell. Eu também tenho que estar ligada em mim mesma. Se eu prestar atenção naquilo que faço, talvez algum dia me torne tão popular que todo mundo, sóbrio ou não, vai ter que parar para me olhar. Mas, por enquanto, estou me preparando para “Bettyces” ainda maiores!



O Halloween da minha família

Novembro

Truques de modelo

Para conquistar sua melhor aparência, você precisa criar o hábito de manter a coluna reta... Alguém uma vez me disse para conservar a postura como se sempre quisesse exibir uma bela joia no meu seio, e creio que esse é o melhor conselho que posso lhe dar.

Li isso em voz alta para minha mãe, com o livro da Betty Cornell em mãos. Ela sorriu enquanto esquentava umas sobras de chile no fogão.

Brodie parou de fazer o dever de casa e olhou para a gente.

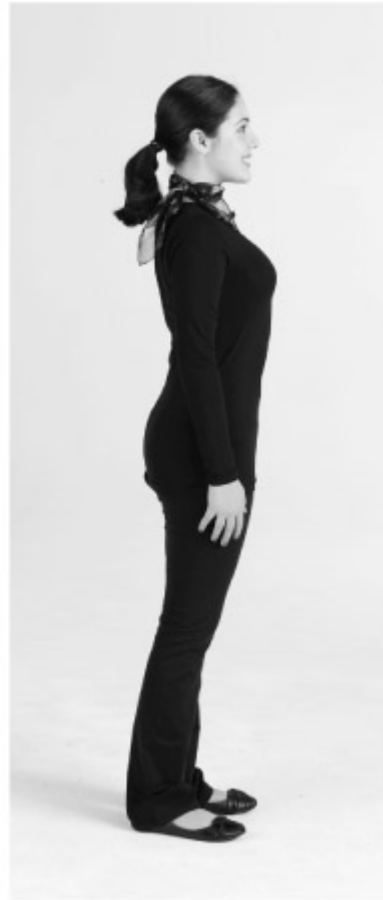
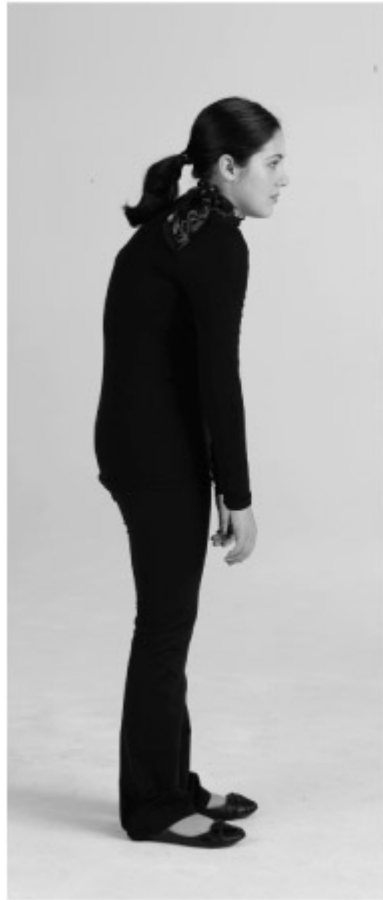
— O que é um seio?

É mesmo, o que é um seio? Provavelmente jamais saberei.

No capítulo chamado “Truques de modelo”, Betty recomenda que eu me sente e fique de pé com a coluna reta e os ombros para trás. Quando ando, minhas pernas devem ter movimentos fluidos e meus peitos devem ser projetados para a frente, saudando o mundo (tudo bem, essas últimas palavras são minhas. Se ela falasse isso nos anos cinquenta, provavelmente seria queimada numa fogueira).

Quando eu tinha quatro anos, entrei no balé. Frequentei as aulas até os nove. Durante esses anos, eu tinha mais consciência da minha postura. Ainda assim, jamais pertenci ao grupo daquelas meninas loiras e esbeltas que parecem ser feitas de açúcar e que podem quebrar se forem tocadas. Eu parecia mais ser feita de tijolos. Pesada e robusta. Minha mãe finalmente deixou que eu abandonasse as aulas depois de ter uma patela deslocada.

Então, no passado eu já fui boa nessa coisa de sentar toda retinha e andar na ponta dos pés. Hoje em dia... Não ando mais tão bem assim. De qualquer forma, tudo que preciso fazer é reconectar-me com minha bailarina interior.



Praticando minha postura

Quarta-feira, 2 de novembro

Você nunca vê uma modelo corcunda, com o bumbum caído ou com o queixo encostado no esterno. Uma modelo sabe que uma boa postura é um item básico para uma boa aparência e que uma boa consciência corporal caminha lado a lado com uma boa postura.

Vou andando com toda a leveza até a parada de ônibus, encolhendo a barriga. Eu me estico para ficar com a coluna toda retinha, mesmo que me dê dor nos ombros. Mais tarde, na aula de história, mantenho minha boa postura. Isso é definitivamente um desafio. O sr. Santiago deixa o ar-condicionado tão gelado que sou obrigada a entrar no modo de hibernação. Tudo o que fizemos durante a aula

de hoje foi ler nosso livro didático. Ele tem um talento para transformar qualquer revolução importante e todos os conflitos do mundo em algo tão chato quanto contar os azulejos do teto. Tento me manter acordada rabiscando o nome do Ethan nas margens do caderno.

E aí, de repente, escuto algumas garotas berrarem umas com as outras em espanhol. A gritaria parece vir do corredor. Esqueço meus rabiscos. E lá vêm mais gritos. O sr. Santiago fecha a porta e continua a aula.

Mais tarde, descobri que toda aquela gritaria foi por causa de duas meninas grávidas que começaram uma briga acalorada. Disseram um monte de palavrões, deram-se puxões de cabelo, e o pessoal da segurança interveio, antes que elas se machucassem de verdade.

* * *

Quinta-feira, 3 de novembro

Graças a um sutiã que não cabe direito em mim, peguei minhas roupas da educação física e troquei a camiseta dentro da cabine do banheiro. As Garotas do Vôlei me observam com total indiferença enquanto me encaminho para o reservado. Queria que Kenzie estivesse aqui, mas ela está doente hoje.

Quando entro no ginásio, sinto que todos olham para mim, só que não com o jeito de Cinderela que chegou ao baile. Parece mais o jeito de pombo que entra numa sala cheia de pavões.

E então percebo que eu sou a única pessoa vestida com roupas de ginástica horríveis.

Entro em pânico.

Finalmente me obrigo a respirar fundo. Tento imaginar o que a Betty Cornell faria.

Então sorrio, mostrando meu aparelho azul-turquesa, empurro os ombros para trás e estico-me para ficar o mais alta possível.

— Ei, olha só, galera! — Carlos Sanchez comenta. — Ela está tentando ser uma modelo!

Talvez eu esteja mesmo.

Segunda-feira, 7 de novembro

Já se passou quase um terço do ano letivo. Não me sinto popular, embora eu continue a trocar de penteado uma vez por semana só para que as pessoas não parem de tentar adivinhar qual será meu visual. Hoje, fui até a sala de álgebra concentrando-me nas minhas pernas, imaginando que o Ethan estava olhando. Betty Cornell explica a melhor maneira de andar por aí como uma modelo:

Para andar com graça é preciso mover a perna inteira de uma só vez... Desse jeito, a perna se move para a frente num único movimento abrangente, em vez de se projetar por meio de uma série de puxões desconexos e desajeitados.

Na verdade, isso é muito mais difícil do que parece quando se está em um corredor cheio de gente que berra, empurra e esbarra em você. Ao meu redor, a galera não para de falar:

— Ele é mesmo um mentiroso, nojento, um escroto pervertido. Nem consigo acreditar que eu um dia...

— Você viu aquela coisa no banheiro das meninas? Parecia até argila.

— Como eu te falei, Sophie, os franceses são uns idiotas.

— Ouvi dizer em algum lugar que as baleias têm um pau no meio das pernas.

De repente alguém me dá um encontrão e uma das alças da minha mochila arrebenta. Ela agora está pendurada no meu ombro esquerdo. Não! Tenho que me curvar e ficar toda torta com o braço

direito dobrado nas costas, para evitar que as coisas caiam da mochila.

Esqueça a postura. Saio mancando, mas tento manter minha dignidade.

* * *

Quando minha mãe vai me buscar na escola, conto-lhe que fui ver um dos amigos do sr. Lawrence (meu ex-professor de história) para saber por que ele estava afastado da escola por tanto tempo.

— O amigo me falou que o sr. Lawrence está muito doente. — Olho para o chão. — Se ele voltar, não será antes do Natal. E isso foi tudo o que consegui arrancar dele.

Agora começo a me perguntar se o sr. Lawrence voltará algum dia.

* * *

Estou lendo o livro da Betty Cornell na minha cama. Abro na primeira página e percebo algo escrito com uma caligrafia caprichada:

*Para Le Nore,
Da Mamãe e do Papai
1953*

Imagino quantos anos Le Nore tinha quando segurou este mesmo livro nas mãos. Como ela era? Será que pediu pelo livro ou ele foi jogado em cima dela por pais alertas que se sentiram mal ao ver que sua garotinha não tinha amigos? Será que o livro ajudou essa menina ou ficou esquecido em uma prateleira, por quase quarenta anos, antes ser despejado num centro de doações?

Queria que este livro pudesse falar. Enterro o nariz entre as palavras desbotadas e as páginas amareladas, respiro fundo e sinto

o cheiro. Amo ler. Meus pais sempre fizeram questão que eu levasse um livro para onde quer que eu fosse da mesma forma que alguns pais insistem para que os filhos levem um casaco.

Quando eu tinha sete anos, eles me deram um exemplar de *Old Yeller*. Ávida para ler a história feliz de um menino e seu cachorro, comecei imediatamente a leitura. Porém, no meio da noite, percebi o que aconteceria com o pobre Old Yeller (era esse o nome do cachorro). Fiquei inconsolável, soluçava sem parar e corri para o porão onde meu pai estava trabalhando. Contei-lhe que eu não seria capaz de suportar aquilo. Ele me abraçou por um longo tempo enquanto eu chorava e, então, me disse que o autor tinha esquecido de incluir um capítulo no final do livro. Ele se sentou comigo no colo durante uma hora e escreveu o “final” da história, que descrevia como, na verdade, Old Yeller não tinha morrido, que tinha sido outro cachorro que se parecia com ele, mas que era mau porque comia gatinhos. Old Yeller viveu feliz para sempre num mundo justo que (eu já tinha aprendido o significado dessas palavras com a morte da minha irmã) ficava a anos-luz da nossa realidade. Esse capítulo ainda está preso na capa do meu exemplar de *Old Yeller*, e sorrio todas as vezes que o leio.

Terça-feira, 8 de novembro

— Este é um toque de recolher oficial. Por favor, sigam para suas áreas de recolhimento de forma calma e ordenada.

Todos damos um pulo ao ouvir as palavras do diretor nos altofalantes. Coloco meu fichário com as letras do coral sobre um porta-partituras e me viro para Anita, a garota que está ao meu lado. Ela parece um pouco incomodada.

Em Brownsville, estamos tão perto da fronteira com o México, que acabamos tendo mais simulações de recolhimento que de incêndio.



Na fronteira

Nos últimos anos, uma violenta guerra do narcotráfico foi declarada entre os cartéis das drogas e o exército mexicano, deixando dezenas de milhares de mortos e desaparecidos. Coisas terríveis têm acontecido na nossa fronteira: drogas, tiroteios, sequestros. No último ano, houve um toque de recolher na nossa escola, certa tarde, porque uma operação antidrogas secreta do FBI estava sendo realizada na rua. Havia até helicópteros e agentes no estacionamento. Meu pai ficou furioso quando lhe contei e reclamou pessoalmente com o diretor local do FBI. Ele disse que foi completamente insano da parte deles fazer uma coisa assim durante o horário de aulas.



A guerra dos cartéis no México vista do escritório do meu pai

Por isso, quando o diretor anuncia toque de recolher, repasso os procedimentos que já me são familiares: trancar as portas, esconder-se numa sala de aula e apagar as luzes. E aí, do nada, a voz de uma mulher em pânico surge no alto-falante:

— TOQUE DE RECOLHER OBRIGATÓRIO! AGORA! AGORA! AGORA!

Logo de cara percebo que aquilo não é uma mera simulação. Anita começa a chorar, apavorada. Nós nos escondemos no depósito da sala de ensaios da banda da escola. Somos vinte meninas ao todo. A sra. Fletcher, diretora-assistente do coral, entra no depósito. A voz dela é baixa, mas inflexível.

— Boca fechada — ela sussurra.

A sala está num silêncio mortal. Ninguém nem ao menos respira. Quando uma sala cheia de meninas do ensino fundamental está tão quieta que se pode ouvir até um alfinete cair no chão é porque alguma coisa está mesmo muito errada.

Ouvimos um baque ao longe. Anita deixa escapar um gemido.

Tudo em que consigo pensar é na minha família — Natalia, meu pai, minha mãe, Brodie. Eu me curvo em posição fetal. A pior coisa é o silêncio. A escuridão. Na verdade, não faço a menor ideia do que está acontecendo. A questão é que nem mesmo os professores — os adultos responsáveis pela gente — sabem o que está rolando.

Já estamos sentadas, pelo que nos parece, há muitas horas, quando as sirenes começam a soar.

A sra. Fletcher dá uma olhadinha rápida pela janela.

— Não falem nada, meninas, por favor, permaneçam em silêncio. Não façam nenhum barulho. Não conversem.

Lágrimas embaçam minha visão. Eu me encolho, abraçando os joelhos.

Como deve ser morrer? Será que eu nunca mais vou ver o brilho do sol novamente? Será que algum dia poderei dizer à minha família o quanto eu os amo?

— Por favor, não se mexam... — a sra. Fletcher sussurra. A voz dela mal é um murmúrio.

Ficamos ali sentadas por mais de uma hora, tremendo e chorando. Então, do nada, as luzes são acesas novamente. Devagar, voltamos para nossa sala, tontas por causa da luz fluorescente. Sentamos mais uma vez diante dos nossos porta-partituras e aprendemos como construir um quinto acorde.

— Então vejam como as notas podem ser alteradas...

Como se nada tivesse acontecido.

Só no jornal daquela noite soubemos que a polícia estava perseguindo um suspeito de assalto pela vizinhança. O cara estava armado e resolveu entrar justamente na rua da nossa escola. Em que tipo de mundo nós vivemos?

Quarta-feira, 9 de novembro

Hoje Natalia completou oficialmente seis anos. A sala está cheia de papel de presente e fitas espalhados pelo chão. Minha irmã carrega para tudo que é lado um cavalo de brinquedo em cada mão. Parece até que ela vai desmaiar a qualquer momento de tanta felicidade. É sempre legal como ela sorri quando abre um DVD dos *Superfofos!*

— Quantos anos você tem, Natalia? — Meu pai se abaixa e a beija na testa.

— Quatro — ela responde da mesma maneira que lhe ensinamos há dois anos. Quando alguma coisa se fixa na cabeça dela, não sai nem com reza forte.

— Não, você tem seis.

— Seios...

— Quantos anos você tem?

— Quatro. — Ela sorri para a gente, mostrando os dentes pontudos. Ainda tenho uma cicatriz no peito de quando ela me mordeu por cima do meu vestido, três anos atrás. Eu a agarrei para impedir que ela saísse correndo pela rua.

— Não, Natalia, você tem seis anos.

— Quatro! — ela berra, frustrada: — *Madre Santa!*

Adoro quando minha irmãzinha xinga em espanhol.

* * *

Sexta-feira, 11 de novembro

Parece que a cabeça de muitos adolescentes sempre chega na frente — o que quer dizer que eles são guiados pelo queixo. Essa atitude agressiva provém da forma como ficam de pé: com a cabeça destacada para a frente, os ombros caídos e os olhos grudados no chão.

Essas palavras definitivamente descrevem a postura do pessoal da minha escola.

Entro (no estilo da Betty Cornell) na sala de ciências e vejo que a sra. Cordova já começou a aula. Tiro um lápis da minha bolsa que, quando tinha as duas alças, era uma mochila. Alongo a coluna e fico o mais alta que posso. Minha vértebra estala, e eu me contraio.

Do nada, Carlos Sanchez e seu amigo Pablo vêm correndo pelo corredor. Pablo afana o lápis da minha mesa, e os dois começam uma luta épica de espadas nas costas da sra. Cordova. Eles pulam para a frente e para trás, dançam na frente da sala e atacam um ao outro com as pontas afiadas. A classe grita, incentivando os dois. Percebo que Pablo não irá devolver o que me roubou, portanto vou até ele como se marchasse com a cabeça erguida. Com toda a agilidade recupero meu lápis, bem na hora em que ele estava prestes a dar um belo golpe em Carlos Sanchez.

Então me recordo das minhas boas maneiras. Olho bem nos olhos dele:

— Obrigada! — digo e volto para o meu lugar.

Um dos nossos piores erros é não ficarmos de pé. Mesmo quando estamos na vertical em relação ao solo, tendemos a nos sentar. Nossa caixa torácica desmorona sobre a cintura e nossos ombros estão curvados para a frente. Uma maneira de corrigir esse hábito é nos concentrarmos na nossa caixa torácica.

Alguns dos outros alunos começam a olhar para mim. Devagar, como se estivessem intimidados, eles se sentam com a coluna mais reta e me encaram por eu ter feito com que se sentissem uns molengas.

Três vivas para a pressão positiva!

Segunda-feira, 14 de novembro

— Adivinha só, Maya. — Kenzie está vermelha de tanta empolgação.

— Arrumei um *namorado*!

— O quê?

— Isso mesmo. — Ela está radiante.

— Quem é? — quero saber.

— Angel. Ele estava na nossa turma de educação física no sexto ano.

— Eu lembro. Aquele garoto todo molenga. — Betty não aprovaria a postura do Angel. — Ele é legal? — pergunto pensando nos carinhas nerds de quem fico a fim (e que geralmente são muito fofos). O Ethan é gentil e inteligente.

— Ele tem um *bigode*.

Mordo o lábio. *Qual é, seja uma boa amiga.*

— Tudo bem — digo. — Só não o deixe fazer nada com você, tá? Você merece coisa muito melhor.

— Jamais — ela promete.

O ônibus chega ao meu ponto. Eu me levanto. Ela me dá um abraço rápido. Forço um sorriso, mas não tenho certeza de quanto tempo vou aguentar esta nova Kenzie, toda animadinha e carinhosa.

* * *

Terça-feira, 15 de novembro

Hoje dei um grande salto. Hoje aposentei os absorventes comuns. Hoje me uni à legião de mulheres em todo o mundo desenvolvido que usam absorventes internos.

Em Brownsville, os absorventes internos são vistos como imorais, assim como o controle de natalidade. O que eu não entendo é que a gravidez na adolescência, em geral, seja aceita com tanta naturalidade.

Usar absorvente interno pela primeira vez é meio assustador, mas minha mãe é uma pessoa muita aberta e sempre compartilha comigo suas descobertas. Ela me contou tudo que descobriu sozinha, porque sua família não falava sobre esse tipo de coisa.

— Quando usar um absorvente, centralize bem na calcinha — ela me disse quando comecei a usá-los. — E, pelo amor de Deus, coloque o adesivo voltado para *baixo*.

— Nunca jogue os absorventes no vaso.

— E, nunca é demais ressaltar: quando você colocar um absorvente interno, *tire o aplicador!*

Crescer ouvindo histórias de terror pode realmente ferrar com sua cabeça, mas é melhor saber logo do que aprender da maneira mais difícil.

Pobre mamãe.

Quarta-feira, 16 de novembro

Na igreja, eu me sento com minha amiga Liliana, de quem sou íntima desde que nos mudamos para Brownsville, há pouco mais de dois anos. Ela era minha melhor amiga antes da Kenzie e é do tipo de pessoa que se esforça para fazer a coisa certa, que cuida de você e lhe faz companhia quando você está se sentindo sozinha. Mas como não somos da mesma escola, passávamos o máximo de tempo possível juntas quando estávamos na igreja, rindo e trocando segredos. Porém, como acontece com muitos amigos, acabamos nos distanciando, embora isso não me impeça de querer continuar próxima dela.

Nós nos sentamos juntas para separar latas de comida que serão doadas para os mais necessitados. O Ethan, meu lindo e maravilhoso Ethan, se aproxima da gente. Meu coração quase para de bater.

Ele sorri para Liliana.

Ele sorri e faz piadas para ela.

Tento falar sobre a minha escola, mas tudo parece sem sentido. Conto uma piada, mas ele não ri. Liliana repete a mesma coisa, e o Ethan praticamente rola no chão de tanto gargalhar.

Fico sentada, olhando para baixo. Não precisa ser nenhum gênio para perceber o que está acontecendo.

De início, tudo que eu sinto é entorpecimento. E depois, dor. Toneladas e mais toneladas de dor.

— O que há de errado? — minha mãe pergunta quando entro no carro.

— Acho que o Ethan gosta da Liliana.

Ela se contrai e faz que sim com a cabeça. Ficamos em silêncio até chegarmos em casa. Meu pai está sentado na sala.

— Maya está tendo problemas com os meninos — minha mãe deixa escapar. Lanço um olhar de advertência para ela, que cala a boca.

— Não foi nada de mais. Ele é só um garoto de treze anos. — Tento dar um tom de desinteresse como se não fosse nada, mas, logo que posso, invento uma desculpa para ir para o meu quarto.

Alguns minutos depois, meu pai vai lá para cima e se senta ao meu lado na cama. Ele tenta fazer com que eu me sinta melhor contando suas histórias de quando era adolescente. Mantenho a voz suave e rio de todas as piadas que ele conta. Posso ver que ele está aliviado, por isso lhe dou um beijo de boa noite.

Mas quando ele passa pela porta, choro até dormir. A expressão "estar caída por alguém" não é uma ironia. É a mais pura verdade.

Dica de popularidade da Maya

Quando o carinha de quem você está a fim, há dois anos, gosta de outra pessoa... Bem, não tenho certeza do que fazer neste caso...

Quinta-feira, 17 de novembro

Dou o meu melhor para andar com a cabeça erguida até a parada de ônibus. ("Pode parecer uma coisa boba, mas uma caminhada

desajeitada pode arruinar até mesmo a mais atraente das garotas”, diz Betty.) E já que eu definitivamente não sou das mais atraentes, acho que tenho que trabalhar ainda mais minha postura. Não sobram muitas opções. Só que logo descubro que não sou a única a ter problemas amorosos.

— Bom dia — digo a Kenzie, quando me sento atrás dela.

Ela ergue as sobrancelhas e desvia o olhar do livro de romance paranormal que está lendo.

— Oi.

— E então, como está seu namorado novo?

Ela faz uma bola com o chiclete de framboesa.

— Terminamos ontem.

— Oh! — Faço uma cara solidária, mas na verdade estou aliviada. Senti falta da velha Kenzie.

— Só que ele me quer de volta.

— Ele tem um bigode.

— Eu *sei!* Por que diabos você acha que eu estava saindo com ele?

Soltamos risadinhas por algum tempo, depois voltamos à nossa discussão de sempre sobre se podemos ou não usar xingamentos que estão na Bíblia nos trabalhos da escola. É fantástico ter Kenzie de volta!

* * *

Temos uma festa da Lista de Honra durante a nona aula. Isso parece legal porque não temos que assistir aula, mas não passa de um bando de nerds que sentam ao redor de uma mesa para comer um monte de porcarias. Pego um pedaço de pizza e ando um pouco pela sala, sem saber onde sentar, o que me lembra mais uma vez que não pertencço a lugar nenhum.

— Oi, Maya, você pode sentar com a gente, se quiser mesmo fazer isso — uma das meninas do coral me convida. Surpresa, eu me junto ao grupo dela. Não entendo suas piadas internas, nem conheço as pessoas de quem elas falam, de forma que me sento em silêncio e olho para meu prato.

Com o canto dos olhos, vejo outra menina sozinha. Todos os outros ao redor tinham dado o fora mais que depressa, esvaziando a mesa em que ela estava. Mesmo assim a menina não parecia se importar e comia quietinha.

Quero me sentar com ela.

De repente, meu coração não quer sossegar. Será que ofenderei as meninas se me levantar para sentar com alguém que, obviamente, está abaixo delas na Escala de Popularidade?

Respiro fundo.

Respirar fundo irá lhe mostrar o quanto você é capaz de preencher toda a área do seu peito com ar.

Não foi isso o que eu quis dizer, Betty.

Vou até ela.

— Oi! — digo logo, antes que eu desista. — Qual é seu nome? — As palavras soam com uma confiança que me surpreende.

Ela olha para cima.

— Donna — a menina responde como se não tivesse muita certeza.

— Prazer em conhecê-la, Donna. — Sorrio e espero que ela pergunte como me chamo, mas Donna parece estar um tanto chocada. Eu me sento diante dela. — Em que ano você está?

— Sexto.

— Que legal! E como você está indo até agora? — continuo. — É uma mudança bem grande passar do primeiro ciclo do ensino

fundamental para o segundo. Mas você parece estar se dando muito bem.

— Estou o.k.

— E então, qual é sua matéria preferida, Donna?

Ela nem mesmo faz uma pausa para pensar:

— Inglês. Adoro escrever.

— Como assim?! Essa também é minha matéria preferida. Eu também amo escrever!

Os olhos de Donna se iluminam quando ela me fala do seu autor preferido e dos contos que escreveu recentemente. O sinal toca, ela se levanta.

— Qual é seu nome? — ela por fim me pergunta, olhando para mim.

— Maya.

Ela o repete como se quisesse memorizá-lo.

— Foi legal conhecer você, Donna. A gente se vê.

Vou para o ensaio do coral e ela desaparece na direção oposta. Acho que a vi sorrir.

Segunda-feira, 28 de novembro

É segunda-feira e estou de volta à minha rotina de acordar cedo. Sou obrigada a levantar, pentear o cabelo e corrigir minha postura (que na verdade tem andado muito bem, obrigada). Quando chegamos à escola, Kenzie e eu vamos direto para a biblioteca.

— Ei, Maya, por que você está andando desse jeito engraçado?

— Eu não estou andando engraçado.

— Está sim.

— É assim que as pessoas deveriam andar.

— Não... — Um olhar de compreensão surge no rosto dela. — Entendi! Você está tentando fazer com que seus peitos pareçam

maiores!

— Não estou nada!

Ela faz uma imitação rápida de como estou andando, jogando os peitos para a frente:

— Peitos maiores, peitos maiores.

Solto um suspiro. Você tenta ter uma boa postura e olha só o que recebe em troca.

Terça-feira, 29 de novembro

Hoje aparentemente minha mãe tentou ter “A Conversa” com Brodie. Ele ficou muito preocupado com alguma coisa que ouviu na escola, então, enquanto meu pai não chegava em casa, minha mãe resolveu tomar as rédeas da situação. Esse extraordinário ritual de passagem é em geral reservado para viagens onde pai e filho acampam sozinhos, mas meu pai raramente tem parado em casa nos últimos tempos. Ele está trabalhando nos horários mais malucos para terminar seu próximo livro e espera poder abrir uma brecha na agenda para que possa fugir com nossa família e a gente se livre de vez dos ataques-surpresa da equipe antidrogas do FBI no estacionamento da escola.

Minha mãe: Você tem alguma pergunta que queira fazer?

Brodie: Eu me meti em alguma encrenca?

Minha mãe: Não. Eu só queria conversar com você sobre a vida e essas coisas...

Brodie: (tampando as orelhas com as mãos) Eu não quero saber! Eu não quero saber! (Meu irmão sai correndo como um raio e se esconde no banheiro.)

Talvez eles devam simplesmente largar o moleque numa fazenda por uma semana ou duas. Ele vai aprender tudo que precisa saber.

Quarta-feira, 30 de novembro

Natalia tem aula de equitação hoje. Ela já teve algumas e está adorando, apesar do fato de apontar para o cavalo e dizer: “Vaca. Múúúú”. Decidi ir junto.

Enquanto seguimos de carro até o rancho, penso no último mês e nos truques de modelo da Betty Cornell. Eis um resumo das minhas descobertas:

- Ninguém na minha escola se importa com a postura.
- Recebi alguns comentários sobre minha maneira de andar (além dos de Kenzie e Carlos Sanchez).
- Eu não me sinto mais popular este mês.
- Portanto, será que sentar reta não faz a menor diferença?

Minha mãe estaciona do lado de dentro do portão e eu desafivelo o cinto de segurança de Natalia, que está prestes a explodir de tanta empolgação. Ela bate palmas tão depressa que tenho medo que minha irmã levante voo. Ela abre seu maior sorriso e pergunta:

— Vamos? Vamos?

Eu a abraço e ela corre com suas botas cor-de-rosa até os estábulos para fazer carinho no cavalo, Simon, antes de colocar seu capacete que combina com as botas. Simon tem cor de meia velha, daquelas que já foram lavadas milhares de vezes. Ele baba, não tem dentes, mas é muito gentil com a Nat, então isso é o que importa.



Natalia e Simon

Minha mãe e a treinadora, a srta. Stacy, ajudam Natalia a subir no cavalo dentro da arena cercada. Eu me sento numa das cadeiras de jardim enferrujadas e tenho pensamentos tristes. Não consigo acreditar que esse lance da postura não deu em nada. Estou tão distraída que quase não me dou conta da conversa que se desenrola ali perto.

A srta. Stacy está contando para minha mãe sobre as apresentações hípcas dos seus alunos que costumam competir.

— Sabe, o motivo pelo qual essas crianças não ganham — ela diz — é porque são preguiçosas.

— Como assim? — minha mãe quer saber.

— Elas ficam corcundas. Sempre digo que precisam se sentar com a coluna ereta para vencerem, mas não me escutam. — Ela observa minha irmã dar uma volta na arena. — A Natalia tem uma postura fantástica.

Ela está certa. Minha irmã sempre se senta com a coluna retinha. Observo enquanto ela ergue os braços e grita de alegria. A Natália fica reta, com a cabeça erguida, mostrando ao mundo o quanto ela é fantástica.

— Postura é tudo — ouço a srta. Stacy dizer.

Sorriso e abandono minha depressão. Levanto-me, encolho a barriga e empino os seios.

Mantenha seus músculos em boa forma e o corpo alinhado, assim você nunca mais terá que se preocupar com sua aparência.

Talvez, no fim das contas, uma boa postura não seja perda de tempo.

Dezembro

Problemas com a pele & Maquiagem

Nenhuma adolescente precisa se conformar com o rosto com que nasceu, já que existem várias maneiras de tirar proveito das técnicas de maquiagem.

Eu só uso maquiagem em peças ou apresentações de balé, só que fantasias de libélula e flor não contam no mundo da maquiagem das meninas crescidas. É claro que já fiz minhas experiências. Quando eu tinha seis anos, minha tia me deu um estojo de maquiagem que incluía batons laranja e roxo, além de montanhas de *glitter*. Só que todas as vezes em que resolvi usar o presente, acabei parecendo uma das prostitutas que fazem ponto na rua 14, no centro de Brownsville.

Minha mãe, que é naturalmente linda, quase nunca usa maquiagem. Só uma vez por ano, quando ela vai a um casamento ou alguma outra ocasião especial. Mas, nos outros dias, não usa absolutamente nada.

Então dá para você entender por que estou suando quando paro com minha mãe no corredor de maquiagens do supermercado, debruçada sobre um pôster que diz **DESCUBRA SEU TOM DE PELE**, tentando adivinhar que cor de pó combina com a minha cor.

— Porcelana está fora de cogitação — minha mãe morena me diz, segurando minha mão sobre um guia feito de plástico. — Tem um monte de gente por aí mais clara que você.

— É o que diz aí.

— Bem, acho que vamos ter que levar esse aqui então. — Ela dá o braço a torcer e joga a embalagem dentro do carrinho. — Do que mais precisamos?

Repasso minha lista da Betty Cornell:

- Pó compacto

- Loção facial leve para servir de base para o pó compacto
- Batom (“vermelhos translúcidos e rosas fortes são boas cores para trabalhar”)
- Pincel para batom
- Esmaltes que harmonizem com os batons
- Base para unhas
- Removedor de esmalte
- Lixa de unha
- Gel de limpeza para o rosto
- Discos de algodão
- Palito para cutícula

Estou até tonta com toda essa informação.

Leio a lista para minha mãe, que encontra um batom vermelho.

— Tem certeza de que você não precisa de blush?

— A Betty Cornell diz que não.

Poucas adolescentes precisam adicionar cor às suas peles, já que possuem uma luz própria resplandecente, fruto de uma vida ativa ao ar livre.

Espero que as aulas de educação física me forneçam esse brilho.

Quando terminamos as compras, minha mãe e eu entramos no carro. Ela olha para mim de um jeito muito profundo e sorri.

— Uau, Maya. Você está sendo muito corajosa.

— Obrigada... Eu acho.

— Sério. Quando eu estava terminando o ensino fundamental, jamais teria sonhado em fazer nem mesmo uma parte do que você está tentando realizar.

Sorrio. Enquanto eu crescia, era a garota quietinha com quem ninguém conversava. Eu era aquela que desaparecia em meio ao resto da turma e só lembravam que eu existia quando a professora chamava meu nome. E se eu me voluntariasse para responder às

perguntas da professora com muita frequência, a classe toda ficaria em silêncio e eu só aumentaria ainda mais a barreira entre nós.

E agora, olhe só para mim. Estou sentada numa minivan com um monte de maquiagem nova no colo, tentando conquistar a aprovação, a confiança e a admiração daqueles que sempre tentei evitar durante toda a minha vida.

Sábado, 3 de dezembro

— Anda logo, Maya, mostre sua maquiagem! — A voz do meu pai vem da sala de estar onde ele está sentado, esperando com o resto da família.

— Não.

— Anda! A gente não tem o dia todo!

Eles têm que ficar de saco cheio alguma hora. Talvez, se eu simplesmente esperar aqui no banheiro com a porta trancada, esqueçam que eu existo.

— Dá para ir logo? — Brodie berra.

Ouçõ minha mãe ir até a porta:

— Maya, está tudo bem. Saia.

— Estou parecendo uma palhaça-prostituta — choramingo.

Eu me olho no espelho e dou de ombros. Segui exatamente todos os conselhos da Betty Cornell. Como pode ter dado errado?

Por fim, destranco a porta e saio do banheiro.

Minha mãe olha para mim e morde o lábio. Minhas bochechas ficam vermelhas, mas provavelmente ela não consegue perceber isso.

— Querida, você está com um monte de camadas de pó. A ideia é que seja uma coisa sutil.

— Oh.

Ela me ajuda a consertar a maquiagem e me empurra para a sala de estar para mostrar ao resto da família. Brodie olha para mim e

assobia antes de continuar imitando um pombo na cara da Natalia.

Meu pai sorri.

— Você está muito bem. — Ele só diz isso porque se sente obrigado. Ou porque minha mãe está sussurrando ameaças atrás de mim.

Kenzie vai achar que eu pirei de vez!

* * *

Segunda-feira, 5 de dezembro

Acordei esta manhã toda zoada, empapada de suor e tonta. Minha mão tremia enquanto eu tentava passar meu batom vermelho novo (com meu pincel de batom novo para que eu possa modelar a boca “da forma mais sedutora possível”). Depois de um tempinho, me obrigo a sair. As luzes vermelhas e amarelas do ônibus da escola surgem na esquina. Quando as portas se abrem fazendo um barulhinho estridente, meu coração congela. Devagar, subo os degraus rumo ao meu destino.

Com a cabeça baixa, sento ao lado da Kenzie. Está bem escuro lá fora; assim, depois de algum tempo, acabo achando que ela não percebeu nada. Mas então uma ruga surge na sua testa.

— Você está usando... ba... tom? — A voz dela é perigosamente tranquila.

— Hum... e daí?

— Por quê?

— É... é... — gaguejo. Por fim, penso numa resposta. — É só de brincadeira!

Ela me observa cuidadosamente.

— Você está usando... *sombra*? — Na última palavra, a voz dela vira um gritinho.

Olho ao redor, nervosa, mas ninguém está prestando atenção. Todos no ônibus estão com os olhos grudados nos telefones celulares. Betty Cornell deixa bem claro que ainda somos muito novas para usar maquiagem nos olhos:

Se você pensa em maquiagem nos olhos, não faça isso. Olhos jovens não precisam de realce. Eles possuem brilho próprio e lampejam como o fogo, então por que enterrá-los sob camadas e mais camadas de gosma? Rímel e lápis de olho... são artifícios que ficam melhores nos outros. Adolescentes que vão para a escola com borrões coloridos em cima dos olhos parecem simplesmente idiotas. Se você estiver indo para algum lugar muito, mas muito especial, em que necessite de uma aparência glamorosa, tente então passar um pouquinho de vaselina ou creme sobre cada uma das pálpebras. Esse único toque já trará tudo que você precisa para piscar os olhos, triunfante.

— Na verdade, é vaselina. — Eu abro um sorriso inocente, apesar de meu coração bater descontrolado no peito. Dou uma risadinha nervosa.

Kenzie começa a retorcer os lábios.

— Então você está usando vaselina... nas pálpebras. — Isto não é uma pergunta. Ela apenas tenta entender o que está rolando.

Kenzie olha para mim por um longo tempo e, por fim, balança a cabeça.

— Você está uma fofa — ela comenta e se vira para o outro lado.

Pela forma com que ela fecha a cara, posso dizer com toda a certeza que isso não foi um elogio.

Terça-feira, 6 de dezembro

Eu tenho espinhas. Um monte. Não chega a ser um caso clínico como o de uma pobre coitada que está na minha turma de ciências (do dia para a noite, o nome dela mudou de Diane Acbey para Diane Acne), mas mesmo assim tenho um batalhão de poros entupidos.

Betty Cornell diz que o melhor remédio contra espinhas é lavar o rosto. Eu tenho um sabonete facial megachique, só que ele nunca vai funcionar de verdade se eu viver me esquecendo de usá-lo. Preciso me empenhar mais este mês. É sério, passei o verão inteiro com uma espinha vermelha como o fogo bem no meio da testa. Parecia até um *bindi*^[2].

Betty Cornell diz que devo lavar o rosto com água quente para abrir os poros e depois esfregá-lo com sabão, aplicando-o de baixo para cima (porque "puxar o tecido facial para baixo pode fazer com que os músculos fiquem flácidos depois de algum tempo"). E depois devo enxaguar com água fria. E duas vezes por semana devo usar cubos de gelo para fechar completamente os poros.

Entretanto, a Betty Cornell não usa a palavra "espinha". Ela chama de "erupções cutâneas", o que me faz soltar uma risadinha todas as vezes que leio essa expressão. Tenho certeza de que a galera dos dias de hoje deve achar que as "erupções cutâneas" dos anos 1950 são uma coisa completamente diferente.

* * *

— Você ainda está usando sua geleia? — Kenzie pergunta quando estamos em frente ao armário da aula de educação física. — Você sabe... a geleia de petróleo.

— Estou.

— Você é doida — ela me diz. E isso é a mais pura verdade. Sabia que se você usar vaselina nas pálpebras ela lambuza seus óculos e quando começa a derreter a coisa se espalha por toda a lente? Tente fazer isso algum dia.

Tiro a calça e ouço um rosnado de nojo atrás de mim. Eu me viro e vejo Flor, a líder das Garotas Góticas Artistas, olhando fixamente para mim.

— Maya! — ela berra. — Toda vez que viro minha cabeça, vejo essa sua bunda gigante bem na minha cara! Não sei com que diabos você acha que se parece, mas ela não é nada bonita! Então, CAI FORA!

Ela me dá um encontrão quando passa e vai se trocar do outro lado do vestiário. Lágrimas começam a brotar nos meus olhos. Mesmo assim, seguro a onda e visto meus shorts.

Dica de popularidade da Maya

Jamais chore na escola. Nunca. Principalmente quando você pode borrar toda a sua vaselina.

Sexta-feira, 9 de dezembro

Como as modelos lidam com o batom quando ele desbota? Tenho a impressão de que o meu desaparece depois de dez minutos. Betty Cornell aconselha usar um pouco de pó compacto antes da aplicação e depois tirar o excesso com um lenço de papel. Só que a coisa não funciona muito bem. Talvez seja porque eu use maquiagem barata comprada no supermercado.

Passo duas horas num site de moda adolescente em busca de respostas. Depois de fazer uns sete ou oito testes, descubro o seguinte:

- Minha pele é "superoleosa".
- Meu *look* "preferido de toda a vida" é "natural".
- Meu "penteadado de inverno" é o "coque banana".
- Minha "celebridade gêmea no tipo de pele" é Selena Gomez.
- Minha maquiagem dos olhos deve ser "sexy e chique".
(Como se fosse fácil!)

É terrível me dar conta de quanto tempo perdi nesse site. Geralmente prefiro ler obras clássicas da literatura. Não sei o que me fez parar para ler historinhas e artigos por tanto tempo. Fico pensando se foi a mesma coisa da vez que minha prima e eu ficamos a tarde toda dando uma olhada em revistas de fofoca. Era mais como uma fixação culpada por uma coisa que para a gente pertence completamente a outro mundo, inalcançável.

Domingo, 11 de dezembro

Uso maquiagem para ir à igreja. Toda vez que vejo o Ethan, dói. Quando ele passa, meu pai agarra meu pulso.

— O que você está fazendo? — pergunto, irritada.

— Seu pulso acelerou quando você viu esse menino. Você ainda gosta dele. — Meu pai sorri. É óbvio que ele acha que está sendo muito esperto. Só que não.

— Meu pulso acelerou porque fiquei nervosa quando você me agarrou — balbucio. Falo mais baixo. — Eu não gosto mais dele, por isso pode me deixar em paz.

— Então de quem você gosta? Do Dante?

— Ninguém, tá?

Ele ergue as sobrancelhas.

— Você não pode simplesmente não gostar de ninguém. Quando eu tinha sua idade, eu ficava a fim de umas cinco meninas ao mesmo tempo. E nenhuma delas gostava de mim.

Ele não entende como eu me sinto. Quando fico a fim de alguém, pode durar anos e é sempre a mesma pessoa.

Percebi que eu estava a fim do Ethan no dia em que algumas meninas da igreja me trancaram num armário pela primeira vez. Elas eram cruéis. Tentavam jogar os outros contra mim e me pintavam inteira quando rolavam festas do pijama, fora que mentiam sobre mim para os adultos.

Enquanto eu estava sentada toda encolhida num dos cantos do armário escuro, ouvi o Ethan dar uma bronca nas meninas por serem tão horríveis comigo. Ele gritou:

— Vão embora! Deixem a Maya em paz! — E destrancou a porta.

Depois, ele sorriu para mim. Meu coração derreteu e meu cérebro se transformou numa geleia, geleia de petróleo. Eu sabia que gostava dele. Muito. Desde a primeira vez em que o vi, gostei dele. Muito. E por mais que eu tente convencer meu pai, minha mãe e a mim mesma do contrário, ainda gosto dele.

Muito.

Segunda-feira, 12 de dezembro

— Vem, Brodie, preciso de você! — grito do alto da escada.

— O que você quer? — ele berra de volta.

— Vem cá que eu te conto.

— Que ÓTIMO!

Ele sobe a escada batendo o pé em cada um dos degraus.

— Você pode me ajudar a fazer as unhas? — eu peço com a minha voz mais doce.

— Sem chance! — Ele finge que está se sufocando e mais que depressa se vira para voltar lá para baixo.

— Se me ajudar, deixo você assistir à TV. E não conto para a mamãe.

Ele congela. E então se vira de novo para me ajudar.

Quando suas unhas estiverem lixadas e as cutículas amaciadas, você está pronta para aplicar a base... Cubra toda a unha com a base e deixe secar totalmente antes de começar a pintar. Depois que a base secar, o passo seguinte é aplicar a primeira camada de esmalte. Cubra toda a unha. É mais fácil que tentar traçar um círculo exato ao redor da lua.

Dez segundos depois, estou explicando para meu irmão o sistema de manicure da Betty Cornell e contei que eu já as tinha lixado no formato que queria e aplicado a base. Só que fiz a maior zona com as camadas de cor e de extrabrilho, por isso precisava de uma mãozinha. Ele balança a cabeça, solidário, e começa a pintar.

— Você não está surpresa por eu estar mandando tão bem? — ele pergunta depois de alguns minutos.

— É mesmo. Você é incrível!

— Eu não gosto de maquiagem, mas mesmo assim sou muito bom nisso.

Eu estava presente quando minha mãe fez o ultrassom que confirmava que Brodie seria um menino. E eu reclamei. Em alto e bom som. A única coisa que eu queria era uma irmã mais velha ou um cachorrinho. A última coisa que eu esperava era um irmão mais novo. Na verdade, eu nem mesmo achava que isso seria possível e estava convencida de que meus pais fizeram aquilo só para me provocar. Assim, quando Brodie tinha dois ou três anos, eu o vesti com minhas roupas e coloquei nele todo tipo de coisa “linda” (um agradecimento especial para minha tia, que me deu de presente um estojo de maquiagem com as cores mais berrantes do mundo). Desde então, ele criou um medo irracional de batom e de qualquer coisa “de menina”.

— Talvez você possa me pagar — ele diz quando termina a mão direita e passa para a esquerda.

— Beeeeem...

— Ah, não precisa ser muito. Só uma moedinha já está bom.

Eu concordo. Ele faz o seu melhor, mas logo se mostra bem atrapalhado.

— Uau, eu estou mandando muito bem. E acabei de aprender!

— Parece até um profissional — eu digo para tentar fazer com que ele se sinta bem.

Ele fica em silêncio por algum tempo, termina o esmalte vermelho e começa a passar o extrabrilho. Brodie está muito orgulhoso do resultado. Isso me faz sorrir.

— Está certo — ele diz como se me pedisse para calar a boca e escutá-lo. — O segredo para um trabalho perfeito é fazer com que a cor pareça exuberante. Quanto mais cor você puser, mais exuberante o resultado será.

— Está ótimo.

— E então... *quanto* você vai me pagar?

Sexta-feira, 16 de dezembro

É o último dia de aula antes das férias de Natal e passei uma camada extra de batom vermelho. Kenzie e eu sentamos no mesmo banco no ônibus de volta para casa. Ela vai para Londres ver o primo. Ah, as vantagens de ser filha única de pais que ganham bem, penso.

— De qualquer forma, estou muito triste porque minha bunda vai congelar — ela se lamenta.

— Ah, pobre bebezinha. Meu coração chora por você — eu digo.
— Você vai para LONDRES! Não fique com pena de si mesma.

Ela sorri.

— E Paris. E aí, alguma coisa interessante aconteceu hoje?

Faço que sim com a cabeça.

— Carlos Sanchez se tornou o novo queridinho da professora na nossa aula de literatura, porque foi o primeiro a responder a uma pergunta sobre metáforas. Ela nos disse que “deveríamos ser mais como Carlos Sanchez”! Não estou brincando. Isso aconteceu de verdade! — Solto um suspiro. — Estou tão chateada! Você não vai voltar até a quinta-feira antes do reinício das aulas! Vou sentir saudade, Kenzie.

— Também sentirei sua falta, Garota do Batom — Kenzie fala com a boca cheia de *cupcake* que roubou de um garoto do sexto ano sentado atrás da gente. A massa faz com que seus dentes fiquem vermelhos. Ela passa um pouco de glacê no meu ombro, que eu, por minha vez, repasso para ela. O ônibus para no meu ponto.

— Tchau — eu grito quando desço do ônibus e vejo minha melhor amiga na janela.

Ela acena, e leio os lábios dela por trás do vidro: *Tchau, Maya*.

Domingo, 18 de dezembro

Recital de piano esta noite. E já que o Ethan e eu estudamos com a mesma professora, ele também vai estar lá. Por mais que eu me odeie por isso, ainda gasto um tempo extra para garantir que minha maquiagem esteja legal. Passar batom e pó compacto já se tornou uma coisa natural para mim. Nem chego mais a pensar duas vezes pela manhã. É muito interessante ver o quanto mudei.

Visto um suéter vermelho, calça preta e sapatilhas. Meu pai olha para mim de um jeito engraçado e ergue as sobrancelhas, pois ele sabe que o Ethan vai estar lá. Eu o ignoro.

Nosso recital acontece na pequena Igreja Unitária no centro da cidade. É um lugar lindo, mas bem pequenininho. Ethan chega e sinto meu cérebro derreter quando ele se senta ao meu lado. Sei que provavelmente meus miolos estão escorrendo pelos ouvidos.

— Você está nervoso? — pergunto.

Ele dá de ombros.

— Um pouco.

— Você vai se sair bem. — Tento não soar devotada demais. — Eu, por outro lado, vou me ferrar.

Ele solta uma gargalhada e balança a cabeça.

O que é tão engraçado? Ah, droga, o que há de errado comigo?

— Ouvi dizer que você toca piano — ele diz. — Você vai mandar muito bem.

— Não vou nada! Olha só minha música! — Eu desdobro uma sonata de Mozart de quatro páginas.

Os olhos dele se arregalam. Ele só toca há um mês ou dois. *O-oh. Eu não queria intimidá-lo. Meleca!*

Mas ele sorri.

— É impressionante — Ethan elogia. O.k., agora meu cérebro oficialmente derreteu e formou uma poça no chão. Não sobrou mais nada dentro do meu crânio, que está 100% vazio. Sinto a necessidade de estalar a língua como Natalia costuma fazer quando está numa sala com teto alto só para ouvir o eco. *Clique, clique. Clique, clique.*

E então nossa professora de piano muda todo mundo de lugar de forma que os alunos se sentem na ordem em que vão entrar no palco. Ethan é colocado numa cadeira a um metro de onde estou e ele dá de ombros. Ele começa a conversar com a menina linda sentada ao seu lado. Ela pisca os cílios cheios de rímel para Ethan e sorri com seus dentes brancos perfeitos.

Clique, clique. Clique, clique.

Domingo, 25 de dezembro

São quatro da manhã.

E eu acordo como de hábito. Todo Natal, Brodie corre aos berros para dentro do meu quarto mais ou menos nesse horário e me avisa que é hora de levantar. Eu atiro alguma coisa nele. Ele acaba indo embora, mas não sem antes arruinar meu sono. Só que este ano eu acho que ele já está muito grandinho para isso.

Quase fico desapontada.

Em épocas como esta, as tradições familiares acabam significando muito para a gente.

* * *

Três horas depois, Brodie e eu pulamos na cama dos nossos pais.

— Acordem! É Natal!

Meu pai resmunga alguma coisa e se vira para o outro lado. Brodie e eu vamos lá para baixo.

A árvore está iluminada e, apesar de já estarem pendurados ali há semanas, os enfeites parecem especialmente lindos. Brodie e eu vamos dar uma olhada nas nossas meias (a única coisa que podemos abrir até que toda a família esteja reunida) e derramamos todos os nossos presentes no chão.

Natalia desce com as mãos cobertas por band-aids. Na noite passada, ela deu um jeito de quebrar uma imagem de Jesus que estava num porta-retratos e começou a brincar com os cacos afiados. Havia sangue por todos os lados. Felizmente, após limpar os machucados, pudemos ver que ela tinha apenas cortes nos dedos e que não eram muito profundos. Não foi nada divertido limpar o quarto dela depois de todo esse suplício. Imagine Jesus olhando para você através de lascas de madeira, vidro quebrado e manchas do sangue da sua irmã mais nova. Feliz Natal bizarro.

Finalmente meus pais vão para a sala. Nós nos reunimos, lemos histórias de Natal, cantamos cantigas e então começamos a abrir os presentes. Um de cada vez, para que possamos guardar essa experiência que só acontece uma vez por ano. Ganho uma pilha de livros, CDs de música clássica e algumas roupas. Como presente, minha mãe também pagou por toda a minha maquiagem. Por volta das onze horas, comemos um monte de rabanadas, omeletes e chocolate quente mexicano.

Brodie tem implorado há meses para termos uma Noite de Jogos em Família, por isso, como um presente para ele, todos nós sentamos ao redor da mesa da sala de jantar para jogar Detetive.

Brodie faz sua acusação pegando a Dona Branca, minha peça no jogo (eu sempre acabo ficando com a empregada bizarra).

— Acho que foi a Dona Branca com a chave inglesa, na biblioteca. — Ele tenta decapitar a cabeça da suspeita com a ferramenta em miniatura e ri, histérico.

Todos nós (menos o Brodie) estávamos tão entediados que peguei o revolverzinho de metal e fingi que estava dando um tiro na minha cabeça. Para um jogo de mistério, Detetive é estranhamente idiota. Enfim, todos nós demos nossos palpites para ver quem chegou mais perto. Brodie é o vencedor.

— Agora vamos jogar Banco Imobiliário! — ele berra.

— NÃO! — gememos ao mesmo tempo. Comparado ao Banco Imobiliário, Detetive é a Disneylândia.

Acabamos jogando Rummikub e meu pai ganha. Ele faz uma dancinha da vitória que inclui abaixar as calças e mostrar a bunda para minha mãe. Normalmente, isso já me deixaria sem graça, só que, para completar, minha mãe está sentada diante de uma janela aberta, o que deixa todo mundo muito animado. Só que não.

Dica de popularidade da Maya

Jamais convide seus amigos para a Noite de Jogos em Família, a não ser que você tenha contatos próximos no meio psiquiátrico.

Apesar de tudo, esse foi um Natal maravilhoso.

* * *

Segunda-feira, 26 de dezembro

Esta noite, os pais do Ethan nos convidaram para um chocolate quente com outras famílias em volta da fogueira na cabana que eles têm à beira do rio. Estou empolgada. E nervosa.

Visto roupas quentes e coloco uma camada extra de pó e batom para servirem como uma proteção contra o frio. Faz quatro graus lá fora agora à noite e descobri que a maquiagem serve como um ótimo isolante térmico. Estou começando a curtir essa parada. Faz com que eu me sinta diferente. Não necessariamente mais bonita, porém mais confiante. Como se eu fosse uma agente secreta. Gosto de me maquiar.

Quanto mais nosso carro se aproxima da cabana, mais depressa meu coração bate. Estou determinada a falar com ele.

Quando estacionamos na entrada da garagem, cumprimentamos todo mundo: um beijo na bochecha para as mulheres e um abraço nos homens. É assim que todos dizem "oi" e "tchau" por aqui. Faz com que você se sinta maravilhosamente íntima de completos estranhos.

Eu me encolho numa cadeira e me concentro em me esquentar. Meu pai senta ao meu lado. Do nada, sinto um tapinha na minha bandana. Olho para cima, pronta para castigar Brodie por tocar em mim, só que em vez disso, *ele* está lá. Ethan.

Ah. Meu. Deus.

Mordo o lábio e tenho certeza absoluta de que tenho batom no dente.

— E aí? — Ele se senta diante de mim.

— Oi. — Tento soar normal. Esfrego os dentes com meu suéter, mas a manga fica presa no aparelho. Puxo a manga durante um tempo até que, por fim, o fio se solta. Eu sou tão descolada...

— Oi, Ethan — meu pai o cumprimenta da cadeira ao meu lado. Eca! Esqueci que ele estava ali. Tento fazer um sinal para que dê o fora, mas é claro que meu pai não entende (ou não quer entender) nada.

Conversamos um pouco sobre a escola, mas tudo que consigo pensar é na expressão convencida no rosto do meu pai. Ah, se um

olhar pudesse matar!

Finalmente meu pai se levanta para uma leva extra de abraços e beijos quando mais amigos chegam. Ainda bem! Ele perdeu a oportunidade de matar a filha de vergonha. Pelo menos por enquanto.

Não sei se é o frio ou o fato de meu pai não estar mais de olho em mim, só sei que de repente fico incapaz de controlar o que falo. Tina Fey descreve esse fenômeno como “vômito de palavras”. Assim, quando Ethan menciona que o chocolate quente queimou sua língua, sinto as palavras escaparem da minha garganta em lufadas fora de controle:

— Quando eu tinha dez anos, minha melhor amiga fez chocolate quente para mim, só que ela colocou a caneca no micro-ondas por cinco minutos e é claro que eu tomei o maior golão. Fiquei sem conseguir sentir nenhum gosto por uma semana. Só que essa amiga não era nada comparada a outra que eu tive no quinto ano. Ela era a garota mais tímida da escola, mas tinha uma vida familiar bem selvagem. Quando fui à casa dela, seu tio estava matando um porco-espinho na varanda. Tinha um monte de sangue e vísceras. Foi tão nojento...

Tapo a boca com uma das mãos para evitar que mais alguma coisa escape.

Engulo o resto da história (que é mais ou menos assim: quando cheguei em casa, eu estava tão cansada que fui direto para a cama. Depois da meia-noite, minha mãe recebeu uma ligação da mãe da minha amiga que pedia para ela dar uma olhada nas minhas roupas, pois era bem provável que encontrasse carrapatos do porco-espinho em mim.).

Ethan murmura um “A gente se vê” e levanta para ir pescar. Fico mortificada pelo meu excesso de informação e o observo fisgar um peixe-pena com escamas brilhantes. Quando Ethan solta o peixe do

anzol e o devolve para o rio, ele salta no ar e a luz da lua dá ao peixe a cor mais prateada que já vi. Com uma batida rápida da cauda, ele se joga nas águas escuras, onde desaparece.

Dica de popularidade da Maya

Se sua boca colocar você em alguma encrenca, corra e se jogue no lugar com água mais próximo. Quisera eu ter feito isso!

Quarta-feira, 28 de dezembro

Brodie nos convenceu a ir à praia, apesar de estar muito frio para nadar. Em vez de ir para a Ilha South Padre, fizemos uma viagem mais longa acompanhando o Rio Grande até a praia de Boca Chica. A razão de Brodie gostar tanto dessa praia é porque, mais cedo ou mais tarde, tudo quanto é tipo de bugiganga acaba sendo trazido pelas ondas. Já encontramos muitas coisas “interessantes” nas nossas visitas anteriores:

- Uma pederneira da Guerra do México.
- Um capacete laranja de algum funcionário da plataforma de petróleo.
- Um pelicano à beira da morte.
- Montanhas e mais montanhas de sapatos.
- Um dente de cavalo fossilizado.
- Um monte de roupas de banho cobertas por uma crosta nojenta.
- Uma câmara de ar repleta de galões de leite vazios usados por algum imigrante ilegal para cruzar o rio.

E...

- De vez em quando, um tijolo de maconha envolvido em filme.

A praia se estende até a foz do Rio Grande e dá para ir andando dentro do rio, que é raso, até o México. Por isso temos que passar pelo controle de fronteira. Nossas viagens em família para a praia só se tornam completas com os cachorros farejadores e agentes da polícia federal que perguntam: "Podemos revistar seu veículo, senhora?". Só que em geral eles só querem saber qual é nossa cidadania. Sempre que fazemos esses passeios, jogamos um jogo muito especial chamado "O que não dizer quando perguntam se você é um cidadão norte-americano".

Eis aqui o top cinco das respostas que provavelmente o farão acabar algemado:

- *Quê?*
 - De acordo com a Quinta Emenda, tenho o direito de não declarar nada que deponha contra mim.
 - Existe uma resposta certa?
 - A questão é: e por acaso você também é norte-americano?
 - E...
 - Eu sou, mas não tenho certeza quanto às duas crianças no porta-malas.



Eu, Natalia e Brodie na praia de Boca Chica com a metade de um barco que encontramos

Quinta-feira, 29 de dezembro

Eu me queimei na praia ontem. Depois de passar um mês lavando o rosto, evitando comidas gordurosas e fechando meus poros com cubos de gelo (que congelaram tanto minha cara que as bochechas chegaram a ficar dormentes) — nenhuma dessas coisas funcionou —, parece até que o sol cozinhou todas as minhas espinhas e elas desapareceram. Agora estou com uma pele perfeita. A não ser pelo fato de estar toda vermelha e descascando, é claro.

Imagino se essa é a “vida ativa ao ar livre” à qual Betty se referia. Preciso admitir que esse estilo de vida é um pouco doloroso.

Sábado, 31 de dezembro

É o último dia do mês, porém o mais importante é que este é o último dia do ano. Todos nós vamos para a casa dos Montero. O sr. Montero fez sushi, incluindo alguns vegetarianos para mim. Já passei o pó, o batom e a vaselina. No início do mês, sempre que me maquiava, tinha a impressão de estar usando uma máscara. Agora, sinto como se isso fizesse parte de mim. A maquiagem se tornou parte da minha aparência. E não pulo mais para trás sempre que vejo meu reflexo no espelho.

A noite vira madrugada na casa dos Montero, enquanto eu faço meu dever de casa no sofá. Minha mãe saiu com Natalia porque ela não suporta o barulho dos fogos. Quando eu estou terminando minha folha de exercícios de álgebra que preciso entregar depois do feriado, Ethan e a família passam pela porta.

Ele ri para mim, obviamente esquecido (ou preferindo ignorar) daquela história do porco-espinho. Eu sorrio de volta, tentando parecer normal, com tudo sob controle. Conversamos um pouco, ele ensina a mim e a mais uma galera alguns jogos de baralho. Ele é mesmo maravilhoso.

Finalmente é hora de ir lá para fora ver os fogos de artifício.

O céu está cinza-alaranjado por causa da fumaça. Meu pai vem ficar ao meu lado, no momento em que alguém começa a contagem regressiva.

— Dez! — *E aí a maquiagem acabou e ainda assim não sou popular.*

— Nove! — *A maquiagem no meu rosto raramente é percebida (a não ser pela Kenzie).*

— Oito! — *Mas acho que houve uma mudança maior.*

— Sete! — *Sinto que estou menos medrosa.*

— Seis! — *Agora decidi ser mais confiante.*

— Cinco! — *Vou ser popular!*

— Quatro! — *E tudo bem se eu tropeçar algumas vezes no meio do caminho.*

— Três! — *Porque vou recuperar o equilíbrio e não vou desistir.*

— Dois! — *E o que quer que eu faça, será fantástico!*

— UM!

Todos os casais da festa começam a se beijar. Meu pai me puxou para perto e me deu um abraço. Observei disfarçadamente o sr. e a sra. Montero e acho que se algum dia eu desse uns amassos como os que eles estão dando, meu pai romperia uma veia e meu batom desapareceria antes que se pudesse dizer: “Popularidade, lá vou eu!”.

Os fogos de artifício explodem na escuridão e o som de tiros ecoa pela noite.

Feliz Ano Novo, Betty!

Janeiro

Roupas & O que vestir na ocasião certa

Sou o tipo de pessoa que corre de cenas desconfortáveis em livros e filmes. E não estou falando das picantes ou assustadoras, mas das situações que fazem com que sua pele pinique de tanta vergonha. Sabe como é, quando um personagem finge que tem uma doença terminal, só para se safar de ser jurado num tribunal, e perde totalmente o controle sobre sua mentira, a tal ponto que as celebridades e a mídia internacional decidem se meter na história? Fecho os olhos e saio correndo para o meu quarto, pensando: "Estou tão feliz por não ser essa pessoa".

Só que é completamente diferente quando é a minha vida que se torna uma situação desconfortável.

Não dá para sair correndo.

Em vez de correr, tenho que encarar a cena, por mais grotesca e dolorosa que possa ser. Não posso culpar nenhum diretor por sua falta de noção. Há apenas uma pessoa responsável por me meter nesta confusão.

O nome dela é Betty Cornell.

Tudo bem, também é meio minha culpa. Eu queria dar um gás no meu processo de mudança neste novo ano.

Só que foi a Betty que me disse para usar uma saia e pérolas na escola amanhã.

Como pude deixar as coisas chegarem a este nível?

Segunda-feira, 2 de janeiro

Morenas... podem brincar com tons exóticos de tangerina, vermelhos e verdes vivos. Devem tomar cuidado com os amarelos, que tendem a deixar sua pele com um aspecto pálido, embora possam apelar para os azuis e bege com sucesso.

Minha mãe e eu compramos algumas roupas no brechó tendo como referência os parâmetros de Betty para montar um guarda-roupa.

Escola:

- *Várias saias básicas em tons neutros.*
- *Suéteres de mangas curtas e longas em cores clássicas.*
- *Um ou dois shorts (ou saias) que possam ser usados com suspensórios — um item que a deixará bem-vestida em qualquer ocasião.*

Dei uma olhada nas regras do uniforme da escola. São permitidos saia cáqui e suéter marrom ou amarelo. Não há regra para o uso de suspensórios. E até agora eu não sei exatamente o que Betty quer dizer com isso.

Ainda tenho que arranjar algumas coisas:

Acessórios:

- *Duas ou três meias de nylon.*
- *Dois pares de luvas de algodão branco — para ocasiões formais.*
- *Um colar simples de pérolas pequenas.*

Na falta de suspensórios, esta manhã (o primeiro dia depois dos feriados de final de ano), vesti o seguinte: uma saia cáqui na altura dos joelhos, minha camisa polo amarela (foi mal, Betty, mas algumas regras do uniforme não podem ser alteradas) e um suéter marrom de gola canoa. Enfio os pés nos meus novos (pelo menos para mim) sapatos de couro preto. Eles têm salto quadrado e são presos por uma fivela que fica sobre o peito do pé, como o calçado que uma garotinha de cinco anos usaria no desfile de Ação de Graças. Fecho o colar de pérolas na base do pescoço e me olho no espelho.

É literalmente doloroso. Pareço uma pessoa saída de um filme antigo ou uma paciente de clínica geriátrica. Lágrimas surgem nos meus olhos, mas mordo os lábios. Não é hora de chorar. É hora de lembrar que sou a protagonista da minha própria história, encarando

qualquer desafio com graça e sabedoria. Confiro mais uma vez a maquiagem e então atravesso a porta da frente bem devagar. Minha mãe me deseja sorte, mas não respondo nada. Em vez disso, ouço o *toc, toc* dos meus saltos na calçada. Eles são os tambores que rufam enquanto sigo para minha própria execução.

* * *

A reação não é a que eu esperava. Recebi alguns comentários na hora do almoço, mas a experiência como um todo parece, de alguma forma, decepcionante. Deus do céu, estou usando uma saia!

Como sou uma das pessoas mais impressionáveis do mundo, percebo que Joshua, o garoto excêntrico da minha turma de literatura, voltou das férias com uma barba. Meu estranho novo visual simplesmente não é capaz de competir com o crescimento excessivo de pelos faciais do segundo ciclo do ensino fundamental.

Enquanto sigo para a sala de ciências, recebo alguns olhares engraçados. Uma garota diz que eu estou chique e que minha saia é muito... "Maya". Eu agradeço.

Muitas pessoas nos julgam pela maneira com que nos vestimos. Roupas, por serem algo tão obviamente externo, são uma das primeiras coisas que todos percebem e, de fato, muitas vezes nossa tendência é pensar em nossos amigos relacionando-os com suas roupas. "Aquele casaco é a cara da Mary" ou "Essa saia é perfeita para Jane, é bem o tipo de que ela gosta".

Meu amigo Dante para, olha para mim e continua a andar. É bom vê-lo de novo, considerando que a última vez que interagimos foi quando ele escreveu *Maya é flatulenta. Eca!* no meu caderno em caneta permanente há algumas semanas.

— E então — ele diz baixinho, olhando para o apontador para que a professora não consiga vê-lo falar —, qual é o grande evento?

— Hein? — eu digo como a CDF certinha que sempre fui.

— Você vai tirar fotos hoje?

— É, bem... Não. Estou usando saia... Só porque achei legal!

Ele solta uma gargalhada repulsiva, o que me lembra o quanto ele assume o papel de um irmão mais velho. A professora olha por cima do livro, interrompendo a aula de física, cujo tema principal havia se desviado para uma discussão sobre casos extremos de mortes em parques de diversão. Ela arqueia as sobrancelhas.

— *Você é sinistra. E maluca* — ele sussurra para mim, sarcástico.

— Eu sei — rebato.

E o sr. Lawrence ainda não voltou. Não sei o que está rolando, mas tenho medo de perguntar. O que devo fazer?

Terça-feira, 3 de janeiro

Muitos alunos da minha escola vestem jeans de marca e eu seria devorada viva se aparecesse com alguma roupa comprada no Walmart. Apesar de vivermos numa comunidade pobre, eles parecem sempre arrumar dinheiro para se vestir bem. O uniforme que somos obrigados a usar deixa algum espaço para a autoexpressão e individualidade, especialmente quando as camisas polo das Garotas do Vôlei trazem nomes de marcas em letras gigantes por todos os lados.

Estar bem-vestida não significa usar roupas caras ou extravagantes. Muitas garotas se vestem bem e na moda com muito pouco dinheiro — elas sabem garimpar e escolher, além de ter um senso apurado do que lhes cai bem.

Obrigada, Betty.

* * *

Hoje decidi subir mais um degrau, tentar alguma coisa mais desafiadora. Quando entro no ônibus no segundo dia da minha experiência *fashion*, com a metade inferior do meu corpo coberta por uma tenda de circo de cor cáqui que vai até meu tornozelo, sou

cercada por sussurros e risadinhas. Sinto falta da Kenzie. Se ela não estivesse de bobeira lá em Londres, tenho certeza de que ela também iria me zoar. Mas pelo menos não deixaria *mais ninguém* fazer isso.

Já estamos na segunda aula e ninguém ainda me olhou nos olhos. Como o tamanho da minha saia pode afetar tanto minha popularidade? Muito cuidado com aquilo que você deseja: eu queria uma reação mais consistente e foi isso o que consegui. E não foi uma reação do tipo: "Uau, você está fantástica". Em vez disso, foi aquele tipo de reação que me deixa vermelha como um tomate e que me faz querer rastejar para dentro de um buraco. Vou para o ensaio do coral e percebo que alguns meninos na sala olham para mim. Os olhos deles vão dos meus peitos assimétricos até minha cintura. Eles não param de olhar. Jogo meu peso de um pé para o outro, extremamente desconfortável. Isso só pode ser algum tipo de assédio sexual. Um deles murmura algo que não consigo entender, e todos caem na gargalhada.

— Qual é, galera? Essa foi cruel — uma garota comenta.

Tento parecer digna, mas me sinto desesperadamente perdida. Por fim, me lembro da imagem das mulheres que lutaram contra o governo pelo direito de votar. Fiz uma pesquisa sobre o Movimento Sufragista para o Dia da História há dois anos. Elas usavam saias compridas. Elas mudaram o mundo. Eu me sento com a coluna um pouco mais reta.

Mesmo que eu seja a única pessoa na escola coberta por uma montanha de tecido, posso lidar com isso.

O último sinal toca e sigo pela porta que leva ao local onde nossos ônibus estão estacionados. Caminho a duras penas pela grama lamacenta, levantando a saia. O olhar de um professor encontra o meu. Eu sorrio, mas ele franze a testa para mim.

— Você é de... alguma *daquelas* igrejas? — ele rosna.

— Nã... Nã... Não — gaguejo.

— Ah, que bom. — Ele está claramente aliviado. — É que eu vi essa saia comprida e pensei que você fosse.

E lá vai ele, caminhando todo feliz enquanto eu fico ali, bolada. Betty Cornell estava certa: as pessoas julgam você pelas suas roupas.

Dica de popularidade da Maya

Não questione suas escolhas em relação ao que você coloca dentro do seu armário baseada na intolerância religiosa de outras pessoas.

— Adivinha só, Maya — minha mãe me diz quando chego em casa. — Fui até o centro hoje. — O centro de Brownsville tem importadoras chinesas, bares, clubes de *striptease* e lojas de roupas e artesanato. Costumamos ir às lojas de *ropa usada* (brechós, em espanhol) antes do Halloween. Eles vendem roupas a granel.

Minha mãe tira alguns itens de uma sacola de plástico: meias-calças, braceletes com imitação de pérolas e brincos de pérolas de todos os tamanhos possíveis e imagináveis. Ela passa a sacola para mim e dou uma olhada no que tem lá dentro.

Pisco várias vezes, cega pelo mais absoluto terror. Isso não pode estar acontecendo.

Eu vejo um par de luvas de algodão... e uma bolsa *clutch* branca de imitação de couro.

Vou usar essas coisas para compor meu visual dos domingos. Junto com outro elemento:

Não se esqueça de que há ocasiões em que você deve usar um chapéu. A igreja é um dos lugares em que você não pode ir com a cabeça descoberta.

Eu já sabia o que usar: um chapeuzinho de palha com uma fita branca para dar um laço na parte de trás da cabeça. Ele começou

sua vida como parte da minha fantasia de *sufraquete*, mas me dei conta de que também poderia servir para ocasiões como essa.

O que será que o Ethan vai pensar?

Quarta-feira, 4 de janeiro

Hoje, um garoto do oitavo ano de outra escola da nossa cidade morreu.

Algumas pessoas disseram que ele se matou. Só que fico pensando se o garoto pensou no que aconteceria quando brandiu a arma que levou para a escola e se recusou a largar.

Todos os outros alunos foram trancados nas salas de aula. Eles ouviram os tiros, três no total, todos apontados para o próprio garoto. O resto do pessoal se escondeu debaixo das carteiras achando que fosse morrer.

Só que não. Apenas um garoto de quinze anos do oitavo ano foi morto.

Imagino como deve ter sido olhar para o corpo de um menino jogado no chão do corredor de uma escola. E se dar conta de que a coisa presa na mão dele era nada mais, nada menos que uma pistola.

Deitei na cama aos prantos, pensando no quão pouco minhas preocupações com moda realmente importam.

Quinta-feira, 5 de janeiro

Quando subo os degraus do ônibus da escola, vejo um par de tênis roxo e preto por baixo do banco. Corro para abraçar minha amiga.

— Kenzie! Você voltou! Ah, meu Deus, como foi lá?

Ela recua.

— Bem, você não vai me responder? — Eu me joga no banco ao lado dela.

— Onde estão seus sapatos *normais*? — ela me pergunta com sua voz perigosamente baixa.

— No meu armário, por quê?

— Você está usando *pérolas*... E um *suéter*... E uma *saia*... E *meias finas*.

Na verdade, é uma meia-calça, mas não vou falar isso para a Kenzie. Ela já está prestes a ter uma crise nervosa.



Meu visual completo da década de 1950

— É — concordo.

- Por quê? — A voz dela é quase um lamento.
- Por diversão! — Essa resposta agora sai quase no automático.
- Como assim, Maya? Você está se transformando numa dama!
- Nem todas as “damas” vestem roupas da década de 1950.
- Exatamente! Você está se transformando numa dama *velha*! Velha, velha, velha! Você está parecendo uma professora. Podia até ser irmã gêmea da sra. Thomson! Gêmea dessa mulher! Você faz alguma ideia do quanto isso é perigoso?
- Por quê? Alguém vai me zoar ou me bater? — brinco.
- Vão fazer as duas coisas! — Ela resmunga e balança a cabeça.
- Eu... Eu não sei mais quem você é.
- Ah, Kenzie. — Sorrio. — Também senti saudade.

Sexta-feira, 6 de janeiro

— Você não vai acreditar no que eu comprei lá no Louvre! — Kenzie tira um livrão de dentro da mochila. — São fotos de todas as pinturas do museu. Olha só, aqui é *A virgem das rochas*, do Leonardo da Vinci. — Ela passa a página. — E, ah, eu me lembro dessa aqui! Só não consegui entender por que o artista achou que duas mulheres beliscando os mamilos uma da outra poderia ser interessante.

— O quê? — a srta. Corbeil diz ao nos ver passar pelo corredor. Ela olha para mim e congela. Levo um segundo para me dar conta de que ela está de boca aberta. E por causa da minha roupa, não da pintura. Com toda a certeza eu me superei hoje. Visto uma meia-calça, uma saia midi cáqui, pérolas, mocassins e, o melhor de tudo, um cardigã amarelo-claro.

Kenzie mais que depressa toma uma atitude, já que não consigo mover a língua e meu rosto fica todo vermelho:

- Ela parece uma professora substituta, né?
- Pois é! Ela parece mais com uma professora que eu!

Ah, isso é péssimo. Na verdade, dei um grande passo para a base da Escala de Popularidade da minha escola: os professores substitutos são a categoria mais baixa.

Domingo, 8 de janeiro

Acordei cedo para arrumar todas as minhas coisas para ir à igreja. Betty Cornell diz que devemos aprender a cuidar das nossas próprias roupas, por isso, eu mesma lavei as minhas ontem. Minha mãe ficou toda empolgada. O único problema é que consegui encolher um suéter de lã roxo muito maneiro. Ficou tão pequeno que chega a caber na Natalia. Vivendo e aprendendo. Acho eu.

Para minha estreia na igreja, decidi usar um vestido azul-marinho, chapéu, luvas, pérolas e uma bolsa *clutch*.

Os policiais são levados ao desespero pela visão de senhoritas que andam de um lado para o outro na cidade deles com shorts curtos e macacões da fuzarca [pesquisei essa palavra. Acho que significa "feito de jeans", mas não tenho certeza]. Quer você se dê conta ou não, algumas vestimentas assim chamadas de "informais" são o suficiente para elevar às alturas a pressão arterial dos adultos. Pelo amor de Deus, tenha um pouco de compaixão e orgulho: coloque uma saia quando for fazer compras.

— Deixe-me adivinhar. Você vai participar de alguma peça de teatro ou coisa do tipo — o irmão menor de Ethan comenta quando chegamos à igreja.

— Não. Estou vestida assim por diversão. — Por diversão. Essa resposta se tornou minha explicação, meu mote, meu bordão. Estou começando a adorar essas palavras.

— Oh! — ele diz.

Ethan olha para mim por um longo momento, mas não da maneira que eu gostaria. Isso tem acontecido comigo o tempo todo nos últimos dias.

Pergunto a ele que horas são.

— Eu não sei... mas gostei muito do seu chapéu. — Ele abre um sorriso sincero.

— Obrigada. — Fico vermelha, sem me preocupar com isso, pois estou usando pó compacto.

Agora estou me sentindo realmente feliz por usar esse troço na cabeça.



Meu chapéu

* * *

Terça-feira, 10 de janeiro

O ônibus atrasou horrores, por isso, quando chego à escola, tenho que ir até a secretaria para explicar meu atraso. Minha professora de

álgebra entra no escritório com uma das professoras de educação física. Elas estão discutindo a respeito de algumas provas quando, de repente, a *sra. Educação Física* olha para mim de um jeito engraçado, como se estivesse assistindo a um daqueles comerciais megadeprimentes de abrigos de animais.

Tento sorrir, mas ela olha para mim de um jeito estranho. Ainda mais estranho.

Quando tento dar o fora da secretaria, ela bloqueia a porta. Ela é uns trinta centímetros mais alta que eu e seu cabelo ruivo está preso numa trança.

Ela sussurra para mim:

— Espero que essa pergunta não a deixe desconfortável, mas quanto você calça?

— Como?

— Percebi que seus sapatos estão muito grandes. Tenho alguns pares que as meninas esqueceram no vestiário.

Olho para meus mocassins. A fivela parece me encarar. Não entendo o que ela quer dizer.

— Não precisa. Estou bem. Está tudo certo.



Meus mocassins e minha meia-calça

— Docinho, não tem problema. Pode ficar com eles. Que número você calça?

Caracoles! Ela acha que sou uma mendiga!

Sinto meu rosto ficar vermelho e minhas mãos começam a suar. Eu as seco na saia.

Ela morde o lábio inferior. Estou muito horrorizada para encontrar qualquer palavra.

Por fim, ela suspira e balança a cabeça:

— Não quero que você se sinta mal com minha pergunta, tá? Qualquer coisa que você precisar, querida, é só pedir.

Cala a boca, Maya, tente não parecer chocada.

Só que, apesar de estar totalmente sem graça, fico muito tocada pela compaixão e generosidade da professora. Se alguém precisar de um par de sapatos, espero que encontre uma pessoa tão gentil quanto ela.

Mas só então percebo que minha professora de álgebra e várias outras pessoas ouviram nossa conversa. E aí fico morta de vergonha novamente.

Quarta-feira, 11 de janeiro

Kenzie e eu não temos muita certeza se uma insanidade dessas pode ser verdade. Como assim?

Acabamos de testemunhar a despopularização de Nadia, uma das Garotas do Vôlei.

O que conseguimos confirmar (supondo que as fofocas das Garotas do Vôlei sejam uma boa fonte) foi o seguinte:

— A Nadia é a maior vaca do mundo.

— Então todo o mundo estava tipo assim “qual é?”, e a galera toda ficou megairritada e essas paradas.

— Ela parou de andar com a gente e daí, do nada, tudo ficou diferente.

Kenzie e eu também conseguimos juntar as evidências e formamos a seguinte linha do tempo:

Tudo começou com uma música raivosa e barulhenta que estava escapando dos fones do iPod da Nadia. Depois, ela começou a andar com a Josefina e a Flor, as líderes das Garotas Góticas Artistas. Em seguida, ela passou a usar umas bandanas metalizadas e pintou o cabelo de preto. A partir daí, cortou todos os laços com as Garotas do Vôlei. Era oficial. Sem retorno.

O que é ainda mais estranho é o fato da Nadia ter começado a falar comigo e com a Kenzie. Ela sorri para a gente. Dez dias atrás, nem sabia da nossa existência. Agora se lembra dos nossos nomes.

Então o que está rolando? Ser popular por acaso significa que você precisa agir como uma vaca com todo mundo que não seja seu amigo? Seja qual for a resposta, será que eu quero mesmo ser

assim? Talvez exista alguma outra definição de popularidade. Deve existir.

Quinta-feira, 12 de janeiro

Não aguento mais. Preciso saber o que está acontecendo com o sr. Lawrence. Será que ele está mesmo doente? Por isso, pergunto para a única pessoa que tenho certeza de que “não vai tentar mascarar a verdade da pobre criança”. Minha bibliotecária.

— Sra. Corbeil, você sabe o que está acontecendo com o sr. Lawrence?

Num primeiro momento, ela desvia os olhos dos meus, mas finalmente revela:

— Ele está no hospital. Estágio quatro de câncer.

Meu coração para e de repente foi como se a Terra houvesse perdido todos os sons. Meus pensamentos são dolorosos e afiados como facas. Já assisti programas *trash* de medicina o suficiente com minha mãe para saber o que acontece durante o estágio quatro de qualquer câncer. Apesar de já ter certeza, dou uma conferida pela internet, e minhas conclusões são confirmadas.

O sr. Lawrence está morrendo.

O resto da aula passa como se eu tivesse levado um soco na cabeça. Nem sei o que fiz para seguir em frente naquele dia. Kenzie olha para mim de um jeito engraçado e pergunta o que há de errado. Dou uma explicação rápida, ela pede desculpas toda fofa e me dá um tempo.

Quando minha mãe vai me buscar, conto-lhe o que está acontecendo. Não consigo mais segurar as lágrimas.

— Ele está morrendo — digo entre soluços. — Ele está morrendo e ninguém me contou nada.

Ela dá tapinhas nas minhas costas e deixa que eu me lamente.

— Sinto muito, meu amor — ela sussurra. — Sinto mesmo. — Ficamos em silêncio por um tempo antes que ela comece a falar novamente. — Querida, você deve escrever uma carta para ele. Você precisa ter certeza de que o sr. Lawrence sabe de toda a influência que exerceu na sua vida.

Quando chegamos em casa, me curvo sobre a escrivaninha e escrevo por horas. É mais doloroso do que qualquer outra coisa que já escrevi. Duas míseras páginas para resumir dois anos tão importantes de orientação, ensinamentos e auxílio, para que eu descobrisse minha paixão. Duas páginas para dizer que ele me ajudou a descobrir a mim mesma.

Minha mãe descreve como eu me sinto: “retorcida”.

Eu me encolho no sofá em posição fetal, sem pensar em nada.

Às vezes, pensar é doloroso demais.

Domingo, 15 de janeiro

Hoje é a festa de catorze anos da Kenzie, que vai comemorar na pista de boliche, aqui perto de casa. Eu vesti até uma calça para não envergonhá-la. Recebi o convite na quarta-feira, só que a Natalia prontamente o comeu, por isso não tenho certeza do local exato que a Kenzie marcou para nos encontrarmos. Abro a porta principal do boliche e procuro por ela. A música é ensurdecadora, o lugar cheira a fritura e desodorante para os pés. Não vejo minha amiga. Meu coração se acelera levemente. Onde ela está? Pego o celular que minha mãe me emprestou antes de eu sair de casa. Abro o telefone e vejo a data. Meu coração aperta.

— O aniversário da Kenzie foi ontem — gemo em voz alta.

Desabo sobre uma das paredes sujas do boliche. Eu me sinto tão mal que quase não consigo me mexer. Até que vejo um cara esquisito, com uma tatuagem da Virgem Maria e uma camiseta sem mangas, que começa a olhar para mim por cima do seu prato de

nachos gordurosos. Eu me escondo no banheiro feminino e tento me recompor.

Você é a pior pessoa do mundo. Você merece morrer devagar e dolorosamente. Na Índia, um elefante pisa em cima da cabeça daqueles que são condenados à morte. Você devia se mudar para a Índia! Como você pôde fazer isso com sua melhor amiga?

Quando finalmente chego em casa, encaro o telefone e tento encontrar coragem. Disco o número de Kenzie com os dedos trêmulos.

— Alô. — Ouço a voz da Kenzie do outro lado da linha.

— Oh! Desculpe-me. Fui à sua festa, mas na data errada. Sou uma amiga horrível!

— Hein? Quem é?

— Ah, o.k. É a Maya. Fui ao boliche hoje à noite, com a Virgem Maria e o elefante! Eu sou tão idiota! Vou entender se você nunca mais quiser falar comigo.

Terminei meu blá-blá-blá. Ouço a seguir um tom de emoção reprimida do outro lado da linha.

Ah, meu Deus, ela está chorando. Nunca irei me perdoar por isso. Sério mesmo. De verdade.

E só então me dou conta do que estou ouvindo. Ela ri de mim.

— Desculpe — Kenzie diz enquanto tenta recuperar o fôlego. — É que tudo isso é muito engraçado.

— Como assim?

— É que eu estava aqui imaginando você lá no boliche cercada por todas aquelas pessoas e completamente sozinha... Ah, isso é mesmo incrível!

Depois de lhe dar todos os detalhes daquela minha noite horrível, desligamos. Não antes de ela me perguntar se eu tinha visto algum cara gato no balcão. Não, eu não tinha visto nenhum.

A Kenzie é mesmo uma amiga fantástica.

Terça-feira, 17 de janeiro

— Bem-vindos à primeira aula de programas de saúde — diz a sra. Welch sentada atrás da mesa. Ela é uma mulher alta, ruidosa e de cabelo preto e comprido.

Kenzie e eu olhamos uma para a outra. Este é o momento que tínhamos desde o começo do oitavo ano. As últimas semanas deste semestre serão inteiramente tomadas pelas aulas de educação sexual.

Abrimos nossos livros na página indicada pela professora, e ela começa a tratar de diversos tópicos de saúde: física, emocional e social.

— Outro fator na nossa saúde emocional é como lidamos com as mágicas mudanças físicas pelas quais nosso corpo passa durante a adolescência.

Um gemido coletivo surge entre os alunos. Não há nada pior nesse mundo que um adulto falando de “mágicas mudanças físicas”.

— Estou falando sério. — A sra. Welch ergue uma das sobrancelhas e joga as mãos no ar. — Quando vocês, meninas, começam a menstruar, a saúde mental de vocês é afetada.

Os garotos soltam uma risadinha de desdém. Sinto o rosto ficar vermelho. Mais que depressa, a sra. Welch se levanta e vai para a frente da sala.

— Ah, por favor, meninos, se vocês sentissem que se tornaram bipolares e tivessem de trocar absorventes sangrentos cinco vezes ao dia, não acho que dariam risadas.

Os olhos deles se arregalam. Dou graças a Deus por Carlos Sanchez não estar presente.

— De qualquer forma, a coisa não termina por aí. Ainda este ano, vocês irão assistir a um vídeo sobre DSTs, e vamos observar as diferentes doenças do pênis e da vagina. Juro, meninos, que o pênis de vocês pode ficar igualzinho a uma couve-flor.

Ao final da aula, todas as meninas estavam com as pernas cruzadas com tanta força que seria quase engraçado se não fosse tão perturbador.

A sra. Welch é a professora mais eficiente que já tivemos.
Eu *nunca* vou fazer sexo. *Nunquinha mesmo*.

Sexta-feira, 20 de janeiro

Já que estamos na metade do ano letivo, irei fazer um balanço de como tenho sido percebida:

PROFESSORES: "Bem comportada e dedicada".

GAROTAS GÓTICAS ARTISTAS: "Ela é... estranha".

FACÇÃO DO FUTEBOL (principalmente Carlos Sanchez): "Nerd".

LEON: "Bonita".

NERDS DE BIBLIOTECA: "Ela é legal, eu acho".

GEEKS DO CORAL: "Nerd".

GEEKS DE BANDA: "Nerd".

KENZIE: "Uma perdedora épica. Epicamente uma perdedora".

PROFESSORAS SUBSTITUTAS: "Preciso arranjar um cupom de desconto da loja onde ela faz compras. Onde ela *arrumou* esse cardigã?".

Sábado, 21 de janeiro

— Você tem que ligar para o sr. Lawrence. — Minha mãe me passa um número de telefone. Eu afundo numa das cadeiras da cozinha. Odeio fazer ligações. Não torna nada mais fácil saber que tenho que ligar para meu professor preferido no mundo que está morrendo de câncer. Às vezes, a vida não é justa.

Solto o ar devagar.

— Tudo bem.

O telefone toca cinco vezes e me preparo para deixar uma mensagem. Só que então ele atende.

— Alô.

— Oi. Aqui é a Maya. — Eu me esforço ao máximo para parecer animada.

— Ah, oi, Maya. — A voz dele fica mais animada. — Como você está?

— Bem, e o senhor?

— Não estou fantástico, mas ficarei bem. Como você provavelmente já sabe, estou me recuperando de um câncer.

— É, eu soube. — Mordo o lábio. — Posso visitá-lo? Eu gostaria de mostrar ao senhor algumas das coisas que ando escrevendo.

Minha mãe sorri quando desligo o telefone.

— E aí? — ela me pergunta.

— Vou contar a ele sobre a Betty Cornell. Amanhã.

Ela balança a cabeça.

— Não, Maya. Você não pode fazer isso. Se a notícia sobre sua experiência se espalhar, tudo que você já fez neste ano será em vão.

— Esta pode ser minha última chance. Ele não vai contar para ninguém.

Ela suspira e balança a cabeça mais uma vez.

— É o *seu* segredo.

* * *

Domingo, 22 de janeiro

O sr. Lawrence mora numa casa bege com um gnomo de cerâmica no portão.

— Pronta? — minha mãe pergunta.

Faço que sim com a cabeça e com os dedos apertado com força o vaso com uma rosa amarela e o envelope cheio com meus contos e poemas mais recentes. Bem lá no fundo está a carta que lhe escrevi.

E debaixo dela está escondido o *Guia de popularidade para adolescentes*.

Estou usando minha saia até o joelho com uma blusa azul e meus velhos sapatos de senhorinha. Nada de pérolas nem meias-calças. Nem maquiagem. Quero que ele me reconheça.

Quando bato à porta, a esposa dele atende. Ela nos leva para o andar de cima, onde está o sr. Lawrence. Ele parece exausto e perdeu muito peso. Meu professor fala um pouco sobre sua família e seu neto, apesar de ter dificuldade para se lembrar do ano escolar do menino. Ele me conta que sente falta de ensinar, mas não se recorda do nome da pessoa que está dando aula no seu lugar.

Finalmente ele me pergunta sobre o que estou escrevendo. É então que falo do livro de Betty, que meu pai descobriu, e da ideia da minha mãe. Kenzie, Carlos Sanchez e meus capítulos tornam-se assunto da nossa conversa.

Peço-lhe uma frase sobre o tema “popularidade” que eu possa usar no meu livro. Ele sorri e diz que vai pensar em alguma.

Antes de ir embora, prometo enviar-lhe um e-mail. Não tenho certeza se vou vê-lo de novo.

As últimas palavras que o ouço dizer são dirigidas à sua esposa. A voz dele ressoa orgulhosa escada abaixo, e chega até meu coração:

— Ela vai ser uma escritora famosa algum dia.

* * *

Segunda-feira, 23 de janeiro

Hoje, durante o ensaio do coral, Nadia (a ex-Garota do Vôlei que virou Garota Gótica Artista) entrou na sala com um novo *piercing* no topo da orelha. Ela reúne uma plateia de alunos do sétimo ano enquanto faz seu showzinho para aparecer.

— Quando furei minha orelha, minha audição mudou — ela diz toda séria. — Agora posso ouvir Deus... e Gandhi.

Os ouvintes balançam a cabeça atentamente. Não é surpresa que no ano passado eles fossem os bobocas do sexto ano.

Ela vai até mim e inspeciona minhas roupas. Eu, por minha vez, inspeciono as dela: sapatos pretos, brincos pretos, cabelo preto, jeans preto e a camiseta polo amarela.

— Uau — ela diz —, você está... linda. Espere... Não. Não é linda... Conservadora. Esta é a palavra. Você parece *conservadora*.

Olho para baixo e examino minhas roupas. Um cardigã amarelo de senhorinha e mocassins.

Ela está certa.

— Essas roupas te deixam mais inteligente? — ela pergunta.

Digo que preciso pensar a respeito. Mais tarde, até mesmo Carlos Sanchez me elogia.

— Ei, Maya, estou *curtindo* seu suéter.

Eca! Não tenho a menor ideia do que Carlos quer dizer com isso, mas a forma com que ele fala faz com que eu sinta a necessidade de esfregar meu cérebro com água sanitária.

— Gosto do seu colar — ele continua.

Toco a linha de pérolas próxima à minha clavícula.

— É até engraçado. — Ele abre um sorriso de desdém. — Minha *avó* tem um igualzinho.

E toda a turma cai na gargalhada.

* * *

Sexta-feira, 27 de janeiro

Depois de terminar nossa colagem de Emoções, Kenzie e eu trocamos bilhetinhos enquanto o resto da turma de programas de

saúde discute sobre tuberculose. De repente, ela deixa a caneta cair sobre a mesa e abre um sorriso diabólico.

— Vou fazer perguntas sobre sexo à sra. Welch. Até mais, perdedora.

Eu a observo caminhar calmamente pela sala e ir até a professora que corrige alguns trabalhos. Kenzie diz alguma coisa que não consigo ouvir, mas que deixa a sra. Welch de queixo caído. A mulher sussurra alguma coisa ininteligível. E a Kenzie volta à sua carteira toda contente.

— Você não tem limites! Do seu lado, a vida nunca fica tediosa — eu digo.

— Eu sei disso.

* * *

A sra. Corbeil me chama da mesa dela na biblioteca. Ela está com o celular numa das mãos.

— O sr. Lawrence me ligou e me pediu que eu perguntasse a você sobre uma frase — ela me diz, confusa.

Eu congelo.

— Ele não consegue se lembrar para que matéria você precisa dessa frase. O que devo lhe dizer?

Ele está perdendo a memória. Aos poucos, ele está indo embora. Meu coração se parte. Ao mesmo tempo, fico apavorada. E se alguém descobrir o projeto que eu estou desenvolvendo há cinco meses? Tudo pode cair por terra num único instante.

— Está tudo bem. Posso mandar um e-mail para ele. — Faço uma pausa. — É... é para a igreja, por isso não tenho uma data-limite. — Minha voz está trêmula, mesmo assim insisto na mentira.

A sra. Corbeil olha para mim por um longo momento, antes de me dar as costas. Deu para perceber que ela suspeita de alguma coisa.

Terça-feira, 31 de janeiro

Hoje é o último dia do mês. Uso minha saia estilo pioneira até os tornozelos e meu suéter de gola alta. Ninguém sussurra. Ninguém me lança olhares esquisitos.

— Será que eles agora gostam do meu visual? — pergunto à Kenzie, quando terminamos a aula de programas de saúde e caminhamos pelo pátio rumo à próxima aula.

— Nada disso. Você continua sendo uma perdedora — ela declara e me empurra para que eu fique na frente dela e sirva como uma barreira no melhor estilo “estou-mandando-uma-mensagem-de-texto-e-não-quero-que-nenhum-professor-descubra”.

Suspiro, e me dou conta de que ela tem razão. Não sou popular. Sou uma perdedora. Sigo para o ensaio do coral e é então que eu vejo.

E lá está ela, bem na minha frente, de pé, tão descolada quanto uma Geek do Coral semipopular pode ser. E ela usa um colar de pérolas no pescoço.

Um lampejo de esperança num mundo negro e nada popular.



Na apresentação do coral, usando pérolas

Fevereiro

Cuidados pessoais & O que fazer quando se está longe de casa

Nos contos de fadas, o príncipe encantado pode ter percebido a beleza de Cinderela debaixo daquela montanha de cinzas e fuligem, mas as chances de um jovem moderno escavar camadas e mais camadas para encontrar seu verdadeiro amor são extremamente pequenas.

A primeira vez que testemunhei a popularidade foi quando eu tinha oito anos. Foi com uma garota chamada Vanessa. Pelo jeito, ela passava horas cuidando da sua aparência limpa e ordenada todas as manhãs. E, é claro, o menino que eu gostava na época, Jason, estava apaixonado por ela.

Fiquei horas de pé na frente do espelho contemplando a mim mesma com um olhar crítico, na tentativa de descobrir as diferenças entre nós duas. Ela era magra; eu era gordinha. Ela tinha uma pele macia; eu tinha uma monocelha. Ela tinha roupas novas, vincadas e limpas; eu só vestia *leggings* e roupas vagabundas. Os garotos a seguiam até a casa dela; eu tinha o vizinho que atirava Barbies nuas em cima dos nossos arbustos lilases. Vanessa era perfeita. Como eu podia me equiparar?

Ela era simplesmente tão... composta.

Este mês vou me empenhar para parecer mais com a Vanessa. Vou passar minhas roupas. Tomar um banho de banheira ou uma ducha todos os dias. Manter as unhas feitas e as pernas depiladas. Dar um jeito na minha monocelha. Vou seguir todos os conselhos da Betty sobre como ser limpa e bem cuidada, e mudar completamente este meu eu tão repulsivo. Se o ditado — “o diabo está nos detalhes” — for mesmo verdade, então é aí que a verdadeira transformação tem início.

Quinta-feira, 2 de fevereiro

Ninguém quer uma menina com unhas sujas ou uma blusa rasgada. E com toda a certeza ninguém quer trabalhar com uma modelo que não gosta de tomar banho ou não usa desodorante.

Kenzie e eu estamos do lado de fora esperando o início das aulas. Meu guarda-roupa havia mudado novamente de acordo com o tema do mês. Troquei saias amarrotadas por calças passadas a ferro e suéteres impecáveis. Uso o cabelo preso num rabo de cavalo muito bem-arrumado. Meus mocassins estão brilhando.

Todos os artigos de couro precisam ser engraxados. Um pouco de graxa, cera e força no braço para polir bem as superfícies farão maravilhas pelas suas peças e também conservarão o couro por mais tempo.

Quando comento a respeito com a Kenzie, ela bufa:
— Que tipo de perdedor engraxa os sapatos?

* * *

À noite, visto o mesmo *look* para a atividade do grupo jovem da igreja. Liliana me lança um olhar estranho, mas não fala nada. Tento descontraí-lo com um conversa leve a respeito do livro que estou lendo, que por acaso é *O Hobbit*.

Ethan entra na sala e quer saber o que estamos conversando.
O-oh... Lá vem o vômito verbal.

— Umas garotas lá da minha escola e eu costumamos apostar quem é mais nerd. — As palavras começam a jorrar da minha boca. — Tipo assim, uma menina é uma grande seguidora de *Guerra nas estrelas*, outra é fã de *Jornada nas estrelas* e agora estou lendo *O senhor dos anéis*. — E isso tudo é verdade: duas Geeks do Coral e eu começamos essa batalha há alguns dias. Ainda não definimos quem é a vencedora.

E então, como uma mensagem enviada por Deus, a voz da racionalidade volta à minha mente.

CALA A BOCA, MAYA! CONSERVE SUA DIGNIDADE ANTES QUE SEJA TARDE DEMAIS, SUA IDIOTA!

— O que você quer dizer com “mais nerd”?

Uma ruga surge na bela testa do Ethan. O vômito verbal ataca novamente.

— Bem, a gente conversa sobre coisas nerds. Sabe como é, tentamos descrever as tramas principais da forma mais geek possível.

— Ainda não consegui entender.

Tento engolir as palavras. Tento me conter. Mas já fui longe demais.

— Deixe-me demonstrar — eu digo com uma voz que é o estereótipo da nerd. — Havia um hobbit chamado Bilbo Bolseiro que morava numa toca de hobbit no Condado, uma terra mágica. Ele vivia muito contente, fumando seu longo cachimbo de madeira e comendo diversas refeições por dia. Só que uma certa manhã, Gandalf, o mago, vai até a casa de Bilbo e o convida para se juntar a ele numa aventura. Antes que o hobbit saiba o que está acontecendo, uns anões chamados Dwalin, Balin, Borin e Thorin (será que é possível que a barba dele cresça ainda mais?) e todos aqueles outros o levam, numa grande jornada, para recuperar o tesouro roubado por Smaug, o dragão. No caminho, eles param na casa de Elrond e conhecem os elfos... — E continuo a falar pelo que parece ser a vida inteira de um hobbit (que pode viver por cem anos), até que finalmente eu consiga vomitar todas as palavras que estão dentro de mim e fique exausta.

Mais que depressa, ele se afasta.

Acho que vou morrer. Hobbits! Eu falei com ele sobre HOBBITS!

Bem, pelo menos meus sapatos estão engraxados.

Dica de popularidade da Maya

Morda sua língua antes de começar um papo nerd sobre *O senhor dos anéis* com o garoto de quem você gosta. A não ser que ele seja da Terra Média.

Sexta-feira, 3 de fevereiro

Não sou capaz de enfatizar o quão importante é vestir roupas alinhadas.

Passo minha calça cápri, me asseguro de que minha maquiagem está boa e prendo meu cabelo num rabo de cavalo, ajeitando-o com gel antes do sol nascer, o que me deixa com um tempão para pensar na minha idiotice. O Ethan jamais vai gostar de mim. Morrer sozinha talvez não seja assim tão ruim. Posso falar todas as coisas nerds que eu quiser que ninguém vai me ouvir.

Visto minhas calças vincadas, ou melhor, tento vesti-las. Acabo percebendo que, na verdade, essas calças são do meu irmão.

E é claro que nem mesmo um rio de desodorante será algum dia capaz de disfarçar o eterno fedor exalado pelas minhas glândulas sem noção.

Domingo, 5 de fevereiro

— Não. Não irei fazer parte disso.

— Mãe, esta noite é nossa última chance.

— Não, não vamos comprar uma cinta para você. — Ela cruza os braços e se senta no sofá. Os lábios estão pressionados um contra o outro formando uma linha fina.

— Deixa ela — meu pai diz. Ele parece estar se esforçando para ser paciente comigo nos últimos dias. Ontem, eu me encolhi ao lado dele no sofá e conversamos por uma hora sobre a escola. Na verdade, ele até me ouviu em vez de dar uma palestra.

— Viu? O papai me apoia — argumento.

— Seu pai não está agindo como ele mesmo. Ele está tentando *agradar* você. — Ela me encara.

— É verdade. E você pode até me chamar de Michael — meu pai murmura da poltrona onde ele está lendo.

— Ah, tudo bem então. Michael me apoia!

Olhamos uns para os outros até que Natalia passa pela sala usando um dos seus brinquedos, a Tartaruga, como se fosse um telefone para uma conversa imaginária.

Finalmente, minha mãe dá o braço a torcer. Entramos no carro e ela pisa fundo para o shopping, tentando chegar lá antes que feche.

Sou firme na minha opinião de que quase toda adolescente precisa de uma cinta — não estou me referindo àquelas armaduras encouraçadas feitas de osso de baleia, mas de um tipo de roupa íntima mais leve para controlar as curvas... Não torça o nariz para a ideia de usar essas contribuições modernas para ter uma postura bonita. As cintas de hoje não têm nada a ver com os espartilhos intratáveis que sua avó usava. As cintas modernas são leves e você mal vai se lembrar de que está usando uma...



Minha cinta

* * *

Rá! A cinta que estou provando no momento é tão apertada que comprime meu cérebro, para não falar das minhas coxas. Provo quatro ou cinco modelos antes de encontrar uma que seja menos repulsiva: é uma cinta bege, que forma uma peça única com uma calcinha e tem florzinhas bordadas. É bem apertada, mas modela meu corpo no formato de ampulheta mais do que eu achava ser possível. Hummm.

Quando deixamos o provador, fica claro que não vou ser convencida a desistir da minha missão; minha mãe finalmente muda

de atitude. Nós nos divertimos e fazemos piadas enquanto cheiramos perfumes.

Além do desodorante, você deve criar o hábito de usar uma essência leve — qualquer colônia floral é indicada, contanto que seja fresca e cheirosa.

Com a ajuda da minha mãe, pago a cinta e um vidro de spray corporal Lilases em Flor, a melhor “essência” que encontramos.

É bom ter minha mãe de volta em vez do monstro raivoso que a possuiu momentaneamente. Eu me pergunto se por acaso a taxa de açúcar dela está baixa. Em vez da cinta e da colônia, a gente devia ter comprado algumas rosquinhas que estivessem na promoção.

Terça-feira, 7 de fevereiro

Estamos ensaiando sem parar para a apresentação do coral desta semana. Vamos atravessar quase quinhentos quilômetros ao norte para San Antonio, onde vai acontecer uma convenção de música.

A sra. Charles, diretora do coral, tem estado ocupada cuidando de todos os detalhes.

— Tudo bem, meninas. — Ela pega uma prancheta. — Com quem vocês vão dividir a cama no hotel?

Todo mundo solta uma risadinha e começa a fazer aqueles sonzinhos tão típicos de meninas do ensino fundamental — algo entre um gritinho animado e um guincho.

A sra. Charles faz a pergunta consultando os nomes na sua lista:

— Marina?

— Victoria! — Marina solta um gritinho fino e as duas começam a rir.

— Nadia?

— Selena.

Não sei o que vou dizer. Gotículas de suor começam a escorrer pelo meu rosto. Deve estar estranhamente quente na sala de

ensaios.

Se você transpira de nervoso, como acontece com várias outras pessoas, não se alarme, essa é uma reação normal do seu corpo (...). Se você sentir necessidade, costure escudos de proteção nas suas blusas e vestidos (...). Prevenção nunca é demais. Um garoto que se sente desconfortável num encontro ou uma amiga que se sente ofendida por sua falta de cuidado levarão um longo tempo para esquecer o ocorrido.

Obrigada pelo toque sobre asseio, Betty, agora pode dar o fora da minha mente!

Enterro o rosto na minha saia vincada. Os nomes continuam a ser chamados até que...

— Maya?

— E... e... eu não tenho ninguém, na verdade...

— Temos só mais quatro meninas que ainda não escolheram. Leslie, com quem você quer ficar?

Leslie olha para mim de relance.

— Tina!

A última pessoa a ser escolhida... A última pessoa a ser escolhida... Isso não é ser popular. É simplesmente triste.

Vou ter que compartilhar uma cama com uma pessoa com quem nunca conversei antes. Não consigo nem imaginar como ela se sente sobre isso.

Quinta-feira, 9 de fevereiro

São cinco da manhã, faz um frio congelante e estamos esperando, em frente à escola, pelo nosso ônibus chique. Porque já que a administração local não vai ter que pagar por nada, ficamos em hotéis elegantes e andamos em ônibus que mais parecem aviões. O que é muito, muito legal mesmo.

É claro que primeiro temos que organizar nossas malas e mochilas em fila no estacionamento. Sei que esse é apenas um procedimento-padrão, mas não consigo evitar a ideia de que somos os únicos alunos do ensino fundamental que têm a bagagem inspecionada por cães farejadores antes de sair para uma excursão.

Os policiais acompanham um beagle, megaempolgado, de uma ponta à outra da fila de malas, enquanto esperamos de pé a quatro metros de distância. Não gosto de cães farejadores. Porém, infelizmente, quando se mora na Fronteiralândia, você acaba se familiarizando bastante com esses bichinhos.

Já que ninguém se prontificou a ser minha colega nessa viagem, fui obrigada a ficar com Eva, uma menina do sétimo ano cuja melhor amiga teve infecção intestinal e não pôde vir. Sentamos uma ao lado da outra em silêncio, no primeiro momento, mas conseguimos quebrar o gelo, e conversamos um pouco. Ainda assim, posso perceber que ela está triste porque sua amiga não está aqui. Pelo menos tenho certeza de que não estou cheirando mal.

* * *

Sexta-feira, 10 de fevereiro

O alarme ao lado da cama toca e eu spanco o botão. Devagar, me arrasto até o banheiro e olho meu reflexo. Nada. Nenhum bigode feito com caneta permanente. Eu sorrio. Talvez, no fim das contas, essa viagem não seja tão ruim assim.

Tomo um banho rápido e visto minha cinta antes que alguém me veja. Faço um gargarejo com enxaguante bucal, como Betty recomenda, e então corro para acordar as outras meninas.

Quando todas nós estamos vestidas e prontas, pegamos o ônibus e seguimos para o nosso concerto. Meu coração bate ruidosamente enquanto caminhamos até o centro de convenções. Repassamos

pela última vez alguns trechos da apresentação e somos conduzidas em silêncio até o palco, diante de uma sala imensa tomada por centenas de pessoas.

Há realmente algo muito especial em se apresentar. No momento em que a sra. Charles ergue as mãos, um silêncio ansioso toma conta do auditório enquanto a multidão aguarda. Quando cantamos a primeira nota, percebo que a plateia prende a respiração. É mágico. Canto como nunca cantei antes. Estou tão feliz por estar viva, por estar aqui, apesar de todas as dificuldades. Sorrio enquanto as mãos da sra. Charles rodopiam e vão para cima e para baixo. A música se propaga de forma perfeita. A todo momento espero que ela nos interrompa porque esquecemos um *staccato* ou para nos dizer que estamos fora do tom, mas ela segue em frente. As luzes intensas não nos deixam ver a plateia, de forma que a sensação é de que não há ninguém ali. Somente o coro, a maestrina e a música.

Tudo acaba muito depressa.

Toda a plateia fica de pé. Os aplausos são ensurdecadores.

* * *

— Certo. Todas que vão patinar façam uma fila aqui para que eu possa ver suas autorizações — comunica a sra. Charles. Antes da viagem, minha mãe e eu decidimos que eu não iria patinar com as outras meninas do coral, depois da nossa apresentação. Meus joelhos são inacreditavelmente ruins, o que, combinado com minha falta de coordenação, é um convite ao desastre. Minha mãe até me fez imobilizar meu joelho que é mais ferrado, durante toda a viagem, só por precaução.

Sento-me à mesa que está do lado de fora do ringue, bem ao lado de uma janela, e tiro um livro da mochila. Após cerca de vinte minutos, ergo a cabeça e percebo um crescente amontoado de gente que parece preocupada. Eles se reúnem no gelo, bem perto de onde estou lendo. Posso ver que o problema é com Isabella, uma menina do sétimo ano, do nosso coral, que está sentada no meio do ringue.

Observo quando os funcionários do lugar levam uma cadeira de rodas até onde ela está. Isabella tenta levantar, mas acaba desabando no gelo. Ela luta contra as lágrimas enquanto é empurrada na cadeira até uma sala onde há uma placa na porta que indica: ASSISTÊNCIA MÉDICA.

Tento ler meu livro, mas não consigo parar de pensar na dor de Isabella. É impossível tirar aquela cena da minha cabeça, e por isso fico olhando a porta da sala até ela se abrir. Isabella sai mancando com um saco de gelo sobre uma das pernas. Com cuidado, ela senta a algumas mesas de distância de onde eu estou.

O máximo que já falei com Isabella foi um oi, mas simplesmente me levantei, sem nem mesmo pensar, e fui ficar ao lado dela.

— Ei, você está bem? — Fiz um gesto na direção do joelho de Isabella.

— É. — Ela sorri sem muito entusiasmo. — Estou me sentindo uma perdedora. Eu estava começando a andar bem quando meu joelho ficou todo maluco. Senti como se ele tivesse sido do nada empurrado para a frente e depois repuxado para trás. Foi mesmo muito esquisito. E, meu Deus, como está doendo.

Conversamos um pouco sobre praticamente todos os assuntos: de machucados a musicais e até o fato de ela desejar escrever romances. Dou-lhe minha bandagem elástica e lhe ensino como imobilizar o joelho.

Após patinar por mais uma hora, nosso coral volta ao hotel. Ajudo Isabella a subir no ônibus e depois a descer. Na porta do hotel, ela me diz:

— Obrigada, Maya. — Os olhos dela estão cheios de lágrimas. — Obrigada por tudo.

O que é essa recém-descoberta amizade? O que ela significa para minha popularidade? A coisa mais maluca é que eu nunca tinha sido tão confiante a ponto de dar até mesmo um oi para outra pessoa antes de começar essa experiência. Talvez a verdadeira popularidade aconteça quando você reserva algum tempo para ouvir as pessoas. Quando você realmente se importa com elas.

Sábado, 11 de fevereiro

Isabella e eu conversamos durante toda a viagem de volta. Falamos sobre roupas e moda (aparentemente as peças de roupa preferidas de Isabella são saias), comida, e ela até mesmo me pediu conselhos sobre garotos! Eu, a *Menina Hobbit*! Por suposição, tudo que eu digo é “Uau”, “Hum” e “Ele não merece você, se age desse jeito”.

A viagem de cinco horas se torna muito mais divertida, porque agora as garotas do sétimo ano me acolhem no grupo delas. Depois de me verem sendo legal com Isabella, elas começam a falar comigo. Todas elas.

Odeio dar essas declarações assim tão cedo, mas talvez as coisas possam mudar. Talvez ainda exista alguma esperança para mim.

Quando minha mãe chega, conto-lhe como foi a viagem. Apesar de sempre me dar apoio, ela não ousou acreditar que fui capaz de vencer o estigma da última a ser escolhida.

Nem eu.

* * *

Terça-feira, 14 de fevereiro

Hoje é Valentine's Day.^[3] Entreguei chocolates e cartões para todos os meus professores. É impressionante como tantos educadores fenomenais honram nossa cidadezinha fronteiriça. Também dei doces para meus colegas, inclusive Leon, que me agradeceu com toda a sinceridade. Como eu estava numa *vibe* generosa, dei um deles até para o Carlos Sanchez.

— Puxa, Maya, obrigado. — Ele abre um sorriso afetado, rouba outro doce da minha mesa e, “acidentalmente”, rasga a embalagem. — Gostei muito.

Não acho que receberei nada em troca (nos últimos dois anos recebi apenas três presentes), mas talvez minha sorte esteja prestes a mudar.

* * *

SEIS! SEIS PRESENTES NO VALENTINE'S DAY! SEIS!

É tão maravilhoso ser popular que mal consigo respirar. O primeiro foi de uma aluna do sexto ano com quem eu sou legal na biblioteca. Ela me deu um saquinho de M&Ms. Recebi cartões de duas meninas do coral para quem eu sorri. Além de balas e um desenho de uma garota de quem eu sentei ao lado na aula de artes, no ano passado, quando mais ninguém queria fazer isso. E também uns chocolates de uma menina do sétimo ano com quem convivi, algum tempo, durante a viagem.

E quando eu achei que as coisas não podiam ficar melhores, Isabella se aproximou de mim com um cartão de borboleta e um cachorro de pelúcia. Nunca tinha recebido de presente um bichinho no Valentine's Day.

Percebi uma coisa enquanto agradecia a essas pessoas por seus presentes.

Eu tinha sido gentil com todas elas no passado.

* * *

Sábado, 18 de fevereiro

Essa cinta é mesmo um saco, apesar de me deixar sem barriga. Se ficar muito baixa, fico parecendo uma cobertura de *cupcake*. Se ficar muito alta, a calcinha entra tanto no bumbum que precisaria ser removida cirurgicamente.

Também reconheci outro problema que prova que a teoria da cinta de Betty Cornell está errada. Diagnosticuei que sofro do seguinte mal:

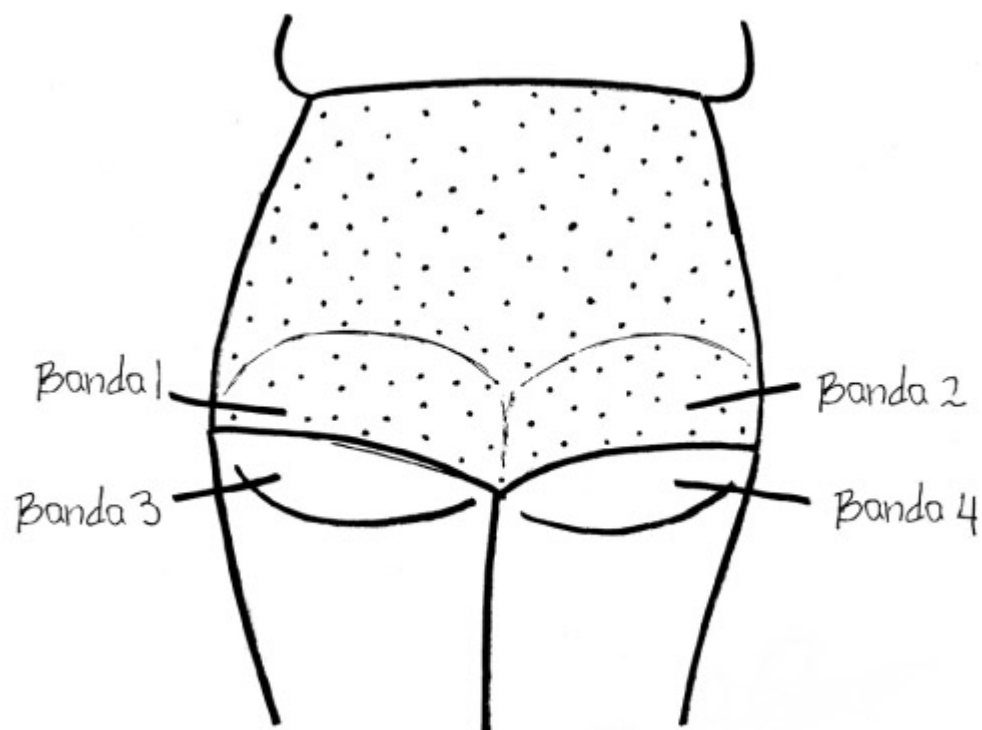
A SÍNDROME DA BANDA QUADRÚPLA

CAUSA: Um elástico mal colocado

SINTOMAS: Saliências de bunda onde a cinta bloqueia a circulação, cujo efeito é a formação aparente de múltiplas bandas.

CURA: Tirar o controle de curvas!

Minha bunda agora tem listras roxas gigantes, mas pelo menos meus quatro traseiros não balançam.



* * *

Domingo, 19 de fevereiro

Estou tremendo quando entro na igreja. Ainda não vi o Ethan desde aquele pavoroso Incidente dos Hobbits, há muitas semanas, por isso me sinto terrivelmente nervosa.

Visto roupas limpas e minha cinta, mas preciso admitir que meu nível de confiança é baixo. Conferi meu e-mail e descobri que minha avó me mandou um link de uma página que ensina a se livrar da acne, por isso passei trinta minutos lavando o rosto. Depois disso, apliquei bastante spray corporal. Talvez ele perceba.

* * *

Ele não percebeu.

Em vez disso, o Ethan caiu no sono durante o culto e, quando alguém o cutuca para que se endireite, a testa dele está com uma marca imensa deixada pelo banco da frente.

Ele é tão sonhador.

Eu me levanto e corro para o banheiro quando sinto a primeira onda de palavras que tentam jorrar da minha boca.

É um milagre que eu tenha conseguido chegar a um lugar seguro antes de berrar, descontrolada:

— Sua testa está parecendo minha bunda quando tiro minha cinta!

Terça-feira, 21 de fevereiro

Todos os cuidados pessoais requerem atenção aos detalhes...

O que significa cuidar de você e das suas roupas.

O que significa pendurar todas as peças quando você as tira — uma saia que passou a noite inteira jogada, toda amassada, não vai valer grande coisa na manhã seguinte.

Reorganizei minhas roupas e arrumei meu quarto. Tomei banho todos os dias neste mês, suportei a cinta, usei perfume, aprendi a passar batom melhor, me assegurei de que meu cabelo não ficasse cheio de *frizz* nem fora do lugar e limpei minhas unhas com uma acetona de verdade, comprada numa loja. Minhas camisetas agora estão organizadas tanto por cor quanto por tipo de tecido. Betty Cornell ficaria orgulhosa.

Mas hoje eu me sinto como a única pessoa que está preocupada com os cuidados pessoais nesta casa.

Meu pai e Brodie estão, no andar de baixo, sem camisa. Pelo menos meu irmão está vestindo calças.

Brodie carrega Natalia até a cozinha, onde nossa mãe está preparando o jantar. Ela não está usando sutiã.

— Mãe, a Natalia está cheirando mal. Quando foi a última vez que você trocou a calcinha dela?

— Quando foi a última vez que você trocou *sua* cueca? — ela retruca.

Meu irmão faz uma pausa e solta a cintura de Natalia.

— *Touché.*

Quarta-feira, 29 de fevereiro

No ônibus quando voltamos para casa, Kenzie cheira meu suéter, que está limpo e coberto de perfume.

— Você está com um cheiro... engraçado.

Solto um suspiro. É o último dia do mês, e tomar banho todos os dias e passar minhas roupas não me catapultou para o topo da Escala de Popularidade da Minha Escola. Quando chego em casa no final do dia, tenho uma assadura horrível que atravessa toda a minha cintura por causa da cinta. E, é claro, o Brodie me zoa, e a Natalia acha engraçado pisar várias e várias vezes nas feridas.

Só que este mês não foi de todo mau. Na verdade, me sinto mais popular que nunca. A questão é que isso teve mais a ver com gentileza que com manter o traseiro para dentro. Encontro uma caixa de biscoitos da sorte escondida no fundo do armário de roupa de cama e dou uma mordida num deles. O papel dentro da massa diz o seguinte:

A BOA SORTE BATERÁ À SUA PORTA!

Ah, meu Deus, espero que sim.

Março

Dinheiro (como ganhar um extra) & No trabalho

Lamentos lamuriosos sobre dinheiro ou, melhor, a falta dele, estão longe de ser algo que se aplica apenas a adolescentes... Entretanto, os adolescentes estão numa posição especial no que diz respeito a dinheiro: eles precisam mais disso que as crianças, mas não possuem a mesma liberdade para trabalhar que os adultos.

Apesar de sermos bem de vida comparados a muitas outras pessoas em Brownsville, nunca me considereei rica. Cresci ouvindo as histórias dos meus pais sobre dormir no chão, encher os bolsos com sobras de comida em festivais de cinema, sobreviver à base de macarrão instantâneo e economizar para comprar equipamentos para o próximo documentário. Apesar de nossas vidas terem melhorado muito desde aqueles dias, meus pais ainda se preocupam com dinheiro. Minha mãe sempre tenta pechinchar quando faz compras. Meu pai sempre está de olho em antiguidades que estejam à venda. Ele demorou anos para se formar na faculdade, acreditando que toda essa educação iria compensar financeiramente quando ele terminasse o doutorado. Acho que meu pai pensava que ia ter um salário muito maior que o que ele ganha hoje em dia, que é menor que o dos meus professores do ensino fundamental. Imagino que é por isso que não recebemos mesada.

Mães e pais dão o seu melhor para suprir todas as necessidades da sua prole, porém, quando é necessário dinheiro extra para um baile ou para comprar uma blusa de babados, coisas que não são desesperadamente necessárias, mas desesperadamente desejadas, a melhor solução é tentar ganhar seu próprio dinheiro.

Trabalhar como babá pode ser um emprego fixo ou uma ocupação temporária, dependendo do seu desejo. Se você quiser tornar regular essa atividade, então

não há nada melhor que preparar uma lista de clientes e manter-se sempre em contato com eles.

* * *

Não deve ser muito difícil conseguir alguém que confie em mim, a desastrada, para cuidar dos seus filhos, né? Vou fazer alguns panfletos para divulgar meus serviços de babá e, enquanto espero por alguma resposta, posso fazer alguns trabalhos eventuais pela vizinhança.

Minha meta financeira para o mês: cinquenta paus. Talvez então eu possa comprar uma pomada cara para as assaduras causadas pela minha cinta.

Quinta-feira, 1º de março

Meu pai entra em casa. A expressão no rosto dele é uma mistura de medo e empolgação. Ele se senta à mesa, na cozinha.

— Recebi uma oferta de emprego. A Universidade da Georgia me ofereceu um emprego.

Minha mãe, Brodie e eu olhamos para ele, boquiabertos, chocados demais para falar o que quer que seja. Desde que me lembro, minha família se mudou duas vezes, sempre seguindo os empregos do meu pai, embora nossas experiências passadas não tenham tornado nem um pouco mais fácil lidar com esse tipo de novidade.

— Não vou tomar a decisão esta noite — meu pai nos informa.
— Há muitos fatores. Nem sabemos se será possível vender a casa. Mas eles vão me pagar 25% a mais do que ganho hoje. — Ele passa uma das mãos pelo cabelo comprido, visivelmente perturbado.

Sem dizer nem uma única palavra, vou até o armário de roupa de cama e pego a caixa de biscoitos da sorte.

— Você tem que perguntar aos biscoitos, pai. Eles sabem de tudo.

Meu pai ri e pega um. Sento no colo dele e observo meu pai abrir a embalagem de papel celofane vermelho.

— Tudo bem, então esta *sobremesa* vai mostrar se vamos ou não nos mudar — ele declara.

Coloco uma das mãos sobre o pulso dele.

— Confie no biscoito.

Ele quebra a concha marrom-clara e arranca a tira de papel. Os olhos se arregalam. Tiro o papel das mãos dele e leio.

VOCÊ IRÁ ABRAÇAR A OPORTUNIDADE E FICARÁ CONTENTE POR TER FEITO ISSO!

— Eu te disse! — eu me vanglorio. Danço pela sala, empolgadíssima por estar certa.

— Não é nada oficial! — meu pai chia, exasperado.

Vamos nos mudar! Vamos nos mudar! Rá, rá!

E então, de repente, a realidade bate à minha porta e sinto como se meu coração fosse arrancado do peito. Não posso dizer adeus a esse lugar, a essas pessoas — sr. Lawrence, Isabella, Dante, Leon, sra. Corbeil, o Aquário. Até mesmo as perguntas idiotas de Carlos Sanchez, sua risada irritante e seus pombos gays. Vou sentir falta dele também.

E então a ficha caiu...

Kenzie! Carambolas, como poderei abandonar a Kenzie?!

Domingo, 4 de março

Na igreja, hoje, Liliana e eu demos aula para uma turma de crianças de cinco anos como parte de um projeto social. Se essa fosse uma luta de MMA (o que, de certa forma, não deixa de ser), a chamada seria: DEZ CRIANÇAS DO CAPETA VERSUS DUAS GAROTAS DESPREPARADAS.

Se eu tivesse visto as probabilidades, também apostaria contra mim.

A cabeça da quadrilha, Sandy, não para de correr pela sala. Quando Liliana tenta compartilhar uma mensagem sobre Jesus, sento a Sandy no meu colo, tentando evitar que ela me morda ou comece a berrar. A menina inventa uma música sobre fazer cocô. Uma verdadeira Kenzie em treinamento.

Fiz folhetos para anunciar meus serviços de babá, mas só consegui entregar dois hoje. Provavelmente é melhor assim. Depois dessa experiência, tenho mais é que tomar cuidado com os lugares onde vou fazer propaganda.

Segunda-feira, 5 de março

Meu pai obedece ao biscoito da sorte e, hoje, oficialmente aceitou o emprego.

Não consigo me decidir se vomito ou se pulo de felicidade. Medo e empolgação. Culpa e curiosidade.

Durante o almoço, Kenzie e eu conversamos. Tento evitar qualquer assunto relativo a maiores mudanças de vida, e pergunto se ela está empolgada para o recesso de primavera. Ainda não lhe contei. Todas as vezes que tento, acabo ficando sem palavras. É impossível.

— E como eu poderia estar? — Kenzie solta um gemido. — Minha mãe vai me mandar para um acampamento durante a semana inteira — ela murmura.

— Bem, o acampamento pode ser divertido, eu acho. — Tento ser positiva. — O que você vai fazer?

— Vou ter que entrar num ônibus de excursão com um monte de outros adolescentes coreanos. — Ela solta mais um gemido e deita a cabeça sobre a mesa. — Nossas mães estão organizando a coisa toda.

— Caramba. Então quer dizer que você vai fazer um tour pelo Texas? — Eu lhe ofereço metade da minha banana, que ela aceita, grata.

— *Pensilvânia* — ela soluça entre mordidas na fruta. Da forma como ela diz, a Pensilvânia pode ser sinônimo de purgatório.

— Sinto muito.

— E então teremos que assistir a uma montagem de *Jonas e a baleia*. — A voz dela falha.

Mordo o lábio inferior para prender a risada.

— Isso parece horrível!

— Por favor, diga isso para minha mãe. Até chorei quando ela me contou, mas mesmo assim ela não teve a menor misericórdia.

Eu me sinto muito mal pela Kenzie.

Embora a situação não deixe de ser muito engraçada.

Dica de popularidade da Maya

Você só pode rir das situações dolorosas que seus amigos enfrentam se eles lhe derem permissão... ou quando não houver ninguém por perto.

Apesar de eu rir, bem lá no fundo meu segredo me come viva — vamos nos mudar. Ela é minha melhor amiga e nem sei como vou lhe contar. Não posso fazer isso.

E se ela chorar? E se ela não chorar? Como posso lidar com qualquer uma dessas possibilidades?

Terça-feira, 6 de março

Elas apareceram hoje. As caixas. Só vamos nos mudar em julho, mas elas já estão aqui, abrindo caminho na minha vida.

E já existe um clima de empolgação no ar, uma energia renovada que me lembra que uma nova aventura desponta no horizonte.

E então, mais uma vez, bate o medo, que com certeza está piorando as marcas da cinta (sim, eu ainda uso cinta de vez em quando) nas quatro bandas da minha bunda.

Estou tão confusa que busco a sabedoria de um biscoito da sorte.

você será bem-sucedido em seus empreendimentos financeiros

Estou começando a achar que esse troço é mágico. Chequei meu e-mail, mas ainda ninguém entrou em contato para contratar meus serviços de babá. No próximo domingo terei que expandir minha teia de contatos. Ah, cara!

*Ainda há outra abordagem sobre a arte de ter dinheiro suficiente: cortar os gastos, ou, como diz o ditado: "Um centavo economizado é um centavo ganho".
Vá de bicicleta em vez de pegar o ônibus, escreva cartas em vez de fazer ligações de longa distância e fique em casa e ouça discos em vez de se sentir obrigada a ir ao cinema assistir a cada novo filme que estreia na sua cidade.*

Tudo bem, Betty. Vou fazer minha parte para evitar gastar meu dinheiro em *jukeboxes* e máquinas de *pinball*.

Quarta-feira, 7 de março

Todos os corredores da nossa escola são cobertos por armários, mas não temos permissão para usá-los por causa de preocupações com drogas e armas. Assim, os professores de arte os aproveitam como um mural para expor os trabalhos dos alunos. Enquanto Kenzie e eu caminhamos devagar pelo corredor, passamos por pandas mortos e bandas punks compostas por vampiros que as Garotas Góticas Artistas desenharam. Vejo a Hello Kitty ser engolida por um buraco negro e acho que sei como ela se sente. Não posso mais guardar o segredo.

— Kenzie, preciso lhe contar uma coisa. Você é minha melhor amiga. Precisa saber antes de todo mundo.

O sorriso desaparece do rosto dela.

— O que foi?

— Não vamos para a mesma escola no ensino médio.

— O que você quer dizer? — A voz dela é suave e triste.

— Ah, Kenzie, minha família vai se mudar no verão. Meu pai conseguiu um emprego incrível na Geórgia. É um ótimo lugar e tudo o mais, mesmo assim vou sentir tanto sua falta...

Ela olha para o outro lado. Encaro as fileiras de armários vazios.

Por fim, Kenzie ergue os olhos.

— É melhor você manter contato comigo pelo Facebook. Para o seu bem.

— O tempo todo! — concordo.

Suspiramos e ficamos ali paradas por um tempo. O sinal para a primeira aula toca e trocamos um sorriso triste. Mais que depressa sigo para a sala de álgebra, tomada pela dor e pelo alívio.

A voz do diretor explode nas caixas de som.

— Alunos, preciso informar-lhes um acontecimento muito triste. O sr. Lawrence, um dos professores de inglês do sétimo ano, faleceu esta manhã.

Olho para cima. *Não. NÃO!*

— Informações sobre o funeral serão dadas posteriormente. Vamos agora fazer um minuto de silêncio em homenagem a esse professor tão incrível...

Passo a primeira aula atordoada. *Isso não é verdade. Não é verdade. Ele não pode estar morto. Ele é meu mentor, meu amigo. NÃO!*

Quando a aula de álgebra termina, Kenzie puxa meu braço no corredor. Nossos olhos se encontram e vejo uma compaixão que jamais testemunhei antes.

— Maya, sinto muito. — Ela me puxa para si e me dá um abraço.

— Ele morreu. — Eu soluço nos braços dela, deixando manchas molhadas na sua jaqueta. — Ele morreu.

— Eu sei.

Ficamos assim por um longo tempo e nesse momento eu soube que a Kenzie jamais me abandonará. Somos duas esquisitas que não se encaixam em lugar nenhum, mas, juntas, encontramos um canto ao qual pertencemos. Não importa quem somos ou o que aconteça, ela sempre será minha amiga.

Nós nos afastamos, e vejo que Kenzie também tem lágrimas nos olhos. Em silêncio, vou para o ensaio do coral e ela, para o da banda.

A essa altura, as lágrimas fluem livremente, escorrendo pelas minhas bochechas, e não sou capaz de contê-las.

Morto. E lá está ela novamente, essa palavra estranha, impossível — morte. Isso não entra na minha cabeça. Abraço meus próprios ombros e choro baixinho, olhando para os joelhos. Não sou a única. Várias outras meninas soluçam nos braços de seus namorados. Como elas ousam chorar?! Tantas delas tornavam a vida do sr. Lawrence tão difícil quando ele estava vivo.

Porém, meus sentimentos mudam quando mãos desconhecidas se estendem para me afagar. Todos os alunos do sétimo ano se reúnem, ao meu redor, e me abraçam, dizendo o quanto estão tristes. Pessoas me dão lenços e passam seus dedos amorosos pelo meu cabelo.

Fico imaginando se devo me sentir popular, mas tudo que sinto é uma paralisia. Não é possível existir popularidade quando a tragédia ataca. Tudo o que resta são corações humanos, amor e dor. Bem lá no fundo, todos nós amamos uns aos outros. Quando presenciamos em outra pessoa a dor que não pode ser evitada, também nos sentimos machucados.

Encontro minha paz nos braços de completos estranhos que nunca haviam falado comigo antes. Na terceira aula, vejo Carlos Sanchez com o rosto vermelho, escondendo as lágrimas, mas, na defensiva, ele declara que ver meninas chorando faz com que se sintam estranho.

Esse é o amor universal encontrado nos lugares mais improváveis.

Esse amor é o que me sustenta durante o dia, até eu cair em prantos nos braços dos meus pais.

Quinta-feira, 8 de março

Na escola, hoje, tenho a sensação de que todos seguiram em frente com suas vidas. Não há nenhuma menina chorando, por isso guardo minha tristeza para quando ninguém estiver por perto.

Vou para casa e escuto o primeiro CD que encontro no armário, que por acaso é um do ABBA. Deito na cama e choro. Não quero ver ninguém. Não estou acostumada com essa tristeza dramática. É muito difícil admitir que lá no fundo eu estou despedaçada, aprisionada numa dor contínua que não vai embora. Soluço no travesseiro, balançando a cabeça ao som de "Money, Money, Money". (Será que esse tema não pode parar de se repetir um pouco?)

Tenho que sentir a perda sozinha. As coisas voltarão para o lugar no momento certo.

Ninguém contratou meus serviços de babá. Acho que não vou ganhar nenhum dinheiro este mês.

Minha família começou a organizar as caixas dos papéis e das pastas. Brodie encontrou vinte pratos que ele tinha esquecido dentro de um velho cartão de aniversário.

Reviro toneladas de coisas velhas, mas não acho nada.

* * *

Sábado, 10 de março

Uma blusa branca de alfaiataria.

Uma saia preta.

Um par de sapatilhas pretas.

Um imenso casaco preto da minha mãe.

A casa funerária não fica longe. Minha mãe estaciona o carro, vamos andando na chuva até a capelinha repleta por um burburinho. Numa grande tela atrás do caixão fechado coberto pela bandeira dos Estados Unidos é projetada uma série de slides dos momentos da vida do sr. Lawrence: ele e os netos, a esposa, os alunos.

Eu me sento, ouço os filhos do sr. Lawrence contarem histórias sobre meu professor e nos lembrarem das coisas que importavam para ele. O sr. Lawrence sempre via o melhor das pessoas. Era muito corajoso, gentil e amava profundamente seus alunos.

As lágrimas correm pelo meu rosto quando cantamos *Amazing Grace*, e todos se levantam em respeito aos familiares. Quando me aproximo e digo meu nome, todos eles sorriem. A esposa do sr. Lawrence me abraça, e eu cumprimento seus filhos.

— Eu quero lhe agradecer por ter escrito aquela carta — o mais velho diz. — Significou o mundo para ele.

— Ele sempre teve muito orgulho de você. Muito mesmo.

— Então você que é a Maya. Ele a adorava. Tenho uma cópia do poema que você escreveu para ele emoldurada na minha parede.

— *Muito* obrigado. Você fez uma grande diferença na vida dele.

Estou tão emocionada que mal consigo falar.

Minha mãe e eu caminhamos até o cemitério onde veteranos do Exército fazem uma saudação militar. No silêncio que segue

os disparos das armas, o agente funerário responsável pelo enterro agradece nossa presença.

Antes de irmos embora, eu me aproximo do caixão. Quase não consigo evitar uma risada ao ver o quanto é pequeno. Como é capaz de caber tanta vida numa caixa de madeira de dois metros?

Coloco uma das mãos sobre a superfície envernizada.

— *Como posso dizer adeus para o senhor?* — eu sussurro e me inclino para ficar mais perto. — O senhor sempre me disse que eu tinha um dom das palavras e, agora, estou aqui sem saber como encontrar uma frase que expresse o quanto o senhor significa para mim. O que o fez acreditar em mim?

As lágrimas correm pelas minhas faces quando me lembro das últimas palavras que o ouvi dizer: “Ela será uma escritora famosa algum dia”.

— Adeus, sr. Lawrence. Adeus.

Sr. Lawrence, este livro é dedicado ao senhor. Este livro que o senhor jamais lerá.

Eu prometo, nunca me esquecerei.

Domingo, 11 de março

Na igreja, Natalia enfileira todos os seus ursinhos de pelúcia no encosto do banco na frente do nosso. Um deles cai, deixando uma brecha como um dente que caiu. O homem no banco em frente se inclina para pegar o ursinho. Nat arranca o brinquedo das mãos dele.

— Diga obrigada — Brodie a encoraja.

Natalia olha o homem diretamente nos olhos e faz o que lhe mandaram. Só que ela não consegue pronunciar direito, e o som sai num tímido “brigada”.

Betty Cornell não dá muitos conselhos sobre como sair de saias justas criadas por sua irmãzinha autista.

Dica de popularidade da Maya

Se você tem irmãos mais novos excêntricos, é extremamente importante aprender a arte de pedir desculpas desde cedo. Você irá precisar.

Entreguei mais alguns panfletos dos meus serviços de babá. Talvez dê em alguma coisa.

Terça-feira, 13 de março

Minha mãe e meu pai foram para a casa de um amigo esta noite e me deixaram como babá durante algumas horas. Eles vão me pagar dez pratas, o que me deixa mais perto da minha meta de cinquenta dólares. Como uma profissional remunerada, decido passar algum tempo com Natalia em vez de deixá-la assistindo aos *Superfofos!* a noite toda.

Para divertir as crianças durante o tempo em que estão sob sua responsabilidade, você pode levá-las ao parque, ao parquinho ou à praia (...). Em dias chuvosos, você pode usar sua própria casa (...), ler livros para elas e distraí-las oferecendo-lhes lápis de cera e tintas.

Devido à minha falta de opção de transportes, opto pela leitura e o material de arte. Observo como Natalia se interessa pelas ilustrações num livro.

— Gato. *Miau*. Ovelha. *Mééé!* Vaca (na verdade é um cavalo). *Múúúúúú!*

Ela acerta quase todos eles, exceto a joaninha, mas, fala sério, que tipo de maluco coloca um inseto num livro sobre animais da fazenda?

Depois disso, digo-lhe que é hora de ir para a cama. Tento prendê-la debaixo dos cobertores, mas ela se recusa a dormir.

— NÃO! — Natalia berra até que sou forçada a lhe fazer cócegas. Ela solta uma gargalhada e quer mais. As cócegas em Natalia têm como contrapartida eu receber um monte de socos dolorosos na região do peito, e não me sinto a pessoa mais feliz do mundo por ter que aturar isso, mas ela simplesmente solta uma risadinha e continua. — Cosquinha? — ela implora sem parar. Minha irmã é mesmo uma fofa, mas da próxima vez vou usar um daqueles sutiãs pavorosos de cone dos anos 1950. Assim, ela vai ficar com medo de ser espetada e vai pensar duas vezes antes de cutucar meu peito.

Domingo, 18 de março

Duas mães se aproximaram de mim durante o culto e disseram que me querem como babá em breve. Uma até mesmo me deu uma DATA! Vou cuidar de dois dos seus três filhos no dia 13 do próximo mês. Demorou um pouco, Betty, eu sei, mas ainda assim é melhor do que nada. Eu me dou conta de que, se reunir um bom número de clientes, posso alcançar minha meta.

Quarta-feira, 21 de março

Algumas das coisas dignas de nota que aconteceram hoje:

1ª aula

— O que é caucasiano? — uma das Garotas do Basquete pergunta. (As Garotas do Basquete estão mais ou menos no número $8 \frac{3}{4}$ na Escala de Popularidade da Minha Escola, logo abaixo da Facção do Futebol.)

— Ah, essa é fácil — responde uma das Garotas do Vôlei. — Significa branco e norte-americano. Sabe como é, tipo um caipira.

3ª aula

Carlos Sanchez raspa sua carteira no chão, fazendo barulhos de pum.

4ª aula

PROVA DE PROGRAMAS DE SAÚDE! A sra. Welch, que estava falando aos berros com uma das Garotas do Vôlei sobre problemas com namorados, de repente pede que tiremos tudo das nossas carteiras.

— É hora do nosso *testículo*. Oh, quero dizer, teste.

7ª aula / almoço

Kenzie tira uma nota de cinquenta dólares (uma de três, ela me conta) da carteira e vai comprar alguma “comida de verdade” na cantina. Ela ganha uma mesada generosa. Kenzie compra dois cookies com gotas de chocolate e um saco de Doritos sabor *ranch*. Tenho tomado cuidado para não gastar meu dinheiro com coisas fúteis.

Uma boa maneira de economizar é reduzir os lanchinhos entre as refeições. Com esse método, cinco centavos economizados com um doce também serão cem calorias que não irão se alojar na sua cintura.

* * *

Quinta-feira, 22 de março

Zoaram Francisco durante o almoço. Isso tem acontecido com mais frequência desde que ele saiu do armário no verão passado. Eu não fazia a menor ideia disso até a Kenzie me contar quando as aulas recomeçaram em setembro. Achei muito corajoso da parte dele. Dois membros da Facção do Futebol estavam sentados, ladeando seus ombros arqueados. Ele tentava se tornar um alvo o mais invisível possível.

— E aí, amiga? Você está usando uma maquiagem bem bonita, que faz seus olhos brilharem. — Um deles dá um soco no ombro de Francisco.

— É, e onde está seu *namorado*? Tenho certeza de que ele também acha isso — o outro completa, às gargalhadas.

Francisco olha para baixo. Quero gritar para aqueles garotos e mandá-los embora. Não fazem a menor ideia do que estão dizendo. Ainda assim, mordo a língua. Falar alguma coisa só deixará Francisco numa posição ainda pior. Ser defendido por uma GAROTA é chegar ao fundo do poço. Os meninos vivem repetindo isso. Assim, fico quieta, tentando lhe oferecer algum apoio através das minhas expressões faciais, mas ele não levanta a cabeça. Francisco simplesmente fica ali sentado, olhando para as próprias mãos enquanto os outros dois o atormentam. Por fim, eles dão o fora, mas aquilo não foi nada legal.

Odeio a Facção do Futebol.

Sexta-feira, 23 de março

Minha mãe me dá cinco pratas para escrever um poema como lembrancinha do chá de bebê de uma amiga que ela vai organizar aqui em casa esta noite. Não é lá grande coisa, mas vou ganhar cinquenta centavos por linha. Não é assim tão ruim. Contando com os trabalhos ocasionais que venho fazendo na vizinhança, já ganhei um total de trinta dólares este mês.

Tudo de que preciso é só mais vinte!

Sexta-feira, 30 de março

Brinco, impaciente, com a manga do meu suéter bonito e limpo enquanto a sra. Blanco estaciona seu carro caro na porta da nossa casa às seis da tarde para me buscar.

“Vista-se bem, de forma conservadora e profissional”, Betty aconselha. “Boas maneiras são uma qualidade que os empregadores percebem logo de imediato.”

Faço meu melhor para manter uma conversa educada. Afinal, quero que ela confie em mim.

Vou cuidar dos seus dois filhos até 21h30. A menina, Mary, está no primeiro ano e o garoto, John, na pré-escola. Vou ganhar dezoito dólares esta noite, quase o suficiente para atingir minha meta.

Quando chego à casa da família, as crianças correm na minha direção.

— Podemos brincar com jogos de tabuleiro? Cobras e Escadas? POR FAVOR?! — Mary ainda nem sabe meu nome e já está me puxando por uma das mangas do meu suéter. Nas minhas (limitadas) experiências anteriores como babá, as crianças não queriam jogos de tabuleiro nem se você as *pagasse*. Isso é muito bom para ser verdade.

A sra. Blanco solta uma gargalhada.

— Tudo bem. Eles ainda não jantaram, mas você pode lhes dar qualquer coisa. Cereal está ótimo. Ah, e eles podem assistir TV, ou faça o que eles quiserem. A hora de ir para cama é por volta das nove. Às vezes funciona. Eles já estão de pijama.

Será que ela percebeu o quão fácil está tornando meu trabalho? O sr. e a sra. Blanco vão embora e as crianças decidem que querem fazer uma competição de dança para mim, mas tenho que expulsá-los de cima das bancadas da cozinha para que não se machuquem enquanto rebolam. Mary encontra um pote de creme e o esvazia nas suas mãos. Depois disso, localiza uma lata de spray antiodores e resolve encarnar um chafariz. Consigo ajeitar a bagunça e faço sanduíches de presunto para eles (“com pão sem casca!”) e eles ainda comem alguns salgadinhos.

E então me pedem para eu ler um livro.

— Por que não inventamos nossa própria história? — proponho.
— Conheço uma brincadeira muito legal. Cada um conta uma parte da história e a outra pessoa termina. É muito maneiro.

— O que é isso no seu dente? — John aponta para meu aparelho.

Mary revira os olhos.

— Ela come *junk food* demais. Não é?

— É, bem, na verdade... Deixa para lá. De qualquer forma, vou começar a contar minha parte da história.

E então eis o conto que criamos:

MAYA: Era uma vez um menino e uma menina (lanço um olhar significativo para os dois e eles soltam risadinhas) que foram fazer um piquenique no parque (“Nunca fizemos um piquenique”, Mary me informa). Psiu, escutem... E então começou a chover sem parar. Eles pegaram um barco e velejaram pelo rio. Mary, sua vez.

MARY: Bem, eles flutuaram até chegar em casa, mas tinha um ladrão lá. E ele pegou a metralhadora e começou a dar um montão de tiros neles. Eles correram para dentro e se esconderam no armário, mas o ladrão foi atrás. Ele começou a atirar na porta da frente e fez vários buracos, por isso os irmãos empurraram todos os móveis pesados para trás da porta. Mas o ladrão explodiu tudo e eles tiveram que nadar para longe. John...

JOHN: E então eles nadaram, nadaram e nadaram até morrer.
Fim.

Deixei que eles assistissem à *Dora*. A boa e velha televisão, que aliena as mentes e irá fazer com que eles pensem em outra coisa além de escuridão e morte. Já é quase nove horas e leio algumas

histórias. Nem cogito a possibilidade de pedir que eles inventem alguma coisa novamente. Levo Mary para o quarto, ajeito as cobertas e falo que é hora de dormir.

— Não consigo.

— Por que não?

— Estou com medo — ela murmura e a voz dela atinge três oitavas mais altas que o usual.

— De quê?

— Estou com medo do Scooby-Doo. Vi uma múmia que voltou à vida e perseguiu o pessoal do desenho.

— Ah! — Balanço a cabeça. — Mas era só um cara com uma máscara, né? Nunca é um monstro de verdade. Múmias não voltam à vida.

— Tudo bem... — ela concorda, deitando a cabeça no travesseiro, mas logo volta a se sentar. — E os zumbis?

— Os zumbis também não são reais. Os mortos não levantam do túmulo.

— Jesus levantou.

É um bom ponto.

— Essa foi outra história... — começo, mas faço uma pausa. Tenho que planejar cuidadosamente minhas próximas palavras para que ela não tenha pesadelos com um Jesus Zumbi. — E, bem, ele era... bonzinho?

— Ainda estou com medo. — Ela agarra minhas mãos e arregala os olhos castanhos como se fosse um cachorrinho.

Conto a Mary uma história feliz sobre arco-íris e bichinhos de pelúcia e, finalmente, ela começa a cochilar.

Por fim, os dois estão nos seus próprios quartos, e pego um livro para ler. Alguns segundos depois, a porta se abre e o sr. e a sra. Blanco entram na sala.

— Uau! Eles estão na cama? Isso é incrível! — O sr. Blanco sorri para mim, enquanto rezo em silêncio para que aquelas crianças continuem fingindo que estão dormindo. — Quanto eu lhe devo?

— Dezoito dólares — eu respondo.

— Ah, bem, fique com vinte! — o sr. Blanco me diz.

Essa gorjeta de dois dólares faz com que eu atinja a minha meta! Cinquenta dólares — consegui! Estou muito autoconfiante. Posso fazer qualquer coisa!

Quando chego em casa, às nove e meia, pulo por todos os cômodos.

Sinceridade, o interesse verdadeiro pelas pessoas, uma facilidade natural para conversar, honestidade, tudo isso contribui para transformar uma jovem num indivíduo realmente encantador — dentro e fora do ambiente de trabalho.

Com a ajuda da Betty, estou me transformando. Talvez eu não esteja assim tão longe de ser “um indivíduo realmente encantador”. Com uns trocados no bolso e um sorriso nos lábios, avanço, confiante, para o próximo capítulo.

Abril

Atitude popular: Parecer linda — Ser linda & Você é tímida? & Personalidade

Se você quer ser um ser humano, e um ser humano popular, então você precisa deixar de ser uma ostra e sair da concha.

Eu repito essas palavras todas as manhãs, mas não sei sou capaz de fazer isso. Todas as cintas e saias são brincadeira de criança em comparação à minha meta deste mês: arrancar minhas tendências antissociais pela raiz.

Quando eu tinha quatro anos, minha avó me levou a um parque perto da casa dela. Minha avozinha querida é uma borboleta social. Ela é capaz de transformar em sua melhor amiga a pessoa que está na frente na fila do supermercado ou a atendente do serviço de assistência ao consumidor na Índia. Por isso, ela não consegue entender por que sua neta tem tanta dificuldade para conhecer gente nova.

— Maya, vá brincar com aquelas crianças ali. Elas parecem legais.

— Não! — protesto.

— Bem, por que não?

— Porque eu não *gosto* de outras crianças.

Essa frase moldou todo o resto da minha vida.

Agora, Brodie, por outro lado, é exatamente o neto da nossa avó. Ele tem um montão de amigos. Como ele faz isso? Será que são os olhos cor de mel que combinam com o cabelo loiro-areia? As covinhas? Betty Cornell diz que não.

Ser bonita e atraente ajuda a ser popular, mas isso não é e jamais será uma garantia de popularidade. Há outro fator, um fator muito importante, que é a personalidade. Personalidade é aquele toque indescritível que nos distingue como pessoa. É difícil explicar, mas fácil de reconhecer.

Então como você consegue essa coisa inexplicável? A Betty passa três capítulos explicando isso e vou segui-los este mês. Eles falam de boas maneiras, timidez e personalidade.

Veja só, parecer bonita não é o suficiente. Para ser um sucesso neste mundo, não basta ser linda. Você tem que parecer linda. E como você consegue ser linda? Tendo uma personalidade agradável. À primeira vista, parece algo simples, mas não é. Ter uma personalidade agradável significa que você precisa ser amigável, atenciosa, generosa, sincera e educada, adjetivos que devem ser acrescentados a uma série de boas maneiras.

São muitas metas para alcançar. E ainda tem mais:

O mais básico de todos os fundamentos básicos é ser amável com as pessoas. Não é possível se divertir sozinha. É necessário compartilhar o prazer para que você possa desfrutar de fato essa sensação. Isso significa ter amigos.

Tudo bem. Vou tentar. Mas só existe um lugar onde se pode conhecer pessoas. O único lugar em que é possível observar a escala da popularidade em toda a sua glória aterrorizante. E é o lugar mais inesquecível, mais fétido e mais provável de partir seu coração em todo o campus da escola.

O refeitório.

Agora vou deixar meu pequeno clã de Párias Sociais e me aventurar com minhas próprias pernas pelo mundo exterior. Preciso sair e conhecer gente *nova*.

Para fazer isso, vou me sentar com outros grupos em mesas diferentes todos os dias. Vou começar com as pessoas que eu conheço, depois passar para os estranhos e então, finalmente, encarar... a galera *Popular*.

Acho que o mais importante quando se deseja dominar a timidez é ir aos poucos. Comece pequeno e depois vá aumentando suas metas.

Tudo bem, Betty.

E lá vamos nós.

Segunda-feira, 2 de abril

Dou oi para três pessoas no ônibus da escola esta manhã, mas eles me ignoram ou não conseguem me ouvir sob o som dos seus fones de ouvido. É impossível competir com Angry Birds.

Estou usando roupas normais hoje. Parece ser mais apropriado para a batalha que vou encarar.

Pela sua aparência e pela forma como você fala e pensa, você é reconhecida como uma moderna adolescente norte-americana (...). Pense só em quantas mudanças aconteceram nos Estados Unidos desde 1900 e quantas ainda irão acontecer até o ano 2000 (...). O segredo é saber como se adaptar a todas as mudanças e ainda assim manter seus próprios padrões e sua própria individualidade.

Ainda estou usando minhas pérolas e me maquio todas as manhãs, mas voltei a vestir calça. A adaptação é uma coisa boa. Só os mais adaptados sobrevivem, não é?

Antes do início da aula, conheço dois alunos do sétimo ano na biblioteca. Morgan e Noah são legais, e aceno para eles no corredor quando sigo para o almoço. Acho que isso faz parte do plano. Para ser popular, tenho que fazer um esforço para manter as amizades.

Nesse primeiro dia, sento-me junto com os Párias Sociais, meu grupo de sempre, durante o almoço. Escuto educadamente outra história sobre como a mãe da Kenzie a estressa.

— Olha só, Kenzie, você sabe que eu vou me mudar no meio do ano, né? — Eu a interrompo quando ela faz uma pausa para respirar.

— *Ahã.*

— Bem, eu queria conhecer um monte de gente nova antes de ir embora. Vou me sentar em mesas diferentes e dar oi para todo mundo. Sabe como é, fazer amigos.

Ela se engasga com o biscoito.

— Que diabos você está pensando em fazer? Você vai quebrar o *status quo*! Arruinar a pirâmide social! Destruir todas as coisas que fazem o mundo girar!

— E? — eu protesto, fingindo estar mais confiante do que realmente me sinto.

— *E* isso é impossível!... Esqueça essa ideia!... Cala a boca! — Ela me dá as costas.

— Kenzie, o que eu tenho a perder?

Ela faz uma pausa e me olha bem nos olhos.

— Caraca, garota! Você é mesmo *corajosa*!

Eu faço que sim com a cabeça e rio para mim mesma.

— E quero que você venha comigo.

— QUE INFERNO! CLARO QUE NÃO!

Eu suspiro. O herói precisa encarar o dragão sozinho.

Terça-feira, 3 de abril

Hoje decidi sentar com os Párias Sociais da mesa perto da nossa. Seco as palmas molhadas das minhas mãos na calça. Posso sentir as batidas do meu coração ressoarem no pescoço, e engulo em seco. É isso. Todo esforço feito durante este ano foi para conseguir isso. Coloco minha mochila ao lado de um grupo de pessoas que eu pouco conheço. Adam, Emma e o namorado dela, Bernardo, dizem-me que não tem problema se eu me sentar ali, apesar de parecerem um pouco confusos, como se estivessem se perguntando por que deixei minha mesa.

Kenzie informou ao nosso próprio grupinho de Párias Sociais meu plano para conhecer gente nova, e eles foram quase tão encorajadores quanto ela.

— Que diabos, Maya! Olha só onde você está se metendo!

— Maya, não faça isso! Você não é forte o suficiente! Volte para casa!

— Quem diabos é você e que diabos você fez com a verdadeira Maya?

— Por favor, você não está bem! Volte!

— Ficou maluca?

É bom saber que tenho tanto apoio.

Descubro que Bernardo sabe meu nome, pois fizemos inglês juntos no sexto ano. Tenho que admitir que eu não sabia o dele. Por que nunca me dei ao trabalho de saber qual era o nome dele?

Quarta-feira, 4 de abril

Após um discurso preparatório no espelho do banheiro, eu me sento com o pessoal do Clube de Espanhol durante o almoço (algo entre os números quatro e o cinco na Escala de Popularidade). Conheço uma pessoa do grupo e conversamos durante algum tempo.

Surpreendentemente, descubro que outra menina também sabe meu nome. Conversamos por um longo tempo sobre a Georgia e filmes que acabaram de estrear. Logo o grupo passa a conversar em espanhol, e eu apenas sorrio, balançando a cabeça e concordando.

Dica de popularidade da Maya

Quando a língua é uma barreira para a comunicação, passe a impressão de que você entende o que está rolando. Você também pode fingir estar totalmente concentrada na sua comida. Parecer ocupada resolve um monte de problemas.

Quinta-feira, 5 de abril

Durante a aula de ciências, fico sonhando acordada. Hoje, na hora do almoço, me sentei com as Geeks do Coral do oitavo ano. Tive

bons momentos falando da viagem para San Antonio. Sempre achei que elas eram cruéis e que viviam julgando os outros, mas acho que eu era a única que julgava as pessoas antes de conhecê-las de verdade. Gostei de passar esse tempo com elas e acho que também gostaram de mim. Até dei meu endereço de e-mail para uma delas. Talvez eu não seja mais a última a ser escolhida.

Sábado, 7 de abril

Eu me sento e finalmente separo um tempinho para pôr em dia minha tão negligenciada caixa de e-mails. Vejo que a menina do coral com quem sentei na hora do almoço me enviou uma mensagem engraçadinha. Oba! A popularidade está a caminho!

Então, enterrado no fundo da lista de atualizações do Facebook e propagandas, vejo um e-mail não lido. Clico para abri-lo.

Querida Maya,

Que trabalho notável! Estou muito animado com seus contos e poemas. É óbvio que você de fato coloca sua alma neles, e isso é o que realmente importa.

Ligue para mim a qualquer hora para conversarmos sobre a citação e não se esqueça: hoje será um dia maravilhoso!

Com toda a sinceridade,
Sr. Lawrence

Fico olhando para a tela por um longo tempo antes de conferir a data: 30 de janeiro.

Imprimo o e-mail, deito-me na cama toda encolhida abraçando o papel e choro.

Domingo, 8 de abril

É manhã de Páscoa e encontro uma cesta de guloseimas no meu quarto quando acordo. Apesar de eu saber que não foi um coelho

branco e fofinho que deixou essas coisas aqui, mesmo assim chocolate é sempre uma coisa mágica.

Temos culto às nove horas, por isso a gente esbarra uns nos outros, às pressas, enquanto nos arrumamos. Uso um vestido com estampa floral comprado no brechó, meu chapéu de palha com uma fita branca ao redor, minhas luvas, a bolsa *clutch* branca e pérolas. Com toda a certeza, Betty Cornell aprovaria meu visual.

Durante a Escola Dominical, sento ao lado de um garoto com quem nunca falei antes. Ele sempre é muito calado, mas sei que o nome dele é Hector.

No espírito deste mês, decido quebrar o gelo.

— E então, Hector — eu começo —, você não é de falar muito.

— Não com você — ele murmura e se encolhe.

— Você tem medo de mim? — Olho para ele e finjo sentir a maior confiança do mundo. Minha mãe me disse que é isso que temos que fazer: agir como se fôssemos confiantes, belos, capazes e todos os outros sentimentos do tipo. Também li um artigo na revista da Oprah sobre como sentar como uma pessoa confiante pode fazer com que você se sinta mais forte.

Toda essa teoria — finja-até-conseguir-passar-a-imagem-que-você-deseja — é muito legal, e todo o resto, mas sem dúvida alguma é muito difícil. Especialmente quando você é a única pessoa que quer conversar.

— Você tem medo de mim, não é? — Eu me aproximo dele alguns centímetros.

— É.

— Não sei por quê.

Finjo ser uma atriz que interpreta um papel num filme. Sorrio diante da ideia de estar usando um figurino: aparelho ortodôntico, óculos, pérolas, luvas, chapéu. Tenho que ser a pessoa menos ameaçadora da face da Terra.

— Se você me conhecer, tenho certeza de que não ficará mais com tanto medo. Vamos começar falando sobre a escola. Minha matéria preferida é inglês. Qual é a sua?

— História.

— Legal. Seu professor é bom?

— É.

Estou suando como uma louca, mas mantenho uma expressão animada no rosto.

— Às vezes pegamos uns professores de história que nos fazem ler o livro didático a aula inteira. Mas isso não é assim tão ruim. Uma vez, tive um professor de inglês que não sabia quem era Tolkien.

— Ah, é mesmo? Meu professor de inglês não sabe quem foi Allan Poe.

— Fala sério!

— É verdade!

Ele começa a soltar uma gargalhada e, de repente, não estou mais tão ansiosa. Conversamos mais um pouco e então Hector vai embora. Acho que posso incluí-lo na lista de amigos que conquistei este mês.

Tenho falado com um monte de gente e descobri que a maioria delas é, na verdade, mais tímida que eu. Algumas mal me respondem. Sempre pensei que eu estava sozinha no meu sofrimento, só que existe uma multidão de tímidos por aí.

A timidez é uma sensação que a maioria já experimentou uma vez ou outra. Alguns se recuperam depressa, como se fosse um sarampo, mas outros têm a impressão de que se trata de algo tão difícil de ir embora quanto uma gripe forte.

* * *

Só depois que chego em casa percebo que Ethan não foi à igreja hoje. Sempre que ele estava lá, eu costumava sentir sua presença o

tempo todo. Agora, estou tão ocupada fingindo ser confiante que não tenho mais tempo para me distrair com ele.

Acho que ele está diferente do que era.

Ou talvez fui eu quem mudei.

Segunda-feira, 9 de abril

Vejo as meninas que tenho observado com toda a atenção nos últimos dias e decido que elas são uma aposta segura para minha próxima aventura da hora do almoço.

— Ei, posso me sentar com vocês hoje?

— Pode, eu acho.

Largo minha mochila pesada no banco e tiro de dentro dela o saquinho de papel com meu almoço.

— Ah, meu nome é Maya. E como vocês se chamam?

— O meu é Dulce — informa a morena.

Ela tem mais ou menos a mesma altura das alunas do sexto ano e não para de sorrir.

— E ela — Dulce diz, apontando para sua esbelta companheira — é a Eleanor.

— Bem, é um prazer conhecê-las. Falem um pouquinho de vocês.

Elas olham uma para outra e começam a rir. Ainda me sinto terrivelmente nervosa, apesar de já estar fazendo isso há nove dias. Dulce é uma fofa e ri muito, porém Eleanor é mais reservada e vai embora, para o ensaio da banda, na primeira oportunidade.

Percebo então que Dulce acaba sendo deixada sozinha, todos os dias, durante o almoço.

Kenzie vai à nossa mesa e me pergunta se quero ir à biblioteca com ela.

— É... bem...

Olho para Dulce sentada sozinha.

— Acho que vou ficar por aqui mais um pouquinho.

Kenzie está boquiaberta. Ela bate na minha testa.

— Ei, tem alguém aí? Você por acaso sabe para onde foi minha amiga Maya?

— Ah, para com isso!

Abro um sorriso e faço um gesto para que ela afaste a mão.

— Você pode se juntar com a gente, se quiser.

Ela aperta os olhos devagar e se joga na cadeira.

— Você é... maluca.

Kenzie acaba ficando, e conversamos durante todo o horário de almoço.

Vou andando com Dulce até a sala onde será sua próxima aula, e ela sorri para mim.

Será que está mesmo funcionando? Estou realmente fazendo amigos?

Quarta-feira, 11 de abril

Ontem cheguei ao refeitório cedo e escolhi uma mesa vazia. Apesar do lugar se encher aos poucos, ninguém se sentou ao meu lado. Depois de um tempinho, duas Geeks do Coral se aproximaram.

— Olha, Maya, você quer se sentar conosco? Nossa mesa está meio lotada, mas não queremos vê-la sozinha.

Fico tocada com a gentileza do gesto. E já que eu tinha previamente decidido aceitar convites para outras mesas, fui junto com elas de bom grado. Porém, por mais legal que tenha sido, eu já conhecia todas as pessoas, logo não fiz novas amizades.

É por isso que hoje fico com minha própria família de Párias Sociais. Não quero que eles achem que estão sendo evitados.

De qualquer forma, Kenzie está numa competição de bandas e, por isso, não pode ficar repetindo sem parar que fui galinhar por aí para pôr em prática meu novo plano e depois “voltei de joelhos para eles”.

* * *

À noite, chego um pouco atrasada à igreja para a atividade do grupo jovem. Logo que entro, vejo alguém que não reconheço. Como a menina parece triste e deslocada, me sinto mal por ela. Sem pensar duas vezes, vou direto até ela. Eu rio, falo e, aos poucos, tiro-a de dentro da concha. Sei como é se sentir sozinha e sem amigos.

Quando comecei a pré-escola, aos quatro anos, não tinha amigos. Na verdade, minha companheira mais próxima era um fantoche da minha mãe chamada *Meep-Meep*. Não era nem mesmo um fantoche de verdade, mas apenas os dedos da minha mãe que abriam e fechavam como se fossem uma boca. Só que suas mãos ficavam tão doloridas que ela convocou meu pai para pôr um ponto final nessa história.

— Onde está a *Meep-Meep*, papai? — eu perguntava.

— A *Meep-Meep* foi morar com a irmã dela, a *Maude*, e não vai voltar. Nem adianta procurar por ela.

Por fim, conheci algumas garotas legais no ensino fundamental. Só que eu lutava um bocado para manter essas amizades e acabava passando a maior parte do tempo comigo mesma. Havia dias em que eu ficava sozinha, na neve congelante, à espera da minha classe se formar no pátio, rezando para o recreio terminar logo. Eu queria uma melhor amiga, mas apenas uma. Eu tinha pânico de grupos. Decidi que ficar sozinha era melhor que ser ameaçada por um monte de gente.

Não me sinto mais assim.

Quinta-feira, 12 de abril

Vejo Beto — um menino que faz a nona aula do dia junto comigo — sozinho na hora do almoço. Ele é um Pária Social que às vezes frequenta outros grupos, assim como eu. Resolvo me juntar a ele. Digo simplesmente um oi, e começo a comer. Ele não fala nada, de forma que uso a mesma estratégia de abordagem que tentei com Hector.

— Você não fala muito, não é? — eu digo, mastigando meu sanduíche.

Ele para de comer e olha para mim.

— Eu não conheço você.

— Meu nome é Maya — respondo sorrindo.

Ficamos ali em silêncio por um tempo. Minhas tentativas de começar uma conversa se esgotam. Percebo que as meninas da minha turma do coral acenam freneticamente. Sorrio e aceno de volta. Aprecio o fato de elas me procurarem, só que, se eu ficar com elas todos os dias, nunca mais vou fazer novas amizades.

Pego minha mochila, estou prestes a ir para a biblioteca quando, do nada, um garoto de bigode aparece bem a minha frente. Eu o reconheço como alguém que também estava nas minhas aulas anteriores.

— Oi de novo — eu o cumprimento, tentando loucamente me lembrar do nome dele. *Acho que começa com A. É, algo assim.* — Aposto que você não se lembra de mim — deixo escapar.

— Você é a Maya — ele diz, quebrando minha teoria.

— Oh! Então me fale um pouco sobre você.

Tento ganhar tempo para me lembrar do nome dele. O Fulano de Tal se inclina para longe de mim e não diz nada.

— Tudo bem. Já que você não me vai dar qualquer informação, deixe-me fazer algumas perguntas: você curte esportes?

— Basquete, futebol, futebol americano e também faço trilha.

Uau! Um membro da Facção do Futebol! Mesmo sem ter a intenção, catapultei-me na Escala da Popularidade ao me sentar com um número nove.

— Agora é minha vez de lhe fazer algumas perguntas — ele diz.

— Manda ver.

— Você tem telefone?

— Não — respondo. — A única pessoa que tem celular na minha família é minha mãe.

— Como lá em casa. — Beto diz, erguendo a cabeça do seu rascunho de um homem em chamas.

O Cara do Futebol olha feio para Beto por um segundo antes de falar:

— Ei, Beto, você podia pegar um leite... para mim?

— Pegue você mesmo — Beto diz entre os dentes, mas, de qualquer forma, levanta-se e vai até a geladeira.

— Ei, posso te fazer uma pergunta?

Vejo uma certa honestidade no rosto do bigodudo.

— Claro.

Qual é o nome dele? Alejandro, Abel, Adan? ADRIANO! É isso!

Fico tão orgulhosa de mim mesma por me lembrar do nome do menino que mal ouço o que ele diz em seguida:

— Você quer sair comigo?

Meu coração para de bater. Minhas mãos ficam geladas.

O QUÊ? Será que eu ouvi direito? Você está falando sério? Ou será que é alguma pegadinha? Foi a Kenzie que o convenceu a fazer isso?

Olho para o tampo da mesa. Vão ter que me carregar numa maca por causa do ataque cardíaco causado pelo choque. Eu, A EXTRAORDINÁRIA GAROTA HOBBIT, sendo convidada para sair por um membro da Facção do Futebol!

O que devo dizer?

— Hmm — é a resposta inteligente que escapa dos meus lábios.

— Está aqui, Adriano — Beto grita, voltando para nossa mesa. Ele segura uma pilha de caixas de leite. — Eu não sabia se você queria leite achocolatado ou comum, e, caso quisesse comum, eu não sabia se você preferia integral ou desnatado, por isso trouxe um de cada. Beto alternadamente olha para mim e para o Adriano. — Que mi-co! — ele entoa. — Caraca, Maya, você está toda vermelha. Como um tomate!

Minhas mãos voam para minhas faces. É óbvio que elas estão pegando fogo.

— Acho que é porque fico vermelha quando dou gargalhadas! Vocês são tão engraçados, meninos. Ha, ha, ha!

— Quer saber de uma coisa, Beto? — diz Adriano. — Mudei de ideia. Quero só água.

Beto deixa as caixas de leite com Adriano e vai buscar água.

— E então? — Adriano insiste.

Há vinte minutos, eu não me lembrava do nome dele. E meus pais só vão me deixar ter um encontro no ano de 2000-e-nunca.

Estou tão confusa que provavelmente vou acabar desmaiando.

— Preciso conhecê-lo um pouco mais. — É a melhor resposta que consigo pensar.

Beto volta. Adriano finge que nada aconteceu. Fico aliviada, mas esse não é o sonho de toda garota? Ser convidada para sair com um cara popular? Então por que estou tão nauseada e morrendo de pavor?

Sexta-feira, 13 de abril

Hoje meu pai chegou mais cedo à escola para me buscar a pretexto de uma consulta médica. Pelo menos foi isso em que acreditei, até chegarmos ao estacionamento do shopping onde ele começou a dar

risadinhas. Jogou no meu colo uma bolsa cheia de guloseimas para serem devoradas no cinema.

— Você mentiu.

— Não exatamente — ele diz. — Eu *sou* um doutor, já que tenho doutorado, e, em teoria, esta é uma consulta.

Ele ri e abre a porta do carro para mim. Sempre amei isso no meu pai. Ele nunca deixa de me tratar como uma dama. Betty Cornell aprovaria as maneiras dele, mas creio que ela não aprovaria o fato de eu estar matando aula para assistir a um filme.

Meu pai e eu vamos andando e compramos nossos ingressos. Apesar de eu já ter treze anos, ainda ando de mãos dadas com ele. Acho que isso o faz sorrir.

Nós nos divertimos muito. Meu pai pode ser um pouco diferente, mas ele é maravilhoso, engraçado e sempre dá bons conselhos.

Betty Cornell diz: "Tente dizer aos seus pais o quanto você os ama. Faça com que saibam o quanto aprecia tudo que eles fazem por você".

— Obrigada, papai. Amo você.

Ele sorri.

— Eu também te amo.

Sábado, 14 de abril

Decido tentar uma nova tática, na feira de bolos da igreja, esta noite. Betty me fez parar para pensar.

É importante lembrar que quando você é tímida, é bem capaz que acabe passando para as pessoas a impressão de que você é rude.

Sei que isso é definitivamente verdade. Francisco me disse que morria de medo de mim até que eu falei com ele, quando finalmente percebeu que eu não era ameaçadora. Não vou deixar isso acontecer esta noite.

Chego com meu melhor sorriso no rosto. Ajudo de todas as maneiras que posso. Rio com os adultos. Corto sobremesas. Carrego os pratos que as pessoas trazem. No fim, nem tenho mais que fingir que sou amigável.

Aproximo-me de Hector, o garoto tímido com quem fiz amizade no domingo. Eu falo por um tempo sobre todos os assuntos, desde minha dor nos joelhos até o coral. E, então, ele milagrosamente começa a corresponder. Pega leve no início, mas logo que o gelo é quebrado, começa a gargalhar. Ouço algumas das meninas da minha idade sussurrando sobre a gente, mas não ligo.

Sou tomada por uma sensação incrível de libertação.

Pela primeira vez na vida, acho que as pessoas gostam de mim. E vejo que tudo significa mais que usar pérolas, saias e até mesmo um chapéu (apesar de várias velhinhas virem até mim para me dizer como fico fofa aos domingos, quando uso meu chapéu e minhas luvas).

Até agora, neste mês, conheci um monte de gente. A lição da Betty é muito mais profunda do que eu imaginava. Eu queria ser popular. Queria que as outras pessoas gostassem de mim. Só que, em vez disso, descobri que a maior parte das outras pessoas também está esperando para ser descoberta.

Domingo, 15 de abril

Será que já sou popular?

Só há uma maneira de descobrir.

Tenho que perguntar *a ela* qual é a verdadeira definição da popularidade.

Vou *encontrá-la*. Preciso lhe dizer que, mais de sessenta anos depois de seu livro ter sido escrito, alguém ainda segue seus conselhos. Que alguém ainda está escutando.

Vou encontrar a Betty Cornell.

Quarta-feira, 18 de abril

Entro no refeitório confiante e satisfeita. Nesta manhã, meu ortodontista me disse que poderei tirar o aparelho em quatro semanas. Finalmente!

Sento-me, mais falante, com o pessoal do Clube de Espanhol. Após vinte minutos, peço desculpas por precisar terminar alguns trabalhos na biblioteca. Começo também a procurar no Google alguma informação sobre a Betty. Descubro que há milhares de pessoas chamadas Betty Cornell espalhadas por todo o país. Como poderei descobrir qual delas é a Betty certa?

Adriano me segue até a biblioteca. Eu estava tentando evitá-lo. Como posso lhe dizer que não quero sair com ele?

Ele se aproxima e olha para a tela do computador. Não consigo trabalhar, por isso coloco minha mochila numa cadeira e decido arrumar alguns livros. Adriano acompanha o que faço e pega um romance.

— E então, o que faria se eu tentasse fazer cócegas em você? — Ele cutuca meu tronco, brincalhão.

O.k., ele conseguiu me deixar bem desconfortável. Meu pescoço começa a queimar, mas engulo em seco e tento me manter calma.

— Com toda a sinceridade? Eu te daria um tapa.

— Sério?... — Então, entre todas as outras coisas que ele poderia ter feito, Adriano ergue os dedos e começa com as cosquinhas. Bato na cabeça dele com o livro que estou segurando. Não pus força para machucar, só o suficiente para que ele entendesse o recado.

— Adriano, pare de tocá-la! — diz a sra. Zaragosa, a bibliotecária assistente, que dá um passo e fica entre nós dois. Todos fazem silêncio. A sra. Zaragosa me manda ir para longe, atrás da escrivaninha. Fico sem graça, mas me sinto inacreditavelmente grata.

— Você precisa denunciar esse garoto — ela diz olhando bem nos meus olhos. — Posso orientá-la como denunciá-lo.

— Não — respondo. — Não, sério, estou bem.

O sinal toca, e bem depressa escapo da biblioteca para seguir a caminho da minha próxima aula. Adriano me segue.

— Menino — digo —, você quase se meteu em encrenca.

— Como?

— Eles queriam que eu te denunciasses, mas...

Ele desaparece entre um grupo de amigos.

Tenho a sensação de que Adriano não irá me convidar tão cedo para sair.

Eu me sinto muito aliviada.

Quinta-feira, 19 de abril

Passo pela minha velha mesa no refeitório para dar um oi à galera.

— Traidora, agora você volta — Francisco sussurra.

— Na verdade, você podia compará-la com Benedict Arnold, aquele general vira-casaca da Guerra da Independência — completa Maria, que está estudando história norte-americana.

Kenzie joga suas coisas sobre a mesa e olha para mim.

— Maya não é uma traidora. Ela só está... *experimentando*. — Kenzie cobre a boca. — Ah, isso soou errado! Vocês sabem o que eu quero dizer. Meu cérebro não está funcionando direito hoje. Meus pensamentos estão todos zoados.

Dou um tapinha no ombro dela e vou até a ponta de uma mesa não muito longe da nossa. Eu já tinha coberto quase todos os alvos fáceis: os Párias Sociais, os Geeks do Coral, os Nerds de Biblioteca e os Geeks de Computador. Agora é hora de atacar um alvo mais difícil: uma mesa só de meninos formada pelos Geeks de Banda e membros da Galera Rica.

Quando eu me aproximo, todos mais que depressa se afastam de mim. Quando tento começar uma conversa, o grupo não fala nem uma única palavra em inglês. A única informação que consigo tirar deles são seus nomes e mesmo assim isso leva uma eternidade.

Mais tarde, Kenzie me diz que sou corajosa (e louca) para fazer aquilo. Ela morre de medo das pessoas com quem me sentei. Ela os chama de *gangsters* e *cholos*, um termo em espanhol bem pejorativo que significa alguma coisa como “mestiço”, e se recusa a chegar perto deles.

Mas essa galera não é má. Ela é só um pouquinho incompreendida.

Sábado, 21 de abril

Meu pai me tira da cama cedo esta manhã dizendo que quer me mostrar alguma coisa legal no computador. Ele diz que é importante. Sussurro coisas e resmungo, mas consigo descer até o andar de baixo mesmo sem enxergar direito. O que pode ser mais importante num sábado de manhã do que dormir?

Meu pai me faz sentar perto do computador e entra na página do Facebook de uma mulher que não me parece familiar. Ela é muito bonita e também há fotos da sua família. Por fim, ele abre uma foto em preto e branco com a legenda: “Mãe e eu”. A fotografia mostra uma criancinha adorável que abraça a elegante mãe.

— Maya, com quem ela se parece? — Meu pai aponta a mulher.

Olho mais de perto. Ela tem um penteado clássico, usa batom escuro e... um colar de pérolas.

Solto um grito de doer os ouvidos.

— BETTY!

* * *

Domingo, 22 de abril

Cara sra. Fadem,

Meu nome é Maya Van Wagenen. Moro no Texas. Sua mãe, Betty Cornell, mudou minha vida.

Sei que isso soa estranho, mas deixe-me explicar. Anos atrás, meu pai comprou uma cópia do *Guia de popularidade para adolescentes* de Betty Cornell num sebo. No verão passado, o exemplar foi redescoberto quando limpamos um armário. Dei uma folheada, achando algumas das sugestões bem extravagantes. Só que minha mãe teve uma ideia brilhante. Sempre sofri para ter uma vida social, sobretudo durante meus primeiros anos no ensino fundamental. Nunca me considerei nem remotamente popular. Minha mãe ficou pensando que os conselhos de Betty escritos há mais de cinquenta anos poderiam me ajudar. Ela sugeriu que eu desse uma chance a eles no meu oitavo ano.

Nos últimos meses, usei cintas, saias, meias-calças e colares de pérolas numa escola de ensino fundamental repleta de gangues, adolescentes grávidas e prisões constantes por causa de drogas. E os efeitos foram notáveis. Toda essa coisa mudou o jeito como encaro as pessoas e a vida em geral, o que me ajudou a crescer, fez-me rir, chorar e querer vomitar, tudo ao mesmo tempo.

Estive procurando pela sua mãe, orando para que ela ainda esteja viva e com saúde. Após procurar num banco de dados e registros históricos, meu pai a achou. Meu sonho é entrar em contato com a sua mãe e contar o que ela representa para mim. Espero que a senhora considere meu sincero pedido de ajuda.

Cordialmente,

Maya Van Wagenen

Acrescento nosso número de telefone, hesito por um momento, mas clico em “enviar” e observo a imagem desaparecer. Abraço os joelhos. Meu coração bate acelerado no peito. A família da Betty está apenas a um e-mail de distância.

Em dez minutos, o telefone toca. Minha mãe atende. Os olhos dela se arregalam e o queixo cai. Ela passa o fone para mim.

— Alô. — A voz da mulher do outro lado da linha possui um leve sotaque da Costa Leste, o que torna as palavras mais macias na

sílaba final de cada uma delas. — É a Maya?

— Sim. — respondo e sinto a cabeça rodar.

— Aqui é a sra. Fadem, Betty Cornell é mesmo minha mãe.

Segunda-feira, 23 de abril

Durante o almoço, o garoto do outro lado da mesa está enfurecido.

— Olha só, não dou a mínima para quem você pensa que é, mas esta é uma mesa de garotos.

— Vou me sentar no lugar que eu quiser, obrigada. Afinal de contas, este é um país livre — rebato, olhando bem nos olhos castanhos do menino. Eu me recuso a ouvir qualquer abobrinha que venha dele. Endireito minha postura, tiro meu purê de maçã de dentro do saco de papel.

Estou na mesa mais lotada da escola, onde a metade menos popular da Facção do Futebol se reúne: é também uma área geral frequentada por todos os outros caras. Apesar de estar nervosa, não vou baixar a guarda. Afinal, só alguns dias me separam de ter que encarar Carlos Sanchez e as pessoas mais populares da escola.

Quando as coisas vão mal, você não deve recuar e sim atacar. Só que você precisa arquitetar seu plano de uma forma especial, em vez de esmurrar a primeira pessoa que surgir à sua frente (...). Para seu ataque, você deve canalizar seu desprazer para um determinado objetivo.

— Cala a boca, David. Deixe a menina em paz. Ela pode fazer aquilo que bem entender.

Balanço a cabeça, agradecida, para o cara que me defendeu. Decido começar por ele.

— E então, o que você achou da prova? — pergunto.

Estamos no meio da semana de provas. Hoje foi a de história. A não ser por algumas poucas questões obscuras, acho que consegui tirar uma boa nota. Esta manhã, a Kenzie e eu nos acabamos de

tanto estudar no refeitório, já que não podemos frequentar a biblioteca durante a época de provas. Ficamos uma do lado da outra inventando músicas que nos ajudassem a decorar a Declaração dos Direitos do Cidadão.

— Tenho certeza que vou tomar bomba. — ele diz.

— Oh!

Tento puxar alguma conversa, mas eles me ignoram. Começam um jogo que consiste em adivinhar os cheiros nos arrotos uns dos outros.

Por fim, pergunto àquele primeiro cara, David, qual é o sobrenome dele.

— Por quê? — Ele parece entrar em pânico. — Você vai me denunciar?

Reviro os olhos.

— Como se eu *realmente* me aproximasse das pessoas só para poder denunciar quem eu não gosto?

Ele olha para mim por tanto tempo que começa até a ficar vesgo.

— Eu estava sendo sarcástica — deixo escapar. — É uma brincadeira!

— Não saquei — diz ele.

O garoto atrás de mim zoa David.

— Olha só, mané, ela não gosta de você porque você é burro.

— Eu jamais disse isso — corrijo, mas é impossível ser ouvida. Eles decidem enfiar o dedo na comida das pessoas e tentam peidar.

Depois de cerca de dez minutos, Gabriel, um garoto da minha turma de programas de saúde, olha para mim.

— E então — ele diz —, você está curtindo isso aqui?

— A mesa? Bem, não foi a reação mais positiva que já tive.

Ele olha para baixo.

— Tento ser legal com as pessoas — explico —, mas às vezes elas simplesmente não querem entender isso.

Ele ergue a cabeça e me olha bem nos olhos.

— Sinto muito. Você não devia dar ouvidos ao que as pessoas falam.

Abro um sorriso sincero.

— Obrigada.

Dica de popularidade da Maya

Nem todos estão prontos para aceitar umam menina que se senta, sozinha, à mesa com os garotos. Reconheça e aceite esse fato, entendendo que você pode ver (e cheirar) muito mais coisas do que gostaria.

Quinta-feira, 26 de abril

Hoje sentei ao lado de dois membros da Facção do Futebol e de algumas Garotas do Vôlei. Eles decidiram ignorar completamente minha existência. Peço licença e vou atrás da Kenzie em busca de um conselho.

No caminho, Gabriel, que está em outra mesa, grita para mim:

— Maya, você não vai se sentar com a gente?

— Já combinei com outra galera hoje. — Abro um sorriso sem me dar conta. — Mas não se preocupe, voltarei logo.

Ele me lança aquele olhar engraçado que sempre surge no rosto das pessoas que estão ao meu redor. Eu queria poder descobrir o que isso significa.

Vou até nossa velha mesa e vejo que falta alguém.

— Francisco, cadê a Kenzie?

Ele fica inquieto e desvia os olhos dos meus.

— Ela senta com a Marissa agora. Sinto muito.

Eu me viro para ver um banco lotado de onde se pode ouvir um monte de risadas. A voz da Kenzie é, como sempre, mais alta que as outras. Por alguma razão, isso me deixa triste. Olho para o chão e

solto um suspiro, só então me dando conta de como meus amigos devem ter se sentido quando eu me afastei.

Assim, volto para a experiência social que se tornou minha vida.

Passo por uma mesa onde me sentei há algumas semanas. Uma garota (uma Geek de Banda) agarra meu braço. Logo de imediato o nome dela surge na minha mente — Lily.

— Maya, você pode se sentar com a gente. Aquelas pessoas com as quais você está à mesa são más.

Fico incredivelmente comovida, mas, mesmo assim, coloquei na minha cabeça que não serei ignorada.

— Muito obrigada, mas hoje eu não posso. Outro dia, talvez?

Ela concorda com um movimento de cabeça retomando uma conversa sobre uma viagem da banda.

Eu me sento novamente com os semipopulares, mas, não importa o quanto eu tente, eles ignoram minha presença. No entanto, não deixo isso me derrubar. Acho que simplesmente não estão dispostos a me dar uma chance.

O sinal toca, e caminho até a porta do refeitório. Todos me empurram contra o vidro. Já tenho quase certeza de que vou ser esmagada, quando Gabriel, com quem me sentei na segunda-feira, e tem 1,90 metro, estica um dos braços e segura a porta para mim. Eu sorrio e digo obrigada.

Irei adicioná-lo à crescente lista de pessoas agora consideradas minhas amigas.

* * *

Quinta-feira, 15h46. Hoje, vou falar com a Betty.

O telefone toca e corro para atender, com o coração acelerado. E se ela não gostar de mim? E se eu falar alguma coisa errada?

— Alô?

— Oi, Maya. Aqui é a sra. Fadem. Vou colocar minha mãe na linha para vocês conversarem. Tudo bem se eu ouvir o papo?

— Claro, não tem o menor problema — eu respondo.

Há uma pausa e então ouço a voz de uma mulher mais velha.

— Alô?

— Oi, aqui é a Maya.

— Olá, aqui é a Betty Cornell. Achei o que você fez simplesmente maravilhoso e estou muito orgulhosa. Então me fale um pouco sobre você e o que achou do meu livro.

Hesito por um momento, mas logo começo:

— Neste último ano, tentei seguir as sugestões do seu livro. Acho que funcionaram de verdade.

Conto a elas os destaques positivos de cada capítulo. Tenho certeza absoluta de que minha etiqueta telefônica é uma porcaria, porque eu digo “hum”, “exatamente” e “tipo” um monte de vezes.

Dica de popularidade da Maya

Quando você finalmente conseguir falar com o professor da sua vida, seu mentor ou guru pela primeira vez, tente causar uma boa impressão e se contenha para não gritar de felicidade.

Evito contar a ela as coisas ruins que aconteceram: ser xingada, humilhada e zoada, além de não tocar no assunto “cinta”. Em vez disso, falo sobre as pérolas.

— Você não ama pérolas? — ela pergunta. — Elas ficam ótimas em qualquer mulher. Vamos, me conte mais!

Conto a Betty que estou sentando em mesas diferentes durante o almoço.

— Que oportunidade incrível para conhecer gente nova! Não foi uma ótima experiência? Você fez novos amigos?

Penso no que passei hoje.

— Sabe, pela primeira vez, sinto que as pessoas estão me procurando.

— Ah, isso é maravilhoso! E então, qual será seu próximo passo?

— No próximo mês, vou ao baile do oitavo ano. Você tem algum conselho?

— É um baile formal? — ela me pergunta.

— É mais... semiformal.

— Tudo bem, então não exagere na vestimenta. Nem use maquiagem demais. Esse é o problema. As meninas tentam usar penteados e roupas estranhas com os quais não sabem lidar. E que não tem nada a ver com elas. Vamos ver, qual é sua cor preferida?

— Azul — respondo.

— Então você deve comprar um bom vestido azul.

Sorrio. A voz dela soa exatamente como eu imaginava: gentil e verdadeira. Descrevo minha família, deixando de lado o autismo da Nat e toda a nossa esquisitice. Ela escuta entusiasmada.

— É impossível dizer o quanto estou grata por você ter escrito esse livro. Apesar de já ter passado tanto tempo, ele ainda é verdadeiro. Ainda funciona. Mudou minha vida. De repente, sou capaz de fazer amigos.

— Você me fez ganhar o dia. Mais do que isso... você me fez ganhar o mês, o ano, *tudo!*

Estou no topo do mundo.

A partir de agora, não vou apenas seguir os conselhos de Betty que estão no livro, mas também vou ter pérolas de sabedoria saídas da boca da sra. Cornell em pessoa.

Sexta-feira, 27 abril

Hoje é o dia. Tenho me preparado para este momento durante todo o mês. Durante todo o ano, na verdade. Hoje vou sentar com os

esportistas, as pessoas mais populares da nossa escola: a estirpe mais alta das Garotas do Vôlei e da Facção do Futebol, todos reunidos numa única mesa.

E lá vamos nós.

O sinal toca anunciando a hora do almoço e aos poucos me levanto da carteira e arrasto os pés pelo corredor até o refeitório. Posso ouvir o sangue pulsar dentro do crânio. Meus dedos tremem enquanto tento me lembrar de tudo que aprendi, o que é realmente importante quando se faz amigos.

Eu me sento diante de uma Garota do Vôlei.

— Ei, Maya, e aí? — ela me pergunta enquanto masca seu chiclete rosa fluorescente.

— Oi, Cristine. Posso sentar aqui hoje?

— Acho que sim.

— Obrigada.

Carlos Sanchez se aproxima aos tropeções com seu amigo Pablo, cantando “The lion sleeps tonight”. Maus presságios. Quem olha de longe, deve achar que os dois estão bêbados, mas já que eles estão fazendo isso desde a terceira aula, não fico nada surpresa.

Ele me vê de relance. Eu congelo e me obrigo a sorrir, apesar de achar que estou prestes a vomitar.

— Qual é, Maya? — Ele volta a cantar a música e depois dá um pulo para trás. — Caraca! Desde quando *você* senta com *a gente*?

Tento fazer com que minha voz pare de tremer.

— Tenho sentado com um monte de gente — digo, apontando as mesas ao nosso redor. O grupo parece impressionado.

Um cara do futebol sentando na ponta da mesa se inclina para me ver:

— Por quê?

Relaxo um pouco.

— Porque é divertido. De qualquer forma, vou me mudar para a Georgia e...

— O QUÊ? VOCÊ VAI SE MUDAR?! — Carlos Sanchez berra alto o suficiente para que todo o refeitório escute.

— Meu pai arrumou um emprego numa universidade de lá.

— Mas você faz nossa escola parecer mais descolada e todas essas paradas. E agora vamos parecer só um bando de idiotas!

Carlos Sanchez também vai sentir saudade de mim! Por acaso estou sonhando?

Alguns meninos começam uma briga para ver quem vai sentir mais saudade de mim.

— Não. Eu quero me sentar perto da Maya.

— Tarde demais. Cheguei primeiro!

Estou nas nuvens. Sério, estou nas nuvens. Minha cabeça só pode estar a uns quinze metros de altitude.

Uma menina da mesa dos Geeks do Coral ali perto ouve a comoção, olha para a gente e me vê na mesa mais popular da escola. Ela arregala os olhos e cutuca uma de suas amigas. As duas estão pasmas. Leio os lábios de uma delas: "Que diabos está acontecendo?!".

Eu sorrio. Logo todas as meninas do coral estão olhando para mim.

Eu me sinto como uma princesa num carro alegórico. Tudo que faço é sorrir e acenar. Toda a Mesa Popular fala comigo, chegando até mesmo a competir pela minha atenção.

Quando o sinal toca após outro almoço bem-sucedido, eu me levanto. Um dos membros da Facção do Futebol se inclina na minha direção e diz:

— Não se sente à mesa dos gangsters. Eles são sinistros.

Fico chocada com essa recomendação.

— Já me sentei com eles. Na verdade, os meninos são legais. Só não falam muito inglês.

Ele balança a cabeça e some. Quando chego ao corredor, todas as garotas do coral me cercam.

— O que você estava fazendo? — elas me perguntam.

— Eu me sento com todo mundo. Eles não foram tão ruins.

— Mas os atletas são assustadores!

— Maya, você é incrível!

— Você é tão corajosa!

— Você tem mesmo colhões, cara.

Uau, quero dizer... uau! Nunca fui considerada corajosa, nem audaciosa. Agora, eu “tenho mesmo colhões”.

Eu praticamente flutuo pelo corredor até minha próxima aula, mas uma dúvida me traz de volta à realidade: por que todo mundo tem tanto medo um do outro?

* * *

Ainda me sinto fora do ar pelo que aconteceu no refeitório mais cedo. Provavelmente estou resplandecente quando chego à festa americana do pessoal da igreja. Sento ao lado do Ethan, que está sozinho.

— Olá — eu puxo assunto.

— E aí? — ele sussurra, sem olhar para mim.

— Você é contra ser social? — brinco.

— Sou — ele comenta, sarcástico. Eu rio.

Converso um pouco com ele sobre meu dia e pergunto como foi o dele. Ele olha para mim, estabelece um contato visual e todo o resto.

— Eu sou imaturo?

— O quê? — pergunto, desconcertada.

— Sério. Eu sou imaturo? Uma garota me disse isso hoje e nunca tinham me zoadado antes. E então, eu sou?

Solto uma gargalhada.

— Nunca tinham zoadado você antes?

— Não.

Fico em silêncio por um momento.

— Então, acho que algumas experiências humilhantes acabam levando a outras melhores. Isso, ou ela gosta de você. — Eu sorrio e ele fica vermelho. — Quero dizer, é óbvio que não consegue tirar essa menina da cabeça. É claro que você pode ser imaturo, assim como qualquer outra pessoa. Acho que faz bem passar por uma experiência como essa antes de chegar ao ensino médio. O ensino fundamental deve ser uma época de crescimento, em que nos damos conta de que não somos as únicas pessoas na face da Terra. Às vezes, é difícil perceber isso até que alguém chega e faz com que você reflita sobre quem realmente é.

— Ah. Pensei que todo mundo me respeitava porque tenho uma namorada.

Respiro fundo e consigo liberar a tensão.

E, simples assim, percebo que aquilo não dói. Não estou mais a fim dele. Estou livre para me conectar com alguém e com todas as pessoas. Estou livre para dar um conselho sincero, do fundo do meu coração.

Que glória! Estou livre!

— Bem, talvez você deva pensar mais em se reinventar — digo.
— Eu fiz isso.

— Eu sei. A galera da minha escola fala de você o tempo inteiro. Todo mundo sabe seu nome. Bem, eles chamam você de Maya Van Woogen — ele ri. — E eles dizem coisas cruéis, na verdade: que você se veste como uma avó e fala com gente que não conhece. No fim das contas, você acabou ficando bem maluca.

Ethan estuda numa escola particular elitista há quilômetros do meu colégio. Não tenho certeza sobre como devo encarar sua declaração. Há quatro meses, as palavras dele teriam acabado comigo; mas, agora, estou mais intrigada que ferida. Todos sabem meu nome.

Segunda-feira, 30 de abril

E lá vou eu de novo.

O refeitório.

Foi aqui que meu mês começou e é aqui que decidi terminá-lo. Vou até minha mesa, a dos Párias Sociais, e me sento.

Betty Cornell diz que "sua primeira dança é reservada para seu par, assim como a última". Comecei com meu grupo e pretendo terminar com ele. É quase como se tudo tivesse voltado ao normal. Mas não totalmente. Há algumas diferenças bastante emblemáticas:

- Kenzie agora se senta em outra mesa, com uma nova amiga. Acho que isso é bom, mas dói. Ela e eu continuamos sentando juntas no ônibus da escola, assim ainda existe alguma coisa que compartilhamos.
- Adriano decididamente evita olhar para mim. Um membro da Facção do Futebol me chama para sair e agora ele nem fala comigo, mas eu não ligo.
- Conheço muito mais gente. Pessoas com quem eu jamais teria falado se não fosse por essa experiência. É como se eu tivesse um ímã dentro de mim que me atrai para a humanidade. É um amor que jamais pensei poder sentir pelos outros alunos da minha escola.

Mas há uma mudança que me faz baixar a guarda mais do que qualquer outra. Vejo uma garota dar um puxão na manga da camisa do namorado. Ele está com os amigos numa mesa que só tem garotos, mas ela quer sentar ao lado dele, o que é comum, mas dessa vez bate em mim de um jeito diferente.

O namorado recusa a companhia dela, e eu observo enquanto ela solta um suspiro determinado e coloca sua bandeja entre os garotos e se senta com eles.

Os meninos olham para ela de um jeito engraçado durante um momento, mas no fim simplesmente balançam a cabeça e baixam os olhos. Um deles olha de relance para mim.

De repente, tenho a mais estranha das sensações. O que eu fiz causou uma grande diferença que se reflete nos menores atos. Eu abri portas. Mudei o que era socialmente aceitável, mesmo que só um pouquinho.

Nunca me senti tão poderosa.

Maio

Isto é um encontro & Como ser anfitriã

Cá estamos nós: o último mês desse experimento social que acabou acontecendo só por causa de um livro escrito há sessenta anos e largado no fundo de um armário.

Mudei como pessoa. Hoje, enquanto caminhava pelo corredor, percebi que as pessoas me olhavam como se eu fosse um ser humano de verdade, até mesmo uma amiga. Só que a maior diferença é a forma como eu os vejo. Não tenho medo de mais ninguém. Pela primeira vez na vida me sinto feliz e segura na escola.

Só que não acabou ainda. Restam dois capítulos a serem descobertos nas páginas manchadas do livro da Betty: “Isto é um encontro” e “Como ser anfitriã”. Que maneira de terminar o ano letivo seria melhor que as duas tarefas mais difíceis do livro?

Já que estamos falando sobre encontros, vamos tratar do histórico de meninos de quem já estive a fim.

O primeiro menino de quem gostei foi o Tyler, meu vizinho na época em que meu pai ainda estava na faculdade. Todos os dias, a gente ia andando juntos para a escola, onde cursávamos o primeiro ano.

Um dia, ele me convidou para um jogo de tabuleiro no porão de sua casa.

— Você é minha amiga, não é? — ele me perguntou.

— Sou.

— Bem, não quero mais que seja minha amiga. O único jeito de eu voltar a falar com você é se eu ganhar um beijo.

Eu não queria tomar nenhuma decisão precipitada, por isso voltei para casa e contei aos meus pais. Daquele dia em diante, Tyler criou um medo irracional (ou talvez bem racional) do meu pai. Às vezes, eu jogava uma bola de basquete no outro lado do muro só para ele

jogá-la de volta para mim. Essa paixão durou até o terceiro ano, quando ele se mudou.

O próximo carinho foi o Blake. Ele era o garoto mais inteligente da turma e resolvia exercícios de matemática avançada enquanto eu ainda aprendia a tabuada. Eu sonhava com o Blake até ele começar a se gabar para todo mundo por ser “muito mais esperto” que as outras pessoas. Mesmo naquela época, eu não achei aquilo nada atraente.

E depois veio o Jason. Ele era apaixonado pela Vanessa, a menina que foi meu primeiro contato com a verdadeira popularidade. Jason era o garoto mais desejado do nosso ano. Tinha o maior sorriso, cabelo castanho ondulado e era sempre o primeiro a ser escolhido em todos os esportes. Falei com ele pela última vez antes de nos mudarmos para Brownsville, quando lhe contei que estava partindo para sempre. Ele deu de ombros e disse:

— Tchau, Mia.

Ele quase se lembrou do meu nome. Fiquei tão feliz!

Minha mais recente e longa paixão foi, claro, o Ethan.

Sempre imaginei como seria gostar de uma pessoa que também gosta de você na mesma medida, o que nunca aconteceu comigo (a não ser pelo beijoqueiro-feliz do Tyler, que não conta). Mas neste mês a escola vai realizar o baile do oitavo ano e minha meta é ir. Com um garoto. E não apenas qualquer garoto, mas alguém legal. Não um Adriano da vida.

E se tudo der certo e eu conseguir cumprir a tarefa, vou passar para o capítulo: “Como ser anfitriã”. Nunca dei uma festa, mas já que iremos nos mudar em breve, parece algo apropriado.

Responsabilidade é o segredo do sucesso de qualquer anfitriã. Com isso quero dizer pensar à frente e planejar. Uma festa não se organiza sozinha. Precisa ter comida, bebida e algum tipo de esquema geral. E precisa ter gente.

Vou usar os cinquenta dólares, que ganhei no meu mês das finanças, junto com algum outro dinheiro que vou economizar para fazer a festa. Posso preparar a comida, providenciar a bebida e também posso criar um esquema. Talvez, e apenas talvez, eu também consiga arrumar as pessoas.

Quarta-feira, 2 de maio

Hoje, a professora me colocou do lado de um garoto tímido na aula de álgebra. O nome dele é Nicolas. Ele é do tipo que parece um Clark Kent bastante desajeitado: grandes óculos quadrados, cabelo preto e belos olhos castanhos.

Sorrio para ele quando largo minha mochila no chão e me sento. Nicolas ergue os cantos da boca e começa a conversar com um amigo. Sua voz é bem baixa e ele sempre parece levemente surpreso quando está falando.

Quando saímos da sala ao final da aula, ele faz algo que poucos caras ainda costumam fazer: abre a porta para eu passar na frente dele.

E lá está aquela sensação de novo. O borbulhar efervescente de uma paixão que surge na superfície. Vou para a segunda aula me sentindo nas nuvens.

Isto é, até eu quase esbarrar num casal que está dando uns amassos.

Ninguém quer ir ao cinema e ter que observar o comportamento exagerado do casal apaixonado na fila da frente. Ninguém quer sair para jantar e comer um hambúrguer temperado com a conduta inapropriada de um casal de jovens num momento de romance. No instante em que você vai além de andar de mãos dadas em público, você já foi longe demais. Abraços e beijos exibidos para todo mundo ver são considerados de mau gosto.

Eu rio. Ah, Betty, se você simplesmente soubesse o que o futuro reservaria...

Quinta-feira, 3 de maio

— Tudo bem, meninos e meninas! Bem-vindos aos nosso primeiro dia de educação sexual. Hoje iremos estudar os sistemas reprodutivos: o feminino e o masculino. Não quero que ninguém fique tímido ao ouvir os termos anatomicamente adequados. Em seguida, assistiremos a um vídeo sobre DSTs. Confiem em mim, vocês nunca mais serão os mesmos.

Kenzie e eu trocamos olhares. Por meses, a sra. Welch tem mencionado sexo, mas sempre acaba dando um jeito de interromper o assunto com desenhos da pirâmide alimentar e discussões aclamadas sobre maconha. Só que não vai mais ser assim. Rezávamos em silêncio para que esse dia jamais chegasse e, apesar disso, lá está ela. A verdadeira educação sexual com a sra. Welch.

Ela convoca um aluno para entregar desenhos das genitálias: masculina e feminina.

— Escrevam os nomes do que vocês já conhecem bem e pulem o resto.

Consigo nomear toda a anatomia feminina com facilidade, mas não faço a menor ideia da *outra*.

— Professora, o que é o número doze? — pergunta um menino lá no fundo.

— Sério que você não sabe onde ficam seus testículos? — pergunta a sra. Welch, dando uma risadinha.

Escondo o rosto. Até eu tinha matado essa.

A sra. Welch prossegue com a aula e aperta o play no controle remoto.

Não vou descrever o que acontece nos vinte minutos seguintes. Vou, entretanto, contar que o filme foi rodado na década de 1980.

Os penteados são pavorosos, as informações sobre a AIDS são incorretas e a música de fundo é terrível. A letra era mais ou menos assim:

Abstinência significa amor e confiança.

Abstinência, com as DSTs, é segurança.

Por que todo mundo espera que eu cresça tão depressa?

Por que eu sou o único que acha relações duradoras legais à beça?

A sra. Welch desliga a TV.

— E então, classe, vocês viram o pus e a infecção? E as verrugas genitais? É isso o que acontece. Não façam sexo. E aí, quem quer me pagar um almoço?

Eu me inclino na direção da Kenzie, que cobriu os olhos com o moletom.

— Kenzie, acho que vou para um convento.

— Divirta-se, futura freira.

Sexta-feira, 4 de maio

Quando acordei e olhei o calendário, não pensei no baile, nem na festa, garotos, ou no fato de eu ter que encarar outra aula de educação sexual.

Minha irmã completaria oito anos hoje.

Dar-me conta disso foi como levar um soco no estômago, engasgar e segurar as lágrimas. Minha irmãzinha, Ariana, estaria dançando pela casa, querendo presentes e bolo. Todo ano eu espero que essa data deixe de me causar dor.

Aos poucos, percebo que nunca deixará de doer.

Para mim, os aniversários da Ariana doem mais que a data da morte dela. Aniversários me fazem lembrar tudo que jamais será.

Segunda-feira, 7 de maio

Cara sra. Cornell,

Fiquei muito empolgada por ter conversado com a senhora pelo telefone. Durante todo o último ano, tenho sonhado em ouvir sua opinião sobre o que estou fazendo.

No último mês, o tema — “atitude popular” — mostrou-se definitivamente um sucesso. Nunca me obriguei a fazer uma coisa tão difícil quanto falar com estranhos. Sempre me foi impossível fazer amigos e entrar em algum grupo. Agora, conheço e falo com mais pessoas do que eu achava ser possível. Aprendi que um monte de gente tem medo de dar o primeiro passo numa conversa. Muitas delas estão simplesmente esperando que você fale antes. E muitas delas possuem histórias e personalidades maravilhosas.

Amei seus conselhos para este mês. Depois de muita consideração, decidi dar uma festa. Que coisas preciso preparar? A senhora conhece alguns jogos divertidos ou tem alguma ideia? O que a senhora gostava de fazer quando ia a festas casuais? Eu também adoraria saber mais sobre sua vida no ensino fundamental. Como a senhora era no oitavo ano?

Sua amiga,
Maya Van Wagenen

P.S.: Muito obrigada pelas fotos dos seus trabalhos como modelo que a senhora me enviou! São muito bonitas, e fiquei muito empolgada por tê-las recebido pelo correio! A senhora possui mesmo um dom: seus olhos e sua expressão são resplandecentes! Dá para ver que a senhora amava o que fazia. Assim que chegarmos à nossa nova casa na Georgia neste verão, vou emoldurar as fotos para pendurá-las na parede do meu quarto!

Terça-feira, 8 de maio

Nesta noite a escola vai realizar uma cerimônia para a entrega de um prêmio aos alunos que tiraram só nota dez ou não tiveram faltas durante o ano escolar. Eu me maquie no carro e tento tirar as bolinhas que estão grudadas na minha calça. Minha mãe, o Brodie e a Natalia escolhem lugares no fundo do auditório. Meu pai tem que dar aula, por isso não poderá ir.

Na primeira fileira, os alunos do oitavo ano possuem uma seção reservada. Sento-me ao lado de uma das Garotas do Vôlei menos populares. Ela me encara.

Eu me mexo, incomodada com o olhar dela. Decido dizer “oi” e começamos a conversar.

— Sabe — ela confessa —, nunca tive respeito por você, até que a vi sentada no meio daqueles garotos que não paravam de zoar. Você é incrível. E parecia tão calma.

— Obrigada.

Ela sorri para mim — um sincero sorriso que comunica: “aceito sua existência como ser humano”.

Esse é o sentimento mais bonito.

Eu me viro para ver minha mãe e acabo tendo uma surpresa: meu pai também está aqui. Ele acena para mim. Meu pai correu até a escola entre suas aulas só para me ver. Eu me sinto incrivelmente emocionada.

Quando a cerimônia termina, falo com o Dante e corro para dar um grande abraço na Kenzie. Ironicamente, somos as únicas meninas usando calças. Grandes mentes pensam de forma parecida.

Não acredito que o ano letivo esteja quase acabando. Mas ainda há muito a ser feito. Estou quase lá, Betty!

Quarta-feira, 9 de maio

Popular.

A definição sempre foi algo meio confuso na minha cabeça. Eu sabia o que esta palavra não significava. Não significava ser a última escolhida. Não significava ter as pessoas sempre rindo da sua cara e não ter ninguém que se sente com você na hora do almoço. Não significava estar sozinha. Só que definições não são mais suficientes. Preciso de opiniões reais — será que estou mesmo me tornando popular graças a Betty? É hora de começar a perguntar aos meus

colegas o que a popularidade significa para eles. Começo com Gabriel (o cara alto que me salvou de ser esmagada) e sua mesa só de meninos. Diga-se de passagem, eles têm sido mais gentis comigo ultimamente.

— Oi, galera — trinei como um passarinho.

— Você de novo! — diz Sergio inclinando-se para me dar um *high five*.

— Isso aí.

Gabriel sorri. Sento-me diante dele e tiro meu almoço da mochila.

Mais que depressa, Luis, um dos garotos, se afasta de mim o máximo que consegue.

— Qual é seu problema? — Gabriel quer saber. — Você está com medo de uma menina?

— É... Bem, eu, tipo assim, nunca sei o que dizer quando tem, tipo, representantes do sexo feminino por perto, então eu meio que, tipo, fico nervoso e, é, então chego até a ficar com alergia. — Ele dá de ombros e olha para mim. — Desculpe.

— Bom saber — digo.

Eles conversam sobre namoradas, games e filmes. Por fim, reúno coragem suficiente para perguntar:

— Gabriel, estou fazendo um relatório sobre popularidade. O que isso significa para você?

Uma ruga surge na sobrancelha dele.

— Nada, eu acho.

— Como assim, nada?

— Nada. No fundo, todas as pessoas são iguais.

Escrevo o que ele disse num caderno e desenho uma estrela ao lado.

Muito interessante.

— Então quem você acha que são as pessoas mais populares na nossa escola?

Luís faz um gesto em direção à mesa de Carlos Sanchez.

— Tipo, os esportistas. Mas, bem, eles são um bando de babacas.

— Eu me sentei com eles na semana passada — informo, casual.

— Eles foram legais comigo.

Ele fica de queixo caído.

— Você se sentou com eles? Sério? Sobre o que eles conversam?

Os outros garotos se inclinam para a frente para ouvir.

— Sobre as mesmas coisas que vocês.

— Sem chance!

— Isso é impossível.

— Você pirou!

— É verdade — digo. — Vocês deveriam tentar sentar com essa galera algum dia.

Eles riem.

Quinta-feira, 10 de maio

Fico até mais tarde na escola para o ensaio do coral. Estamos aprendendo algumas coreografias para nossa próxima apresentação. Fazemos uma pausa e vou sentar perto de Eva, do sétimo ano, uma das amigas que fiz durante a viagem.

— Oi, Maya, vou fazer uma rima com seu nome!

— Tudo bem — concordo, rindo.

Ela torce o nariz.

— Bem... Lá vai Maya Van Wagenen... Que é do bem... Rindo como ninguém!

Solto uma gargalhada e a sra. Charles, a diretora do coral, pega um microfone.

— Quem vai participar do teste para o solo da próxima música?

Eva pega uma das minhas mãos e a ergue.

— A Maya!

Sinto meu rosto ficar vermelho. Não sou tímida para cantar, porém, definitivamente, tenho mais o que costumam chamar de voz de grupo.

— Eva, se eu fizer o teste você vai ficar feliz? — pergunto.

— Vou. — Ela coloca o microfone nas minhas mãos trêmulas.

Canto o verso, e a sra. Charles dá de ombros.

— Vou dar o solo para você porque é seu último ano aqui.

— PARABÉNS! — Eva grita. Eu fico roxa de vergonha.

O relógio marca quatro horas, e a sra. Charles nos manda ir para casa e descansar nossas vozes. A apresentação será na terça-feira e ela quer que todas nós estejamos saudáveis.

Penduro minha mochila num dos ombros. É uma visão muito triste. Somos obrigados a usar mochilas feitas de uma espécie de rede semitransparente para evitar que carreguemos armas e drogas. A rede sempre rasga, deixando buracos imensos no fundo. Essa é minha terceira mochila do ano. Meu kit de costura já está encaixotado, por isso tapei o rombo com um pedaço de uma colcha velha para que meus livros não caiam. As pessoas prendem o riso quando eu passo, mas não ligo. Acho que Betty me ensinou a rir de mim mesma.

Domingo, 13 de maio

Às sete da manhã, Natalia entra no meu quarto berrando:

— *Bip, bip, bip!*

Minha irmã: o despertador humano. Sento na cama e olho para ela, que abre o maior sorriso e diz:

— Tchau, Natalia! — Ela sai correndo e fecha a porta.

Pelo menos minha irmãzinha está ficando mais educada.

Essa manhã fiz dois convites para a festa que estou planejando (com uma forcinha da Betty) para este final de semana. Segundo a Betty: “Seja por telefone ou pelo correio, os convites devem ser feitos a todos que você deseja convidar”.

Gostaria que o Ethan e o Hector viessem, o que significa que preciso entregar os convites na igreja hoje. O cartão que eu preparei diz o seguinte:

BON VOYAGE!

Vou me mudar neste verão!
Você está convidado
para minha festa de despedida!
Das 18h às 21h

Na minha casa
Pizzas e bebidas serão servidas
RSVP

Na igreja, entrego um convite ao Hector, que fica contemplando o cartão por algum tempo.

— Vou dar uma festa no sábado — eu explico. — Você e o Ethan são os únicos meninos aqui da igreja que vou convidar. Seria ótimo se você pudesse ir.

— Não posso. Tenho uma viagem do coral.

— Oh! — Sinto o convite do Ethan queimando dentro do meu bolso, mas sei que não vou entregá-lo. Ethan desistirá de ir se souber que será o único convidado que não estuda na minha escola. Qual seria o sentido da presença dele na festa?

Hector pede desculpas e se afasta.

Segunda-feira, 14 de maio

Estou presa nessa armadilha chamada aula de programas de saúde mais uma vez ouvindo uma mulher de meia-idade que descreve uma relação sexual — algo que desejo poder apagar da minha memória. Fecho os olhos e tento fazer com que as paredes não me esmaguem. De repente, alguém bate à porta e tenho fé de que seja um anjo que veio me livrar deste horror.

— Bom dia, senhora. Estou aqui para checar possíveis portes de drogas.

— Por mim, tudo bem — diz a sra. Welch, abrindo um sorriso doce para o policial.

— Esvaziem seus bolsos e deixem os suéteres e as bolsas sobre as mesas onde possam ser vistos e facilmente manuseados — ele ordena.

O policial, criatura-misericordiosa-enviada-por-Deus, nos conduz para fora da sala até o corredor, onde um imenso cão farejador está à nossa espera. Indiferente, ele faz com que o cão caminhe ao longo da fila de alunos, observando cada um de nós com toda a atenção. Em seguida, ele leva o cachorro para dentro da sala.

Somos informados mais tarde de que dois alunos do meu ano foram presos hoje. Espero que não tenha sido ninguém que eu conheça.

* * *

Fico acordada até as onze da noite terminando o resto dos convites para a minha festa. Preciso admitir que não é a confecção dos convites que leva tempo, mas sim fechar a lista de convidados. Depois de tudo que aconteceu, é estranho não incluir todo mundo. Passo horas sentada refletindo sobre quem eu considero “mais importante”, e isso dói. Betty diz o seguinte sobre quem convidar:

Um ponto que precisa ser lembrado é: seja generosa. Não boicote amigos com quem você teve alguma rusga. Não mantenha na sua lista apenas o velho

círculo de sempre. Varie os convidados.

Setenta por cento da lista é composta por meninas do coral, mas também tem as Garotas Góticas Artistas, Nicolas (o menino da aula de álgebra de quem eu agora estou a fim e pretendo convidar para o baile), Carlos Sanchez, Kenzie, todos os Párias Sociais, Dante etc. Cada vez que acho que terminei, percebo que esqueci alguém. Fiz 27 convites, mas sou capaz de acrescentar mais dez convidados num piscar de olhos.

Por que as pessoas dão festas? Decidir quem vai e quem não vai é algo capaz de revirar nosso estômago e me sinto fisicamente doente. À luz de tudo que aprendi até agora, esse tipo de exclusividade simplesmente me passa a impressão de que... tudo isso é errado. Mas, apesar de eu não concordar muito, é uma coisa que tenho que me obrigar a fazer.

Terça-feira, 15 de maio

Vinte e sete convites estão escondidos na minha mochila. Não me sinto mais chateada. Em vez disso, decido aproveitar todos os momentos. Kenzie não pega o ônibus esta manhã, mas tudo bem. Estou empolgadíssima! Também me sinto ansiosa para tirar meu aparelho durante a consulta com o ortodontista mais tarde. Tudo finalmente está acontecendo! Eu me sinto invencível!

Vejo Catalina, do coral, encostada numa das paredes do corredor antes do início das aulas.

— E aí, Catalina? — eu a cumprimento. — Como você está?

— Bem, acho.

— Que ótimo. Olha, vou dar uma festa neste final de semana e iria amar se você fosse. — Entrego-lhe o convite.

Catalina abre o envelope e lê.

— Parece que vai ser mesmo muito divertido — ela diz. — Adoraria ir à sua festa de despedida, Maya, mas não posso.

— Por quê? — pergunto. Essa declaração realmente me pega de surpresa.

— Sabe a Allison, que também é do nosso coral? A festa de aniversário dela vai ser na mesma noite. — Ela devolve o convite. — Não posso ir à sua comemoração. Desculpe.

Começo a sentir um aperto no coração e me obrigo a fazer a próxima pergunta:

— Quem mais vai?

— *Todo mundo.* — Só que, mais que depressa, ela se dá conta do seu descuido: eu não tinha sido convidada. — Quero dizer, todo mundo menos... algumas pessoas.

— Está tudo bem, Catalina — sussurro. Ela dá uma desculpa e cai fora. Dou uma olhada na pilha de convites nas minhas mãos, a maioria deles destinada a meninas do coral, que vão todas para a festa da Allison. No envelope que está logo acima dos demais, escrito em letras bem grandes e esperançosas, leio um nome: *Allison.*

Olho para o outro lado, tentando não chorar.

Eu me arrasto pelo corredor, lutando para permanecer otimista. Nem tenho mais certeza se a festa vai mesmo acontecer, por isso passo a pensar no baile. Com o canto do olho, vejo Nicolas. Meu coração vai parar na garganta. Ele está conversando com uma bela Geek de Banda. Ele solta gargalhadas enquanto coloca seu moletom ao redor dos ombros da menina. Ela sorri e bate os cílios. Eles se abraçam e entram na sala juntos. As mãos de ambos seguem ao lado do corpo, quase se tocando.

Enfio os envelopes com raiva dentro da minha mochila de rede, com as pontas saindo pelos buracos da trama como as entranhas de um animal ferido.

Meu coração dói. Pensei que as coisas fossem ser diferentes. Acho que me enganei durante todo este tempo.

* * *

Depois de futucar minha boca com vários instrumentos diferentes, meu ortodontista determina que ainda terei que manter meu aparelho por mais cinco semanas. Só vou tirá-lo nas férias.

* * *

A apresentação do coral é esta noite.

Abraço os joelhos e imagino que sou outra pessoa, em outro lugar. Agora desejo nunca ter feito o teste para esse solo idiota. Quem estou querendo enganar? Com minha sorte, é bem provável que eu caia do palco.

As canções são apresentadas uma após a outra até que chega nossa vez de cantar a música de encerramento, "It's a beautiful day". Se isso não é irônico, o que mais pode ser? Lembro da maior parte da coreografia, mas quando chega minha vez de cantar, meus pés pesam como chumbo. Mesmo assim, dou um jeito de ir até o microfone. Ouço o aparelho de CD tocar minha introdução. Começo a cantar.

Tento parecer feliz e interessada pelo que sai da minha boca, mas minha língua está seca como couro.

Olho para o público. Meu pai filma a apresentação, a Natalia tapa as orelhas, o Brodie ostenta uma expressão vazia e minha mãe parece esperançosa.

Fecho os olhos e tento me focar na letra, mas eu me confundo e pulo uma frase. Sinto como se um tijolo caísse bem em cima do meu peito e é impossível respirar. Consigo me recompor rápido o suficiente para terminar a música, mas, para mim, o estrago já está feito.



Quando me engasguei no meu solo

Quando a apresentação termina, uma das minhas amigas do coral puxa um dos meus braços.

— Você foi superbem — ela solta uma risadinha de desdém. — Bom, pelo menos até ferrar tudo. Você fez uma cara tão idiota. Você acabou mesmo com a música!

— Obrigada, Claire... — Olho para o chão. Ouço algumas meninas ali perto me zoarem. Elas cantam meu solo e fingem que estão se engasgando.

Os nomes de todas elas estão escritos nos envelopes dentro da minha mochila.

Eu me seguro até chegar dentro do carro.

— Ah, querida — minha mãe diz. — Não foi assim tão ruim.

Enterro a cabeça nas mãos enquanto lágrimas quentes escorrem pelo meu rosto.

Não é apenas o comentário da Claire que me machuca. Quando eu estava no quarto ano, fui uma íris em *Alice no país das*

maravilhas, a peça da escola naquele semestre. Eu tinha um punhado de falas. Eu fingi que aquilo era real e entrei de verdade no personagem. As pessoas caíam na gargalhada quando me viam, mas achei que era um sinal de que eu estava mandando bem.

Um dia antes da apresentação, cheguei atrasada ao ensaio. Todas as outras flores já estavam sentadas num círculo e conversavam sobre algum assunto.

— E quando ela diz as falas daquele jeito estúpido? Se a Maya percebesse o quanto ela parece idiota toda vez que abre a boca — dizia Daisy. — Ela atua tão mal... — E então ela olhou para cima e me viu de pé na porta. Daisy abriu um sorriso de desdém e disse minhas falas numa imitação perfeita. Todas as outras flores caíram na gargalhada.

Eu me escondi no banheiro, encharcando meu moletom de tanto chorar.

E agora, quando olho para minha vida, consigo ver a piada que ela se tornou. A risada de Daisy ainda ecoa na minha cabeça.

E será que foi nisso que deu minha experiência — pessoas que fingem ser minhas amigas para depois serem cruéis comigo quando mais preciso delas? Por que acreditei que eu era algo além de uma piada interna? Carlos Sanchez estava certo. A Kenzie estava certa. Não sou especial. Sou apenas uma menina maluca que usa sapatos de avó. Não tenho a menor coragem.

Desculpe, Betty Cornell. Eu tentei.

A popularidade não é real.

Para mim, chega.

Sexta-feira, 18 de maio

Terça à noite e, enquanto estava deitada na minha cama, jurei para mim mesma que iria desistir de toda essa parada de popularidade. Quando me arrastei de volta para a escola nos últimos dias, as

garotas do coral sussurraram. Na aula de álgebra, Nicolas pediu-me que eu sentasse ao lado de outra pessoa. Na hora do almoço, não recebi nenhum convite para as mesas de outras pessoas. Simplesmente me sentei com meu próprio grupo de Párias Sociais (que se tornaram distantes). Meu cabelo estava desgrenhado; minhas roupas, amarrotadas; e as pérolas pareciam fora de lugar. Tudo aquilo só me machucava.

E prometi que nunca mais escreveria outra entrada neste diário.

E então aconteceu.

Outro envelope chegou por e-mail esta tarde. Era da filha da sra. Cornell, Betsy. Dentro dele, estavam algumas fotos de família.

É incrível ver Betty como uma avó. Acredite ou não, ela parece muito com aquela jovem mulher dos anos 1940. O sorriso e os olhos brilhantes continuam exatamente os mesmos. Nas fotos, Betty está com o marido, os três filhos, seus cônjuges e nove belos netos. Eles parecem muito felizes.

Ver as fotos e a carta escrita com tanto capricho me faz perceber que não estou sozinha. Tenho a Betty Cornell e a filha dela ao meu lado. Isso tem que significar alguma coisa.

Será que posso simplesmente jogar tudo para o alto? Cheguei tão longe, dei tanto duro. Acho que, ao ver tudo ir abaixo, me esqueci de todas as coisas boas que também aconteceram.

Mas não sei o que fazer no pé em que estou.

Como encontrarei novamente toda a minha confiança e força interior?

Sábado, 19 de maio

Acordo com o sol entrando pela janela como se quisesse tentar convencer os ocupantes da nossa casa de que as coisas iriam melhorar. Pobre sol. Está longe de fazer um bom trabalho.

Finalmente arrasto meu corpo para fora da cama. À mesa da cozinha, tento descobrir o que fazer em seguida. Já que não vou dar uma festa esta noite, acho que tenho que lidar com o fato de que preciso arrumar um par para o baile.

Pego uma folha de papel e escrevo, distraída, em letras garrafais:

QUEM CONVIDAR PARA O BAILE

DANTE

Dante é meu amigo mais próximo. Como um irmão mais velho, ele me zoa e cuida de mim, mas há outra pessoa que ele idolatra, o que me leva ao próximo carinho.

FRANCISCO

Francisco também seria divertido, mas ele odeia com todas as forças essas cerimônias da escola. Estremeço ao escrever o próximo nome.

ADRIANO

Eca! Risco o nome dele da lista.

LEON

Ele provavelmente ficaria com muita vergonha de ir ao baile. Fico com medo de que ele seja zoado por ter um par. Que tipo de pessoa eu seria se o pedisse para fazer isso?

NICOLAS

Faço uma pausa enquanto escrevo o nome dele.

Ele é o garoto mais maduro que eu conheço.

E o mais fofo.

Só que ele tem uma namorada.

Rasgo a lista e deito a cabeça na mesa. Minha festa e o baile deveriam ser o ápice do que aprendi este ano. Por que tudo está ruindo?

Do nada, entro naquela *vibe* de "está-tudo-errado".

Imagens dos últimos nove meses passam como um filme na minha cabeça.

Quando foi que cheguei mais perto de ser popular? Não foi quando perdi peso. Não foi quando mudava de penteado todos os dias. Não foi quando endireitei minha postura, tentei usar maquiagem ou vesti uma saia. Não foi quando eu procurava as marcas da cinta nas minhas coxas nem quando ganhei dinheiro.

Foi quando eu falei com as pessoas. Foi quando abri meu círculo de introversão e permiti que todos entrassem dentro dele. Foi quando eu incluí todo mundo. E isso é exatamente o que não acontece quando falamos de uma festa ou um par para o baile.

Catalina disse que “todo mundo” foi convidado para a festa da Allison.

Bem, “todo mundo” não é o termo mais adequado. Allison não me convidou. E isso machuca muito. Ao ir ao baile com uma única pessoa ou ao dar uma festa, eu estaria fazendo exatamente a mesma coisa. Eu não seria nada inclusiva, porque sempre estaria deixando alguém de fora.

Como um raio, vejo que há outro caminho.

As batidas do meu coração reverberam nos meus ouvidos, aceleradas. Tenho a impressão de que estou prestes a *voar*.

Sei o que tenho que fazer!

Betty Cornell, descobri meu *grand finale*.

Segunda-feira, 21 de maio

— Kenzie, eu tive a ideia mais brilhante para a gente. Se conseguirmos fazer o que eu estou pensando, vai ser incrível. Mas o único jeito dessa parada funcionar é entrarmos de corpo e alma nesse plano. Você faria isso por mim?

Ela ergue os olhos do celular e suspira.

— Ai, isso vai ser ruim, não vai?

— Não, mas você precisa prometer que vai estar comigo, para o que der e vier.

— Que seja — ela diz, mas por mais evasiva que tenha sido a resposta, fico feliz por ouvi-la. É a forma da Kenzie concordar. Lembro-me do dia em que ela me abraçou no corredor após a morte do sr. Lawrence. É impossível achar que minha amiga seria capaz de me dar as costas.

— Kenzie. — Eu a pego pelos ombros. — Vou convidar todas as pessoas que não têm par para o baile na sexta para irem comigo. — Olho bem nos olhos dela. — Com a gente. Juntos, formaremos o grupo mais incrível. Como o final de um daqueles filmes bregas dos anos 1980.

Ela fecha os olhos, solta um gemido e esfrega as têmporas como se minha ignorância lhe causasse dor de cabeça.

— Olha só, Kenzie, imagine o que a gente pode fazer. Podemos mudar a escola! — Estou praticamente implorando. — Você sabe que ninguém vai ao baile se não tiver um par. A gente pode mudar isso!

Kenzie solta uma lufada de ar e balança a cabeça.

— Maya, nossa pequena hierarquia é o que impede esta escola de entrar em colapso! — Ela ergue as mãos no ar. — Essas panelinhas são o que mantêm nosso frágil senso de ordem. Imagine como seriam nossas vidas sem elas! Isto aqui seria o mais completo inferno! Se nos unirmos, uma pessoa ruim poderia ser a nossa ruína. Posso até ver: alguém decide fumar maconha e logo todo mundo resolve entrar na mesma onda. Os grupos são meios de autopreservação, o que nos separa dos *cholos* e dos *gangsters*. Você está pisando em gelo fino, minha amiga, e, acredite em mim, essas regras já estão muito bem estabelecidas. Estamos todos na ordem certa. Tome cuidado com o que você está prestes a começar!

Solto um suspiro.

— Kenzie, você é a rainha do drama.

Ela coloca o oboé nas minhas mãos para que possa alisar seu rabo de cavalo, que ficou desgrenhado durante seu monólogo ardente.

— Vamos pelo menos tentar. — Olho para ela, implorando. — Vou me mudar... — Odeio ter que tirar meu trunfo da manga, mas às vezes é a única coisa que funciona. — Eu amo essas pessoas...

Ela bufa.

— É verdade! — Lembro das meninas do coral e percebo que não estou mais chateada. Sorrio para Kenzie. — Há tantas pessoas gentis e maravilhosas aqui, preciso que você tome conta delas, tá? Esteja presente quando elas precisarem. Mostre o quanto você se importa. Essa é a melhor maneira de fazer isso! Podemos fazer o que quisermos!

Ela reflete por um momento e pega de volta o estojo do oboé.

— Tudo bem, só não use meu nome.

— Combinado... E então, Kenzie, você vai ser uma das pessoas que vai comigo ao baile?

Ela finge que vai se enforcar. Não consigo me conter e lhe dou um abraço. Ela me afasta.

— Você manda muito bem — elogio.

— Que seja.

* * *

Pessoas que chamei para irem comigo ao baile e suas respostas:

- Todo o meu grupo de Párias Sociais. Francisco precisou ser convencido. Lembrei que vou me mudar, e ele disse que talvez iria.
- Duas Garotas Góticas Artistas. Uma delas respondeu que não iria, mas depois que fiz contato visual,

implorei e tentei vender minha ideia da melhor forma possível, ela disse que ia pensar a respeito.

- Uma das Garotas do Vôlei respondeu que não, mas aí informei que eu usaria o cabelo solto e faria cachos, então ela concordou, ainda que de má vontade.
- Um menino da mesa de Gabriel falou que não ia. Talvez ele mude de ideia.
- Uma garota da minha turma de inglês disse que iria só por minha causa.
- Beto foi de "Sem chance!" para "Pode ser..".
- Acho que convenci mais três Geeks do Coral, mas não me deram certeza.
- Uma garota que senta perto de mim na aula de literatura primeiro disse que não, mas aí eu e a melhor amiga dela nos unimos para convencê-la e então ela concordou.
- Chamei um dos meninos do coral, e ele disse que iria e faria parte do meu grupo.

* * *

Depois da aula, vejo Leon na biblioteca.

— Você vai ao baile? — pergunto.

Ele faz que não com a cabeça.

— Não vou a essas festas.

— Pois deveria ir. Você pode ficar com meu grupo de amigos. Vai ser megadivertido!

Ele concorda, movendo a cabeça mais uma vez.

— Muito obrigada, Maya.

Mais um nome para minha lista.

Vou praticamente aos pulos para casa.

Pode até parecer que consegui reunir bastante gente para nosso grupo, mas ainda não é o suficiente. Realmente preciso aumentar esse número amanhã. E, de alguma forma, preciso fazer com que a Kenzie se empolgue com a ideia.

Terça-feira, 22 de maio

Estou novamente fazendo compras no brechó com minha mãe. Só que dessa vez não estamos procurando roupas, saias ou suéteres no estilo da Betty. Agora, estamos em busca de algo que nunca comprei antes.

Um vestido de adulto.

Decido seguir o conselho da sra. Cornell, e compro um vestido azul. A missão se mostrou muito mais desafiadora do que parecia quando eu e minha mãe caminhávamos para examinar fileiras e mais fileiras intimidadoras de vestidos de noite.

Começamos a fuçar as araras, que parecem intermináveis, mas os estilos são apenas dois: uma vovó coberta de brim ou uma *stripper* coberta de lantejoulas. Não consigo achar um vestido que fique no meio-termo.

Corro os dedos por centenas de modelos até que vejo o vestido.

Quando eu o visto no provador diante do espelho, mal me reconheço. Minha mãe bate à porta e deixo que ela entre. Ela ergue as sobrancelhas e sorri.

— É esse que você quer?

— Ah, é sim — eu respondo.

Quarta-feira, 23 de maio

— Maya, acho que vou fazer xixi na calça.

— Eu estou do seu lado.

Pego a mão de Kenzie, que está pegajosa e trêmula, e digo:

— Amo muito todos eles e vou ensinar-lhe a amá-los também. Só que, antes, você tem que deixar de ter medo. Eles não poderão feri-la, se você não deixar.

— Não vou conseguir fazer isso... Onde eu estava com a cabeça quando concordei em ajudar você?

Ela tenta se soltar e se sentar novamente à nossa mesa de Párias Sociais, mas pego de novo o braço dela e a puxo para a frente.

— Você prometeu, com cem por cento de certeza.

A essa altura, já nos aproximamos da primeira mesa.

— Qual é, vai ser exatamente como ensaiamos.

— Maya, vou querer algo em troca por estar fazendo isso.

Kenzie arrasta os pés enquanto anda.

— Tudo bem.

Eu me preparo para algum pedido profundamente filosófico. Ela engole em seco e pergunta:

— Sabe aquele fio elástico para fazer bijuterias? Você tem um pedaço?

Solto uma gargalhada.

— Tenho, Kenzie, eu te dou meu rolo.

Ela balança a cabeça, concordando:

— Tudo bem, irei com você.

O refeitório está lotado, mas já faz semanas que não sou mais intimidada por todas as panelinhas ali presentes. Eu procuro um lugar para sentar, bem no meio, à mesa do Clube de Espanhol. Kenzie fica de pé ao meu lado, desconfortável, jogando o peso de um pé para o outro.

— Ei, galera, vocês vão ao baile? Kenzie e eu adoraríamos se vocês fossem com a gente e fizessem parte do nosso grupo.

Eles param de mastigar e olham para cima. Kenzie lhes lança um meio aceno e tenta sorrir. Não tem como não amá-la.

Eles olham um para o outro, boquiabertos. Por fim, um deles fala:

— Vamos pensar a respeito...

Percorreremos todas as outras mesas do refeitório. As pessoas não conseguem entender muito bem o que estamos fazendo. Elas perguntam se estamos desesperadas. Elas perguntam se somos *stalkers*. Mas a gente (eu, pelo menos) contorna esses comentários e segue em frente. No começo, Kenzie parece nauseada, mas depois de cinco ou seis mesas, ela se empolga. Logo ela já está falando do nosso plano sem que eu precise dar nenhuma deixa.

Quando o sinal toca, sorrio para ela.

— Você conseguiu.

— Quase vomitei... duas vezes!

— Olha só para você, Kenzie. — Eu rio. — Estou lhe passando o meu legado.

Ela solta um grunhido, mas não nega o que eu disse enquanto caminhamos até nossa próxima aula. No meio do corredor, ela me para.

— Maya, acho que não poderei ir ao baile.

— O quê!?

Perco o chão.

— É que eu, bem... tenho um lance lá da igreja.

Balanço a cabeça, tentando entender o que ela está me dizendo.

— Kenzie, no início do ano você decidiu que era ateia.

— Eu não vou.

— Kenzie, eu... — tento encontrar as palavras — preciso de você. Até comprei um vestido, tudo bem que foi no brechó, mas mesmo assim... preciso de você!

— Você vai se virar bem sozinha. — Ela então se vira e vai para sua sala.

Como ela pode simplesmente me abandonar?

Mas antes que meus pensamentos possam me conduzir até aquela velha estrada escura e assustadora, faço com que eles recuem. Até agora, fiz tudo sozinha neste projeto. Vou ficar bem, não importa o que aconteça.

* * *

Quinta-feira, 24 de maio

Esta manhã, durante a aula de álgebra, abro meu caderno. Olho para um das páginas e vejo o título: "Significados da popularidade". Quase me engasgo. Com todo o meu drama recente, esqueci-me da minha busca pelo real significado dessa palavra tão poderosa e cercada de mistério. Sinto um aperto no peito.

E então eu me lembro de que hoje é a excursão do oitavo ano à pista de boliche. Ainda tenho tempo. Pego uma caneta e começo a perguntar às pessoas da minha turma qual é o significado de popularidade. Somos enviados para os ônibus e continuo minha pesquisa. Meu caderno começa a ficar repleto de opiniões.

- "Ter que ser o centro das atenções. Dar sempre um show."
- "Ser diferente das pessoas comuns."
- "E encaixar-se."
- "Ser legal com as pessoas e um bom aluno. Ter amigos. Esse é o lado bom, pelo menos. O lado ruim de ser popular é que você finge ser alguém que não é. Essa nunca será a resposta."
- "Se sentir confortável em qualquer ambiente."
- "As pessoas gostarem de você e desejarem estar ao seu redor. Todo mundo pedir sua opinião e você ser respeitado."

- “Todos gostarem de você e a considerarem uma amiga.”

Fiz então uma segunda pergunta: “Você acha que qualquer pessoa pode se tornar popular?” Para minha surpresa, ninguém acha que isso é possível. E a última pergunta foi: “Você se considera popular?”.

Todos deram a mesma resposta: “Não”.

— Obrigada — agradeço às pessoas que entrevistei. — Não se esqueça de ir ao baile, tá? Você pode ficar com meu grupo.

Somos todos conduzidos até o boliche, o prédio pintado com cores berrantes que testemunhou o horror da minha mais dolorosa bola fora: a festa de aniversário da Kenzie. Enquanto meus colegas escolhem as pistas e as bolas, vago entre as mesas convidando todos para o baile e perguntando quais são suas perspectivas em relação à popularidade.

Começo com a galera impopular.

Depois de uma hora, olho ao redor e vejo que já falei com todo mundo, menos com as pessoas populares — as Garotas do Vôlei e a Facção do Futebol. Já recebi várias respostas e, surpreendentemente, todas pareciam ser quase as mesmas. Fico imaginando se as pessoas populares, aqueles que estão no topo da pirâmide social, definem essa palavra da mesma forma que nós, que olhamos para eles lá de baixo.

Preciso descobrir.

Carlos Sanchez não foi à aula hoje, mas seu amigo Pablo está aqui, junto com os outros meninos do futebol. Faço minhas perguntas. Eles riem e entram numa discussão animada sobre o assunto.

- “Caminhar de uma forma descolada e sofisticada.

Você tem que ser confiante. Jamais seja tímido.”

- “Andar com a galera certa.”
- “Ser descolado.”

— Então — bisbilhoto — vocês acham, galera, que qualquer um pode se tornar popular?

— Claro. Qualquer pessoa pode fazer isso.

— Mas você não precisa se preocupar com essas coisas, Maya. Você é superpopular. Todo mundo sabe quem você é.

AH! MEU! DEUS! Eles simplesmente usaram a palavra com P para me descrever! A galera mais popular da escola acabou de me incluir na mesma categoria privilegiada em que eles estão!

Sorriso, apreensiva, mas, por dentro, meu coração está prestes a pular do peito. Tento me controlar para fazer minha última pergunta:

— E, aí, vocês se consideram as pessoas mais populares da escola?

Essa questão pareceu incomodá-los.

— Bem... É... Não acho que sejamos os mais populares.

— Estamos bem no alto da pirâmide, mas não no topo.

— Na verdade, não.

Como assim?

Neste momento, tenho a impressão de que toda a pirâmide social vem abaixo. Como pude ter acreditado nessas coisas com tanta fé? *Popular* é apenas uma palavra que nem ao menos qualifica as pessoas maravilhosas, interessantes e incríveis que conheci.

De repente, entendo que não existe pirâmide alguma.

Somos todos iguais.

Quando me despeço e deixo a mesa, percebo que eles ainda estão falando do assunto, compartilhando seus pontos de vista sobre o que torna alguém conhecido.

Encontro Nicolas, minha última decepção amorosa, sozinho em uma das mesas, e me junto a ele, exausta. Ao meu redor, continuo a ouvir a palavra. “Popularidade” é o tema de todas as conversas. O

burburinho enche a já barulhenta pista de boliche e cada par de lábios.

— E então, alguém respondeu “sim” à sua pergunta? — ele quer saber.

Olho para Nicolas e me flagro abrindo um sorriso. Percebo que ele prestou atenção às minhas entrevistas.

— Não. Inacreditável, não é?

— Sabe — ele reflete —, eu nunca havia nem mesmo parado para pensar sobre esse assunto até você vir e conversar comigo a respeito disso. Agora vejo que a popularidade tem muito mais a ver com atitude do que eu tinha imaginado.

Um garoto se senta em frente a nós. Não consigo me conter e também lhe faço as perguntas.

— Eu acho — ele diz depois de pensar por um momento — que a única maneira de ser popular é fazer algo perigoso... e assustador. Alguma coisa que ninguém mais queira fazer.

Essa declaração descreve minha vida com perfeição. É exatamente isso o que eu tenho feito desde setembro!

E, nesse momento, os professores nos chamam e dizem que é hora de ir embora. Nicolas olha para mim, e vamos andando até o ônibus.

Quando voltamos à escola, ele abre a porta para mim. Eu sorrio.

— Ei, Nicolas, você vai ao baile? — Sinto a esperança crescer na minha voz. — Se der para você ir, podemos nos divertir.

— Você vai com quem? — ele quer saber.

Estou prestes a responder que não vou com ninguém, mas então me dou conta de que isso está longe de ser verdade.

— Com todo mundo — confesso literalmente.

Ele olha para baixo e ajusta os óculos sobre o nariz.

— Não posso. — E se afasta, olhando para o chão.

Não há mais nada a ser dito.

* * *

Se você dança mal, faça aulas. Uma garota que vive se desculpendo por pisar nos pés do parceiro raramente será tirada para dançar. Os rapazes são meticulosos nesses quesitos. Apesar de eles próprios poderem ser péssimos dançarinos, os garotos esperam que as moças dance bem. Pode ser injusto, mas é verdade.

Devido à minha falta de coordenação, decido que preciso levar esse conselho a sério. Minha mãe é uma dançarina incrível, por isso peço que ela me ajude.

— Eu adoraria, Maya.

Ela sorri e começa a fazer alguns movimentos que aprendeu nas suas aulas de zumba na academia. Fecho os olhos até ter certeza absoluta de que ela parou de dançar.

— Não acredito que você queira mesmo que eu dance assim na frente de outras pessoas. Tenho certeza de que o papai me mataria.

Ela me ensina como bater os pés, de acordo com o ritmo, durante as músicas rápidas.

— Você precisa ouvir a batida.

Brodie observa, segurando sua última criação de Lego, só que meu irmão é tão ligado nos 220 volts que é quase impossível ensinar-lhe qualquer coisa. Ele está muito ocupado pulando de um lado para o outro para perceber que cada música possui seu próprio tempo. Mesmo assim, tenho que admitir que ele dança de um jeito muito *inovador*. Minha mãe me mostra que não tenho apenas que mover os pés, mas também os braços.

— Fique solta. Sinta a música.

Não sinto nada além de um incômodo. Depois de praticarmos com mais algumas canções, ela decide mudar de tática.

— Tudo bem, agora vou ensinar como dançar as músicas lentas: Brodie, coloque a mão direita na cintura da sua irmã... Não, a direita é a outra mão. Agora sim!

— Mãe! Os olhos dele batem no meu peito! Você não faz ideia de como isso é constrangedor.

— Maya — minha mãe suspira com as mãos na cintura —, você pode ter que dançar com meninos mais baixos algumas vezes na sua vida. É melhor se acostumar desde cedo.

Solto um grunhido, mas então me dou conta de que eu deveria estar usando as sandálias de tiras e saltos altos que comprei no brechó (e que certamente vão acabar com meus pés). Corro até meu quarto e as calço. É meio difícil andar com elas, mas mesmo assim são lindas. Desfilo de um lado para o outro pelo corredor até que me sinto confortável o suficiente para andar sem cair ou me matar. Ouço a porta da frente se abrir e percebo que meu pai chegou em casa.

Quando volto ao quarto dos meus pais, minha mãe, o Brodie, meu pai e uma Natalia completamente pelada (não me pergunte por quê) formaram um círculo e estão dançando “Single ladies”.

Sexta-feira, 25 de maio

Um vestido bonito... sapatos delicados, uma joia radiante, luvas brancas impecáveis, todos esses itens dispostos sobre sua cama são um sinal claro de que um grande baile está por vir. O ar está repleto de excitação e de farfalhos de lenços de papel. O banheiro está úmido de vapor e você nunca esteve mais limpa na sua vida. É difícil acreditar que, após tanta espera, a grande noite finalmente chegou.

As palavras de Betty Cornell, escritas há tanto tempo, resumem belissimamente a ocasião.

Meu vestido pendurado no armário do banheiro é uma visão quase intimidadora. Esfrego o cabelo e tento não olhar para ele. Aplico o xampu duas vezes até que as mechas percam a aparência oleosa e se tornem suaves e macias. Passo o condicionador e ignoro os roncões do meu estômago. Estou de dieta novamente, o que

significa que durante toda a semana não fiz nenhum lanchinho entre as refeições nem toquei na sobremesa.

Minha mãe faz rolinhos no meu cabelo, que caem em ondas pelos meus ombros. Ela faz piadas por eu estar tão quieta e me diz o quanto estou bonita. Eu sorrio, mas secretamente meu coração está batendo acelerado. É difícil afastar as dúvidas da minha cabeça. Por que eu não dei aquela festa? Vai ser dez vezes mais difícil ir à formatura sozinha e pedir que as pessoas tirem uma onda junto comigo. E se ninguém que eu convidei aparecer? E se eu for a única sem um par?

Lavo o rosto e fecho os poros com gelo. E então passo pó. Minha mãe implora para maquiar meus olhos, e eu deixo. Mas só um pouquinho, por causa do conselho da Betty. Passo um pouco de *gloss* e escovo meus cachos macios para longe do rosto.

É isso.

Com todo o cuidado, passo o vestido sobre os ombros. E depois me olho no espelho.

Não me reconheço.



Saindo para o baile

Minhas pernas parecem ser dez vezes mais longas e esguias com os sapatos brancos de saltos redondos. Meus ombros e braços não parecem mais peludos e horríveis, apenas finos e graciosos. E o vestido! Um tubinho feito de tecido leve, sem mangas, com um decote baixo, em um tom de azul-claro e vibrante. Ele termina acima dos meus joelhos, o que me faz sentir como se eu vestisse uma cachoeira. Fluida e poderosa. Meu reflexo é esbelto, ainda que eu

continue tendo curvas. Meu cabelo cai pelos ombros em ondas sofisticadas.

Sorriso e observo meus olhos. Parece haver uma pista de algo diferente, mas não dá para dizer exatamente o que é...

Brodie sobe a escada correndo com um envelope nas mãos, gritando a plenos pulmões coisas sem sentido.

— Maya, é ela [ofegante], ela escreveu [ofegante] envelope, Betty [ofegante]!

Arranco o envelope das mãos dele e o abro como se fosse um animal esfomeado. É mesmo uma mensagem da Betty Cornell.

Querida Maya,

Recebi sua carta e sua foto. Você é exatamente como eu imaginei, tendo em vista o que você escrevia...

Meus anos no ensino fundamental... Eu era como você e suas amigas, com medo de entrar num novo mundo com novas regras, novos professores e um monte de novos alunos que eu não conhecia. Como você, me obriguei a conversar com os alunos novos, entrei em vários clubes diferentes...

Você merece elogios por ajudar outras meninas a saírem das suas conchas. Essas moças se recordarão da sua gentileza. Continue com o bom trabalho. Estou ansiosa para ouvir sobre sua festa e suas pérolas.

*Sinceramente,
Betty Cornell*

Seguro a carta junto ao meu corpo e, de repente, não me sinto mais tão assustada. Não estou sozinha. Betty Cornell, a mulher que mudou minha vida, estará comigo em espírito, mesmo se ninguém der as caras.

Brodie reaparece e fica de pé no batente da porta. Percebo que ele está pingando.

— O que aconteceu? — pergunto ainda agarrada à carta.

— Papai e eu estamos lavando o carro para que você chegue ao seu baile *com estilo*.

Um sorriso brota nos meus lábios.

— Vocês são maravilhosos!

— Foi ideia do papai. — Ele olha para mim de cima a baixo e assobia. — Você está ótima. É como se a própria Betty Cornell tivesse abençoado você.

— Muito obrigada, Brodie, por tudo.

Ele abre o maior sorriso e desce as escadas correndo.

Ergo uma das mãos para pegar os óculos, mas então desisto. Posso enxergar muito bem sem eles. E, além disso, não preciso de desculpa para ter que me esconder.

Fecho meu colar de pérolas atrás do pescoço e envolvo meus ombros com um xale branco. Dou uma última olhada no espelho e, pela primeira vez em toda a minha vida, me sinto... bonita.

Minha mãe tira algumas fotos e me dá um grande abraço. Posso sentir que estou tão alta quanto ela, principalmente por causa dos meus sapatos novos.

— Amo você, Maya. O que quer que aconteça, estou orgulhosa de você.

Ela me leva até o lado de fora, onde nosso Chevy Malibu está tinindo de limpo, e meu pai abre a porta do carro para mim. Em cinco minutos estou lá, diante da escola. Meu pai sorri e pergunta se quero que ele entre comigo.

— Se você me der algum tempinho para me trocar, então talvez... — Ele olha sua camiseta larga e os shorts esportivos. — Eu estou me sentindo um pouquinho malvestido, sabe como é...

Amo tanto o jeito do meu pai quando ele fica sem graça.

— Papai, você *lavou o carro* para mim.

— Eu sei, mas mesmo assim... Se a gente pudesse esperar só mais um pouquinho, eu entraria com você.

— Amo muito você, mas tenho que fazer isso sozinha.

Ele balança a cabeça, concordando.

— Tudo bem. Meus pais também me levaram ao meu primeiro baile. Eu fiquei tão nervoso que chamei o Raul o caminho inteiro, e meu hálito cheirava a vômito. Mas não acho que sua experiência será parecida com a minha.

Eu me sinto enjoada e mudo de assunto.

— Talvez eu devesse ter dado uma grande festa. Seria mais fácil do que fazer isso. Vou ter que incluir todo mundo e estou morrendo de medo.

— Você está crescendo tão depressa. — Ele sorri. — Você está simplesmente linda, Maya. Essa era a coisa certa a ser feita. — Ele me beija na bochecha.

Eu o abraço com tanta força que dói. E, então, fecho a porta.

Caminho até o refeitório para encarar meu destino.

* * *

Luzes vermelhas e verdes vindas do palco são as únicas coisas que consigo distinguir no salão escuro até que meus olhos se acostumem. A música é ensurdecadora, e vou andando aos tropeções por causa dos meus saltos, sem muita certeza de onde estou. E, de repente, umas meninas que convenci a fazerem parte da minha galera correm até mim. São Garotas Góticas Artistas.

— Nem reconheci você — uma delas diz. — Você está incrível!

Solto uma gargalhada, impressionada por elas realmente terem vindo.

Sorrio e retorno os elogios. Consigo finalmente ver a pista de dança. Está completamente vazia. Ninguém começou a dançar.

Converso um pouco com as meninas, antes de perguntar se elas querem dançar comigo.

— Sem chance! Só vamos quando todas as outras pessoas forem.

— Estou com muito medo!

E então, a maior galera vinda de trás de mim sequestra minha atenção. Sou cumprimentada com os costumeiros beijinhos no rosto.

Levo alguns minutos para me dar conta de que são as Garotas do Vôlei, que abandonaram seus acompanhantes num canto.

— Uau, Maya, você está tão linda!

— Você também — digo. — Alguma de vocês quer dançar?

— NÃO! Só vamos quando tiver mais gente na pista.

— Oh! — eu lamento. Há apenas umas vinte pessoas por aqui até agora. Ando pelo salão chamando a galera para dançar comigo, com ou sem um par. Todos recusam meu convite. Continuo com minha ronda até chegar novamente ao grupo das Garotas Góticas Artistas.

É então que percebo uma menina que está de pé sozinha, batendo os pés de acordo com a melodia da música e cantando baixinho. Eu não a conheço, mas sei que ela é um dos estranhos que convidei para virem ao baile comigo.

Pego a mão dela e a arrasto para a pista de dança. Ela fica vermelha, mas sorri. Somos as primeiras e as únicas pessoas a dançar. Começo a balançar de um lado para o outro, movendo os braços como minha mãe me ensinou. A garota e eu giramos um pouquinho, morrendo de rir. Aos poucos, todas as outras meninas que convidei se juntam a nós e criamos um círculo de pessoas sorridentes. Deixo o grupo para pegar mais pessoas pelo braço e trazê-las para perto. Logo de cara, elas fazem que não com a cabeça, mas, ao fim, acabam me acompanhando. Alguns meninos

me veem dançando com as acompanhantes deles e se juntam a nós. Um fluxo constante de pessoas os segue.

Sinto bolhas começarem a surgir nos dedos dos meus pés, mas não dou a mínima. Eu me concentro apenas em incluir todo mundo, saboreando o momento.

Percebo um menino sentado sozinho, olhando para o chão. Amarro meu xale ao redor dos ombros e penso em todas as respostas que as pessoas deram às minhas perguntas.

“Para ser popular você tem que falar com todo mundo”, uma garota tinha dito. Eu sei como é ser deixada de lado. Não quero que aquele garoto tenha essa mesma experiência.

— Ei! — eu grito, já que essa é a única forma de ser ouvida. — Você quer dançar comigo?

Ele dá de ombros e, hesitante, faz que não com a cabeça.

— Vamos lá. — Eu pego uma das mãos dele. O menino me afasta.

— Não.

Dou um passo para trás.

— Tudo bem. — Acho que nem todo mundo está preparado para essas coisas.

Depois de receber a mesma reação de mais três ou quatro garotos, volto para a pista. Danço com mais algumas meninas, tirando-as da sombra rumo às luzes piscantes de neon. Elas riem e brincam. Recebo mais elogios do que posso contar.

Volto para o grupo das Garotas Góticas Artistas. Agora as meninas agarram minhas mãos e me chamam para dançar. Sinto um tapinha no ombro.

— Sabe, quero saber por que minha acompanhante está dançando com outras pessoas.

— KENZIE! — eu berro e a abraço com tanta força que ela quase se desequilibra. Caímos na gargalhada. — Você veio!

— É, você meio que me obrigou.

Ela alisa a estola preta que cai sobre seus ombros nus.

— Você está tão linda! — elogio.

Ela dá alguns passos para trás e olha para mim com a cabeça inclinada.

— Caraca, garota, você precisa me dar o nome desse brechó.

Abro um sorriso tão imenso que até dói. E então pego as mãos dela.

— O que você está fazendo? — Kenzie protesta. — Não sei dançar.

— E você acha que eu sei?

— Não.

— E você acha que eu me importo?

— Tudo bem — ela diz, e balançamos nossos ombros, dançando bem em frente às caixas de som. Tenho certeza de que vou ficar surda.

Com o canto do olho, vejo que a menina mais tímida da escola acaba de chegar. Olivia, um dos membros da nossa mesa de Párias Sociais, está de pé, sozinha, no canto da pista de dança. Corro para cumprimentá-la. Apesar do meu convite para que se juntasse a mim esta noite, não achei que ela viesse.

— Olivia! — Vou até ela. — Quer dançar comigo?

Ela olha para o chão. E então balança a cabeça, concordando. Sorrio, seguro as mãos dela, rodopiamos e rimos como se ninguém estivesse olhando.

Na minha cabeça, ouço as palavras que a sra. Cornell escreveu na sua carta: “Você merece elogios por ajudar outras meninas a saírem das suas conchas. Essas moças se recordarão da sua gentileza. Continue com o bom trabalho”.

Um bom trabalho. Quando vejo Olivia sorrir e gargalhar, começo a acreditar nisso.

Olivia, Kenzie e eu dançamos até o som parar bem no meio de uma música.

O diretor pega o microfone.

— Bem, são sete horas, pessoal. É hora de ir para casa. Tenham um excelente verão e uma excelente vida. Não vamos nos ver no próximo ano.

Aos poucos, como se despertássemos de um sonho, todos nós caminhamos sob o sol que se põe. Lembro-me das palavras de Betty: “Ao dar boa noite ao seu acompanhante, diga a ele o quanto você se divertiu. Faça com que ele sinta que você teve realmente momentos maravilhosos (...). Permita que ele saiba que você está agradecida”.

Kenzie me dá um abraço.

— Obrigada por ter vindo — digo. — Significou tudo para mim.

Enquanto minha mãe me leva embora, ela pergunta:

— E aí, como foi?

Penso em todos com quem dancei. Todos os caras e garotas que arrastei para a pista de dança, tornando-os parte de um único grande grupo.

— Divertido... — comento.

Mas então me lembro de todas as pessoas que convidei e que não deram as caras. Eu me flagro com saudades delas, desejando que tivessem compartilhado toda essa magia.

— ... E triste. — Olho pela janela para os carros que passam pela gente.

Quando chego em casa, escovo o cabelo, desfazendo os cachos, e tiro a maquiagem. Para minha surpresa, me sinto linda. Não encantadora, mas linda.

Estou prestes a apagar a luz do banheiro quando flagro o reflexo dos meus olhos no espelho. Há algumas horas, eu não fazia a menor

ideia do que havia feito com que eles parecessem tão diferentes. Agora, é inegável. Bem lá no fundo daqueles olhos castanhos vejo algo que nunca percebi antes: força, coragem, confiança... e fogo.

Independentemente do que acontecer daqui para a frente, não terei mais medo.

Quinta-feira, 31 de maio

É a última tarde de aula. Sento ao lado de Kenzie quando voltamos de ônibus para casa pela última vez. O calor e a umidade são quase insuportáveis.

Ela sorri para mim, mas posso ver que há lágrimas nos seus olhos.

Digo as palavras que estão tanto na minha mente quanto na dela:

— Meu Deus do céu, como passou rápido.

Ela solta uma risada sem o menor humor e morde o lábio.

— Ei, me deixa ver o que todo mundo escreveu no seu livro do ano.

Abro o volume. Há assinaturas em todas as páginas, apertadas até mesmo nas margens. Ela assobia, impressionada.

— Kenzie, você já se sentiu como se fosse ser esquecida? — eu pergunto. — Tipo, estive pensando, torcendo para que eu tenha mais do que sobrevivido ao ensino fundamental. Quero ter deixado alguma marca.

Mais que depressa, ela arregala os olhos:

— Você tem uma caneta?

— Claro. — Tiro uma da minha mochila. Ela a arranca da minha mão e se inclina sobre o banco na frente do nosso. Eu a observo, boquiaberta.

— Olhe para o outro lado, Maya! Pare de fazer com que isso fique óbvio! — Ela aperta os lábios e se concentra. — Pronto! — Ela

se recosta no banco, admirando sua habilidade manual. — Terminei...

Eu me curvo para ler o que ela escreveu.

M.V. & K. H.

MELHORES AMIGAS PARA SEMPRE

Solto uma gargalhada.

— Você não é a única que escreveu em espaço pertencente à escola.

Ela ergue as sobrancelhas.

— O que você quer dizer?

— Eu escrevi na parede do banheiro das meninas. Em uma das cabines. Minha mensagem está em cima de um “Vai se danar, Britney”.

— Legal. O que você escreveu exatamente?

— Algo que eu espero que valha a pena ser lembrado.

Kenzie descansa a cabeça no meu ombro enquanto olhamos pela janela os carros que passam pela gente. Ambas sorrimos.

— Nós conseguimos — ela diz.

— É, nós conseguimos — eu sussurro, pensando na mensagem que deixei na cabine do banheiro, pequena e insignificante, ainda que seja um resumo de todas as lições que aprendi este ano:

A verdadeira popularidade está em reservar
um tempinho para amar os outros,
entrar em contato com as pessoas e
nunca ter medo de ser a primeira a dançar.
LEMBRE-SE DA GAROTA COM O COLAR DE PÉROLAS.

* * *

Dica final de popularidade da Maya

A popularidade é mais do que parece. Não tem nada a ver com roupas, cabelo ou até mesmo dinheiro. Quando a gente abandona esses rótulos, vemos o quão insignificantes e relativos eles realmente são. A verdadeira popularidade está na gentileza e na aceitação. Tem a ver com saber quem você é e como você trata os outros.

O que começou como uma experiência social bizarra me ensinou mais do que eu algum dia achei ser possível.

Todas as vezes em que me senti popular foi porque me aproximei das outras pessoas. Lembro-me de ajudar Isabella na viagem do coral, do Valentine's Day, de escolher mesas diferentes para me sentar na hora do almoço e do baile. Se nos esquecermos dessa conexão, nos esquecemos do que realmente significa ser popular.

Se eu acho que qualquer pessoa pode fazer isso? Com certeza.

Mas não é fácil. Você precisa ser forte. É preciso amar as pessoas pelo que elas são. Depois de passar pela cinta, as luvas brancas e as pérolas, Betty Cornell realmente compreendeu esse princípio.

Talvez você possa se perguntar o que tudo isso tem a ver com popularidade. A resposta é que a popularidade depende da sua habilidade de se dar bem com as pessoas, todos os tipos de gente, e quanto mais você aprender a se adaptar a cada situação, mas fácil será fazer amigos. Você descobrirá que é capaz de realizar essa adaptação de uma maneira muito mais bem-sucedida se tiver tudo sob controle. E a única maneira de fazer isso é conhecendo a si mesma, analisando a pessoa que você é, virando-se do avesso para se transformar de dentro pra fora, como se você fosse um livro antigo que precisa ter a poeira espanada e o conteúdo reorganizado.

Podemos realizar muitas mudanças neste planeta (e nas nossas escolas) ao cavar bem fundo, ao encontrar o melhor de nós e ao brilhar com a luz da paixão. Se tivermos medo do que pode acontecer ou nos preocuparmos com o que os outros podem pensar, é fácil esquecer o que é mais importante.

O mundo é um lugar muito grande, que precisa de mais cuidados. Imagine o que poderia acontecer se fôssemos *realmente* populares. Se todos fôssemos *realmente* amados.

Neste ano, riram de mim e fui elogiada. Fui ridicularizada e cumprimentada. Fui deixada de lado e fui incluída. Porém, apesar de todas essas coisas, tive a sorte de aprender e experimentar o verdadeiro significado dessa palavra tão misteriosa.

Eu, Maya Van Wagenen, me tornei popular.

Epílogo

Quarta-feira, 1º de agosto

E lá estão elas, as pérolas, batendo umas contra as outras no meu pescoço quando subo as escadas correndo. Meus joelhos gritam em protesto, e não consigo evitar o pensamento: que tipo de pessoa constrói uma escola de ensino médio no alto de um monte? Dou graças a Deus por não estar mais usando minha cinta. Imagine só como minha pele ficaria esfolada!

É hora do almoço no meu primeiro dia na nova escola na Georgia e já aceno para uma amiga que fiz esta manhã, uma garota do último ano chamada Esme.

— Você pode sentar-se comigo, se quiser... — ela diz quando ando na direção dela.

— Eu adoraria, obrigada.

Ela sorri, e nos sentamos à mesa. Tiro meu almoço de dentro da mochila, um sanduíche de queijo feito com pão integral e um saquinho de uvas. Lembro-me da dieta que eu fiz há quase um ano. Esse cardápio seria muito apropriado.

Cortei o cabelo mais curto. Agora ele mal encosta nos meus ombros. Ainda está comprido o suficiente para fazer um rabo de cavalo, mas quando está solto (como hoje), não me incomoda tanto quanto antigamente.

Eu me sento com a coluna reta enquanto Esme me conta sobre ela e a escola. Não é mais tão difícil manter a postura quanto em novembro, mas ainda assim tenho que me lembrar de manter a coluna ereta.

Estou usando maquiagem hoje. A maioria daquelas primeiras coisas que eu e minha mãe compramos no supermercado no início de dezembro já acabou, mas consegui arrancar um pouco de pó

compacto da embalagem esta manhã, depois de me vestir. Livre das restrições de um uniforme escolar, estou usando uma saia até o joelho com uma blusa azul, um suéter preto e sapatilhas. Meu visual é elegante e passei um pouco de perfume.

De repente, percebo uma menina sentada sozinha, numa mesa, parecendo totalmente fora de lugar. Ela se inclina sobre a bandeja de comida e revira seu purê de batata. Sem hesitar, peço licença e vou até ela.

Neste momento, não sei nada sobre todas as pessoas que vou conhecer este ano. Não sei nada sobre a menina na minha aula de teatro cujo senso de humor leve e a empolgação quase infantil fazem com que eu me lembre de uma certa melhor amiga. Ainda não me apresentei para o garoto cuja inteligência e as maneiras impecáveis são comparáveis a um certo carinha, que sentava perto de mim na aula de álgebra e de quem estive a fim. Não ouvi as palavras “Ei, Maya” vindas de um jogador de basquetebol que sem dúvida alguma é muito parecido com um certo cara que queria ler um livro sobre pombos gays.

A única coisa que sei exatamente agora, enquanto caminho até a menina que se senta sozinha no refeitório da minha nova escola, é o que a Betty Cornell me ensinou a dizer no ano passado:

— Oi, eu sou a Maya.



Minha família na Georgia

Agradecimentos

Sou infinitamente grata a todas as pessoas maravilhosas que tive a oportunidade de conhecer e que trabalharam comigo durante o processo de escrever e publicar este livro. A jornada que transformou um diário cheio de lenga-lenga num manuscrito lapidado foi poderosa e não consigo imaginar como eu teria feito isso sem a ajuda e o apoio de muitas pessoas.

Gostaria de agradecer a Margaret Stohl — por seu constante desejo de ajudar, seus conselhos e sua amizade —, assim como a Stephan Pastis, por ler o manuscrito original e pensar nele o suficiente para fazer com que um maior número de pessoas soubesse da sua existência. Também devo muito a Nick Staller e Ryan Herмосura, que acreditaram tanto na mensagem do livro que largaram tudo para promovê-lo. Um hurra para os Hardy e os Montoya por seu estímulo e por manterem segredo.

É claro que preciso mencionar também a mais incrível das equipes editoriais. Gostaria de agradecer a Dani Calotta, por criar um projeto gráfico tão lindo e permitir que eu fizesse parte do processo que deu vida a essas páginas. Deborah Kaplan foi uma diretora de arte divertida, generosa e espetacular (obrigada pelas roupas!). Rosanne Lauer livrou a(s) minha(s) (quatro) bunda(s) com suas habilidades de copidesque ao catar erros que muitos pares de olhos deixaram passar. Sou extremamente grata a Elyse Marshall, que impediu que eu me perdesse, que manda ver nos saltos altos, é uma amiga incrível e ainda arranja tempo para ser a melhor divulgadora do mundo. Julie Strauss-Gabel fez uma edição de tirar o fôlego, me deu livros (uau, livros!) e me ajudou a crescer como escritora. Foi muito divertido trabalhar com ela e compartilhar suas opiniões sobre o manuscrito desde o iníciozinho. E ela estava certa: a Penguin é a editora com o logo mais fofo. Obrigada a toda a

família Penguin (que são as pessoas mais legais do mundo). Essa galera detona!

Lucy Stilla ajudou a levar a história para um novo público e Cecilia de la Campa está trabalhando para levar *Popular* para o mundo. É um sonho que se torna realidade ver meu trabalho publicado em lugares que sempre sonhei visitar. Daniel Lazar, meu fenomenal agente, merece ser aplaudido de pé por sempre estar um passo à frente, por responder e-mails e ligações praticamente 24 horas por dia e por estar presente em cada uma das etapas do processo. Além de tudo isso, ele é um grande editor e uma grande pessoa.

Agradeço muito a todos os professores que despertaram o melhor de mim, me ajudaram a me aprimorar e me inspiraram a seguir meu sonho. Esse processo começou cedo, com a sra. Hunter, a professora que me ensinou que a literatura poderia ser muito divertida. A sra. Corbeil me ajudou a sobreviver naqueles últimos dois anos de ensino fundamental. Bibliotecários podem mudar o mundo com uma recomendação de livro por vez. E, é claro, agradeço ao sr. Lawrence que deu o seu melhor para mim e para todos os seus alunos. Todas as vezes em que me sento diante do meu computador, me empenho para provar que ele estava certo.

A comunidade de Statesboro transborda apoio e entusiasmo. Apesar de eu não ter nascido na Georgia, eles fizeram com que eu me sentisse bem-vinda e amada. Também gostaria de expressar meu apreço por meu fantástico tio Eric Van Wagenen, que estava sempre há apenas uma ligação de distância. Sem ele, eu nunca teria tido a coragem de correr atrás da publicação deste livro. Meus avós, Richard e Sherry Van Wagenen, também me ajudaram de uma maneira inacreditável por me botarem nos trilhos sempre que eu não conseguia concluir um capítulo. Foram suas ligações impacientes, ameaças amorosas e papos entusiasmados que me

mantiveram escrevendo nos momentos mais frustrantes. Dedico todo o meu amor para meus gloriosos tios, primos, avós e bisavós que leram o manuscrito, enviaram fotos e as compartilharam nessa fase da minha vida. Meu coração está repleto de afeto por Betsy e Bruce Fadem, que me acolheram como parte da sua família.

Meu muito obrigada a meus maravilhosos irmãos: o adorável Brodie, a divertida Natalia e a doce Ariana pela profunda influência deles na minha vida. Tenho uma dívida com Michael Scott Van Wagenen, meu pai, por ter encontrado o livro e não ter se livrado dele, por localizar Betty e por estar disponível para me ajudar e dar conselhos sempre que precisei. Obrigada a Monica Delgado Van Wagenen, minha mãe, por ter tido a ideia e por ter gasto muitas horas lendo e conversando comigo (inclusive até às três da manhã). Sou mesmo abençoada por ter essa dupla como pais.

Sou muito grata aos muitos alunos da minha escola que são os verdadeiros personagens por trás desta história. Sou muito feliz por ter passado aquele tempo em Brownsville, no Texas. Essa aventura não teria se desenrolado do mesmo jeito em nenhum outro lugar.

E obrigada a você, Betty Cornell.

Obrigada por tudo.



CRÉDITOS DAS FOTOGRAFIAS

O *Guia de popularidade para adolescentes*, página 39 (topo); Hailey Kim, página 44; Bob Krasner, páginas 39 (abaixo), 78, 270; Gary Sampson, página 71; Tripod, página 76; Maya Van Wagenen, página 60; Michael Van Wagenen, páginas 23, 33, 42, 83, 84, 120, 131, 136, 155; Monica Van Wagenen, páginas 20, 97, 134, 148, 238, 257; Sherry Van Wagenen, página 273, Yvonne J. Welther, página 47.

[1] *Consommé*: Especialidade da cozinha francesa. Caldo geralmente ralo, feito de carne, aves, peixes ou legumes. (N.E.)

[2] *Bindi* é um adereço utilizado pelas mulheres indianas como um símbolo sagrado. Pode ser uma joia ou uma tintura colorida aplicada no meio da testa, e é considerado um "terceiro olho". (N.E.)

[3] O Valentine's Day nos Estados Unidos é o equivalente ao Dia dos Namorados. Comemorado em 14 de fevereiro, neste dia as pessoas trocam presentes com quem amam, não apenas namorados, mas também amigos. (N.E.)